



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Amanda Tobio Grille Viegas

Sujeitos nulos, tópicos e a satisfação do EPP na aquisição de segunda

língua: a influência do português brasileiro no inglês

Rio de Janeiro

2014

Amanda Tobio Grille Viegas

Sujeitos nulos, tópicos e a satisfação do EPP na aquisição de segunda língua: a influência do português brasileiro no inglês



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marina R. A. Augusto

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

V656 Viegas, Amanda Tobio Grille.
Sujeitos nulos, tópicos e a satisfação do EPP na aquisição de segunda língua: a influência do português brasileiro no inglês / Amanda Tobio Grille Viegas. – 2014.
109 f.: il.

Orientadora: Marina Rosa Ana Augusto.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Aquisição da segunda linguagem - Teses. 2. Interlíngua (Aprendizagem de línguas) – Teses. 3. Gramática gerativa – Teses. 4. Gramática comparada e geral - Sintagma nominal - Teses. 5. Língua portuguesa – Brasil – Teses. 6. Língua inglesa – Estudo e ensino – Teses. I. Augusto, Marina Rosa Ana. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 800.732

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Amanda Tobio Grille Viegas

Sujeitos nulos, tópicos e a satisfação do EPP na aquisição de segunda língua: a influência do português brasileiro no inglês

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 18 de março de 2014.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Marina R. A. Augusto (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima
Instituto de Letras - UERJ

Prof. Dr. Eduardo Kenedy Nunes Areas
Instituto de Letras - UFF

Rio de Janeiro

2014

AGRADECIMENTOS

Terminada mais uma etapa, temos a sensação de mais uma tarefa cumprida. Tomados pelo sentimento de satisfação e alegria pelo dever cumprido, chega a hora de refletirmos sobre todo o caminho percorrido para chegar até aqui e as pessoas que estiveram ao nosso lado durante a caminhada. Como esta vitória não seria possível sem o apoio e compreensão dessas pessoas, chega, então, a hora de agradecer a todos que fizeram parte da nossa trajetória, seja por compartilhar da mesma paixão pela vida acadêmica e profissional ou por fazer parte do nosso cotidiano, dividindo as alegrias e percalços da vida pessoal. Dou início, então, agradecendo...

À prof^a. Dra. Marina R. A. Augusto, minha orientadora, pela gentileza de ter me recebido na UERJ anos atrás, sem nem me conhecer pessoalmente. Agradeço também pelo apoio durante toda a produção da dissertação, pela sua serenidade e paciência. Levarei sempre guardado em minha memória seu exemplo de competência, seriedade, organização, profissionalismo e dedicação à Linguística e ao seu trabalho como educadora. Ter a Marina como minha orientadora foi uma grande honra e um imenso aprendizado para mim. Sou e serei sempre muito grata a ela por todo o aprendizado que me foi proporcionado e pelo crescimento acadêmico alcançado nesse período em que trabalhamos juntas. Com toda certeza, os méritos deste trabalho são, em grande parte e principalmente, dela.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Linguística da UERJ, principalmente aqueles com os quais tive o prazer de aprender durante o curso, como a prof^a. Dra. Anna Elizabeth Balocco, a Prof^a. Dra. Tânia Maria Granja Shepherd e a Prof^a Dra. Sandra Bernardo. Estendo o agradecimento à Prof^a Dra. Magda Bahia Schlee, do Programa de Mestrado em Língua Portuguesa da UERJ, pelos valiosos ensinamentos na disciplina cursada.

A todos os meus professores da UFRJ, em especial ao Prof^o Dr. Mario Eduardo Toscano Martelotta, que nos faz muita falta, e a quem devo meu agradecimento pelo incentivo oferecido quando dei meus primeiros passos, guiados por ele, pelas diversas áreas da Linguística e pelo apoio dado quando descobri minha paixão pela Teoria Gerativa. Com certeza, não estaria aqui hoje escrevendo estas notas de agradecimento se não fosse pelo suporte dado por ele a todos os seus alunos, dentre os quais eu me incluo, amor e dedicação à Linguística e ao trabalho.

Aos meus alunos, adolescentes e adultos, pela paciência e pela disposição da participação nos experimentos conduzidos.

Aos que me ajudaram diretamente na realização deste trabalho, em especial ao Igor Costa (PUC- Rio), pela disposição e paciência em nos ajudar com a análise estatística dos dados desta dissertação. A sua ajuda foi de grande importância para nós.

Aos amigos da vida pessoal, pela amizade constante, pela alegria, momentos de descontração em meio às cobranças da vida acadêmica e por fazerem parte da minha vida. Sejam aqueles amigos de longa data ou aqueles frutos de convivência mais recente, todos companheiros de caminhada, às vezes mais distantes, outras vezes mais próximos, agradeço a todos pela paciência e compreensão de que em alguns momentos não pude estar presente.

Ao Prof. Dr. Eduardo Kenedy Nunes Areas e ao Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima, por terem prontamente aceitado fazer parte da banca e por terem sido tão solícitos, apresentando sugestões para o aprimoramento do trabalho de modo a enriquecê-lo.

Por fim, à minha família e meu noivo, pelo apoio incondicional oferecido ao longo da minha trajetória, pela compreensão em momentos em que a ausência se fez necessária, pelo respeito, companheirismo e união que sempre fez parte da nossa rotina. A eles só posso dizer: Mãe, Fernanda e Raphael, obrigada por tudo!

Só se pode alcançar um grande êxito quando nos mantemos fiéis a nós mesmos.

Friedrich Nietzsche

RESUMO

VIEGAS, Amanda Tobio Grille. *Sujeitos nulos, tópicos e a satisfação do EPP na aquisição de segunda língua: a influência do português brasileiro no inglês*. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Esta dissertação aborda a questão da transferência entre línguas na aquisição de segunda língua/língua estrangeira (L2/FL), mais especificamente, a influência do Português Brasileiro (PB) como língua materna (L1) na aquisição de inglês como L2/FL no que diz respeito ao preenchimento da posição de sujeito pronominal. Esse fenômeno é investigado à luz da teoria linguística gerativista nos moldes do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995) e da psicolinguística, no âmbito das questões de aquisição de L2/FL, ciência responsável por fornecer modelos procedimentais de como a produção e a compreensão de sentenças podem ser entendidas. A discussão sobre o modo como se dá a aquisição de L2 tem se mostrado complexa na literatura. O PB e o inglês diferem em relação à satisfação do traço EPP, responsável pelo preenchimento da posição de sujeito sintático nas línguas naturais. O PB tem se aproximado do inglês quanto ao preenchimento de sujeitos referenciais, mas não no que concerne aos sujeitos expletivos, apresentando ainda construções de tópico-sujeito, características que podem interferir na aquisição do valor paramétrico negativo para sujeitos nulos no inglês. A fim de investigar as mudanças que vêm afetando o PB nesse âmbito e observar o quanto aprendizes de inglês como FL falantes de PB se mostram sensíveis à agramaticalidade de sentenças com sujeito nulo no inglês em diferentes contextos, foram realizados dois experimentos, ambos com uma tarefa de julgamento de gramaticalidade. O experimento piloto foi realizado com aprendizes dos níveis básico e avançado e apresentava dois tipos distintos de sentenças (Tipo 1: sujeito nulo e Tipo 2: tópico + sujeito nulo); e um experimento final com aprendizes dos níveis básico, intermediário e avançado, com três tipos de sentenças (Tipo 1: sujeito nulo, Tipo 2: tópico + sujeito nulo e Tipo 3: conjunção + sujeito nulo). Dada a complexidade da gramática do PB, nossa hipótese de trabalho é de que não se observe uma transferência total, mas o surgimento de uma interlíngua que ora se aproxima, ora se afasta da gramática-alvo, refletindo a sobrecarga de processamento que lidar com as duas gramáticas impõe. Os resultados sustentam a hipótese ao indicar que (i) o valor do parâmetro do sujeito nulo parece ser transferido da L1 para a L2, uma vez que foi encontrado um alto número de respostas incorretas; (ii) a interferência se dá mais fortemente no âmbito dos sujeitos expletivos; (iii) há interferência de restrições gerais da gramática da L1 (restrições a V1) na L2; e (iv) a interferência diminui em função do aumento da proficiência em L2. Além disso, nas sentenças do tipo 2, parece haver uma possível interferência do PB que acaba por mascarar a omissão do expletivo, o que indica uma dificuldade de integração de informações provenientes das limitações decorrentes da necessidade de processar duas línguas em momentos específicos de modo a evitar a interferência da língua indesejada, no caso a L1, que por ainda ser dominante exige mais recursos para ser inibida (SORACE, 1999, 2011).

Palavras-chave: Aquisição de linguagem. Gramática gerativa. Aquisição de segunda língua.

Sujeito nulo.

ABSTRACT

VIEGAS, Amanda Tobio Grille. *Null subjects, topics and EPP satisfaction in second language acquisition: the influence of Brazilian Portuguese on English*. 2014. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

This study focuses on language transfer, more specifically, on the interference of Brazilian Portuguese (BP) as the native language (L1) on the acquisition of English as a second language/foreign language (L2/FL). The phenomenon under investigation is the use of null vs. overt pronominal subjects. The theoretical framework adopted is the generative linguistic theory based on the Minimalist Program (Chomsky, 1995) and psycholinguistics, responsible for providing procedural models in order to explain how production and comprehension of sentences can be understood. There are different proposals in the literature on L2 acquisition. Considering the phenomenon under investigation, the satisfaction of an EPP feature, responsible for the projection of syntactic subjects in natural languages, would be differently parametrized in BP and in English. BP has become similar to English for referential subjects, but not in respect to expletive subjects. Moreover, it presents topic-subject constructions that may interfere in the acquisition of the negative parametric value for null subjects in English. In order to investigate the changes that have affected BP and observe how learners of English as FL that have BP as their native language are sensitive to the grammaticality of sentences with null subjects in English in different contexts, two experiments were conducted, both with a grammaticality judgment task. The pilot experiment was conducted with learners of basic and advanced levels and presented two distinct types of sentences (Type 1: null subject and type 2: topic + null subject), and a final experiment with learners of basic, intermediate and advanced levels, with three types of sentences (Type 1: null subjects, Type 2: topic + null subject and type 3: conjunction + null subject). Given the complexity of BP grammar, our hypothesis is that full transfer will not be observed, but rather the emergence of an interlanguage that sometimes is closer to the target language, sometimes differs from it, reflecting processing difficulties imposed by the heavy demands of dealing with the two grammars. The results support the hypothesis indicating that (i) the value of the null subject parameter seems to be transferred from L1 to L2 since we found a high number of incorrect responses, (ii) the interference occurs more strongly in the context of expletive subjects, (iii) there is interference of general restrictions of the L1 grammar (V1 restrictions) in L2, and (iv) the interference decreases with the increasing proficiency in L2. Furthermore, in type 2 sentences, there seems to be a possible interference of BP which leads to the omission of the expletive, indicating a difficulty in integrating information from the constraints imposed by the need to process two languages at specific times in order to prevent the interference from the unwanted language, in this case L1, which requires more resources to be inhibited once it is still the dominant language (SORACE, 1996, 2011).

Keywords: Language acquisition. Generative grammar. Second language acquisition. Null subject.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Hipótese <i>Full Access (without transfer)</i>	24
Figura 2 -	Hipótese <i>Full Transfer Full Access</i>	26
Figura 3 -	Hierarquia Referencial	42
Gráfico 1 -	Acertos em função do tipo de sentença e nível de proficiência.....	72
Gráfico 2 -	Percentual de respostas corretas em função de nível de proficiência.....	79
Gráfico 3 -	Percentual de respostas-alvo em função do tipo de sentença para o nível básico.....	83
Gráfico 4 -	Percentual de respostas-alvo em função do tipo de sentença para o nível intermediário.....	83
Gráfico 5 -	Percentuais de acerto em função das variáveis independentes.....	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Resultados do teste de comparações múltiplas com os contrastes de Tukey.....	78
Tabela 2	Resultados da análise de regressão logística de efeitos mistos para tipos de sentenças.....	80
Tabela 3	Teste de comparação de Tukey entre <i>tipo de sentença</i> x <i>nível de proficiência</i>	80
Tabela 4	Resultados da análise de regressão logística de efeitos mistos para <i>tipo de pronome</i>	81
Tabela 5	Teste de comparação de Tukey para <i>tipo de pronome</i>	81
Tabela 6	Resultados da análise de regressão logística de efeitos mistos para <i>tipo de sentença</i>	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

L1	Língua materna
L2	Língua estrangeira/ Segunda língua
FL	Foreign Language/ Língua Estrangeira
BP	Brazilian Portuguese/ Português Brasileiro
PB	Português Brasileiro
GU	Gramática universal
PE	Português Europeu
IL	Interlíngua
EPP	Extended Projection Principle/ Princípio de Projeção Estendida
TRL	Teoria de Regência e Ligação
PM	Programa Minimalista
LF	Logical Form/ Forma Lógica
PF	Phonetic Form/ Forma fonética
SVO	Sujeito-verbo-objeto
SOV	Sujeito-objeto-verbo
Agr	Agree/ Concordância
FT	Full Transfer/ Transferência Total
FA	Full Access/ Acesso Total
S ₀	Initial State/ Estado Inicial
S _s	Stable State/ Estado Estável
NP	Noun Phrase/ Sintagma Nominal
vP	Light Verbal Phrase/ Sintagma Verbal Leve
PP	Prepositional Phrase
AP	Adjective Phrase
Det	Determiner/ Determinante
Infl	Inflection/ Flexão
Comp	Complementizer/ Complementizador
IP	Inflectional Phrase/ Sintagma Flexional
CP	Complementizer Phrase/ Sintagma Complementizador
DP	Determiner Phrase/ Sintagma Determinante

MDG	Minimal Default Grammar
UG	Universal Grammar/ Gramática Universal
SLA	Second Language Acquisition/ Aquisição de Segunda Língua
PRO	Pronome arbitrário/ controlado
Spec	Specifier/ Especificador
SADVs	Sintagmas Adverbiais
SPs	Sintagmas Preposicionados
SN	Sintagma Nominal
TP	Tense Phrase/ Sintagma Temporal
T	Tense/ Tempo
LE	Língua Estrangeira
LM	Língua Materna

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	19
1.1	Introdução	19
1.2	O gerativismo e a hipótese inatista	19
1.3	A gramática universal e o Programa Minimalista	20
1.4	Aquisição de L2	22
1.5	Teorias de aquisição de L2	22
1.5.1	<u>Teorias que assumem o acesso total a GU</u>	23
1.5.1.1	Initial hypothesis of syntax	23
1.5.1.2	Full Access (without transfer).....	24
1.5.2	<u>Teorias que assumem a transferência dos valores da L1</u>	25
1.5.2.1	Full Access / Full transfer.....	25
1.5.2.2	Minimal Trees.....	27
1.5.2.3	Valueless features hypothesis.....	28
1.5.3	<u>A hipótese do bilinguismo universal</u>	28
1.6	Questionando-se GU e estado inicial de L2/FL	30
1.7	Influência linguística e limites do aprendiz L2/FL	31
1.8	Conclusão	34
2	O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO	36
2.1	O sujeito no inglês	36
2.2	O sujeito nulo no Português Brasileiro	39
2.2.1	<u>Sujeitos não referenciais preenchidos</u>	40
2.2.2	<u>Sujeito nulo referencial de 3ª pessoa</u>	43
2.2.3	<u>Português brasileiro: uma língua de tópico</u>	45
2.2.4	<u>Sentenças de duplo sujeito</u>	46
2.2.5	<u>Construções de tópico com topicalização ou deslocamento à esquerda</u>	47
2.2.6	<u>Construções de falso SVO</u>	48
2.2.7	<u>O tópico e o empobrecimento flexional do PB</u>	49
2.2.8	<u>Características do tópico-sujeito no PB</u>	50
2.2.9	<u>Construções existenciais com os verbos ter e haver</u>	52

2.2.10	<u>Estratégias de impessoalização</u>	53
2.2.11	<u>Concordância com tópicos não argumentais</u>	55
2.3	A expressão do sujeito em L2/FL: interferências da língua materna	61
2.4	Conclusão	64
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	66
3.1	Introdução	66
3.2	Metodologia em L2/FL	66
3.3	Experimentos	68
3.3.1	<u>Experimento piloto</u>	69
3.3.1.1	Metodologia	69
3.3.1.2	Participantes	70
3.3.1.3	Material	70
3.3.1.4	Procedimento	71
3.3.1.5	Resultados	72
3.3.2	<u>Experimento final de julgamento de gramaticalidade: refinando as distinções</u>	73
3.3.2.1	Metodologia	73
3.3.2.2	A variável dependente	74
3.3.2.3	As variáveis independentes	74
3.3.2.4	Participantes	75
3.3.2.5	Material	76
3.3.2.6	Procedimento	78
3.3.2.7	Resultados	78
3.4	Discussão	84
3.5	Conclusão	88
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	93
	ANEXO	99

INTRODUÇÃO

A facilidade com que crianças adquirem sua língua materna, independentemente das características fonológicas, morfológicas ou sintáticas que apresente, e da qualidade do *input* que recebem, tem sido tomada como relevante para uma visão inatista, assumida pela teoria gerativista, a partir da qual se defende que o ser humano apresentaria uma predisposição para o desenvolvimento da linguagem, o qual seria mediado por uma Faculdade da Linguagem ou Gramática Universal (CHOMSKY, 1957 e posteriores). A observação das línguas naturais humanas levou ao surgimento, dentro dessa abordagem, da Teoria de Princípios e Parâmetros, em que se postula que as línguas apresentam princípios gerais, universais e comuns entre si, enquanto as diferenças existentes entre elas são resultado da possibilidade da marcação de valores paramétricos distintos, já previstos pelo conjunto de princípios (CHOMSKY, 1986). A versão recente da teoria gerativista, o *Programa Minimalista* (PM) (CHOMSKY, 1995), assume um sistema computacional mental, herança biológica da espécie humana, que opera a partir de traços dos elementos do léxico, resultado de aquisição a partir de exposição a uma língua específica. São os traços do léxico, mais especificamente os traços de categorias funcionais (BORER, 1984), portanto, os responsáveis por codificar as distinções entre as línguas. Essa abordagem permite, assim, não só analisar as questões que envolvem a aquisição da língua materna (L1), mas também a aquisição de uma segunda língua (L2/FL – *foreign language* - língua estrangeira), ganhando especial interesse justamente as distinções paramétricas observáveis entre L1 e L2/FL¹.

Esta dissertação se detém sobre uma distinção paramétrica entre o português brasileiro (PB) e o inglês: a expressão do sujeito sintático, e observa como aprendizes de inglês como L2/FL, tendo o PB como língua materna, adquirem o valor paramétrico relevante para o inglês. Embora a maioria das línguas românicas constitua exemplos prototípicos de línguas de sujeito nulo, o que as coloca em contraste flagrante com o inglês (e grande parte das línguas germânicas), língua de sujeito obrigatoriamente manifesto, o PB tem sofrido reestruturações em relação à expressão do sujeito sintático (DUARTE, 1993, 1995), sendo atualmente considerada uma língua de sujeito nulo parcial (HOLMBERG, 2010; MODESTO, 2000).

¹ Em estudos mais recentes, o termo bilinguismo teve o seu sentido ampliado. Alguns linguistas, como Eva Fernandez, Luiz Amaral e Ingrid Finger (comunicação pessoal), definem os bilíngues como indivíduos que conhecem e utilizam duas línguas, as quais não seriam necessariamente utilizadas no mesmo contexto, nem dominadas com os mesmos níveis de proficiência. Neste contexto, não tem havido distinção na área da linguística gerativa entre aprendizes de outra língua como L2 (segunda língua) ou FL (língua estrangeira), termos que, até então, vinham gozando de certa consagração na literatura, motivo pelo qual ainda os mantemos.

Podemos esperar, então, que, em alguma medida, sua gramática tenha se aproximado da gramática do inglês.

O trabalho se insere na linha de pesquisa ‘Estudos da aquisição de aspectos sintáticos: aquisição materna e análise contrastiva entre PB e segunda língua’, em que se busca aplicar uma abordagem formal a estudos sobre aquisição de língua materna e segunda língua, levando em conta fixação paramétrica e aspectos contrastivos entre línguas.

No que diz respeito à aquisição de L2/FL, tem-se discutido em que medida a gramática da L1, já internalizada, poderia afetar a aquisição de L2/FL, promovendo o surgimento do que tem sido denominado uma interlíngua (IL)². Nesse sentido, pode-se questionar em que medida as alterações sofridas pelo PB constituiriam fatores que facilitariam ou dificultariam a fixação do valor relativo ao parâmetro do sujeito nulo na aquisição do inglês como L2/FL. Por outro lado, aventa-se a hipótese de que o aprendiz de L2/FL possa passar pelas mesmas etapas previstas na aquisição de L1, tendo acesso à uma GU, que proveria informações relevantes na ausência de *input* suficiente ou caótico (PLATZACK, 1996; FLYNN; MARTOHARDJONO, 1996, 1998). Várias teorias sobre a aquisição de L2/FL foram erigidas a partir desse tipo de reflexão, conforme veremos no capítulo 1.

Diante desse panorama, pode-se dizer que, neste trabalho, abordaremos o fenômeno da aquisição de inglês como L2/FL por falantes nativos do PB, tendo como base de análise as mudanças que têm ocorrido no PB que o levam a se aproximar do inglês, considerando em que medida o caráter de língua de sujeito nulo parcial é relevante no que diz respeito à interferência do PB na aquisição de inglês. Esse estudo será feito com base em dois escopos teóricos: (i) a *teoria linguística gerativista* nos moldes do *Programa Minimalista* (CHOMSKY, 1995) que tem por objetivo fornecer um formalismo preciso e rigoroso que descreva as possibilidades combinatórias das línguas humanas e que seja capaz, assim, de descrever a competência linguística dos falantes; e (ii) a *psicolinguística*, no âmbito das questões de aquisição de L2/FL, ciência responsável por fornecer modelos procedimentais de como a produção e a compreensão de sentenças podem ser entendidas.

Fundamentação da proposta

² Em termos gerais, o termo ‘interlíngua’ refere-se às gramáticas não nativas. O conceito de interlíngua foi proposto nos anos 60 e 70 por diversos pesquisadores, entre os quais, Selinker (1972). Os estudos apontaram para o fato de que a língua falada por aprendizes de uma L2 é sistemática e que os erros produzidos por esses aprendizes não consistem de erros aleatórios, mas sugerem um comportamento guiado por regras (cf. seção 1.4)

Esta dissertação apresenta como tema central o parâmetro do sujeito nulo, também conhecido como parâmetro *pro-drop*, nomenclatura que será adotada neste trabalho. O número de estudos sobre o sujeito pronominal no Brasil vem crescendo devido aos indícios de que o PB está deixando de ser uma língua de sujeito nulo, como as demais línguas românicas, e se caracterizando como uma língua de sujeito preenchido. Deste modo, o PB, em contraste com o português europeu (PE), tem apresentando um comportamento que parece indicar que a língua encontra-se diante de uma mudança paramétrica de uma língua [+*pro-drop*] para uma língua [- *pro-drop*].

Estudos realizados por Duarte (1993, 1995, 2003) mostraram que tal mudança se deve ao fato de ter havido uma redução do quadro pronominal do PB e a consequente redução do paradigma flexional dos verbos, que passou da distinção entre seis formas verbais (primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural) a apenas três (uma forma para a primeira pessoa do singular – *ando*; uma forma para a segunda pessoa indireta do singular, para a terceira pessoa do singular e para a primeira do plural – *você/ele/a gente anda*; e uma forma para a segunda pessoa indireta do plural e para a terceira pessoa do plural – *vocês/eles andam*). Embora a manifestação fonológica de sujeitos referenciais seja hoje bastante comum no PB, deve-se lembrar que os sujeitos expletivos mantêm-se nulos nessa variedade.

Além disso, o PB tem apresentado uma característica inovadora de permitir o preenchimento da posição do sujeito por tópicos, particularmente de tipo locativo ou temporal (AVELAR; GALVES, 2011). Pontes (1987) apresenta a hipótese de que o PB seria uma língua de tópico, uma vez que a estrutura tópico-comentário é extremamente comum nessa variedade, o que a assemelha a línguas orientais. Ao investigar a aquisição de inglês como L2 por falantes de coreano, Kim (2007) levanta a hipótese de que uma vez que tópicos e sujeitos gramaticais geralmente coincidem em termos de seu papel temático, é possível que essa frequência de co-ocorrência possa levar aprendizes de inglês como L2 a analisar possíveis tópicos da L1 como sujeitos na interlíngua da L2. Acreditamos que raciocínio semelhante possa ser estendido à interlíngua do falante de PB, aprendiz de inglês como L2/FL, no que diz respeito à presença de tópicos locativos ou temporais na periferia esquerda da sentença, o que poderia ser equacionado como satisfação de preenchimento da posição de sujeito.

Deste modo, o foco deste trabalho recai sobre a distinção paramétrica entre o PB e o inglês em relação à expressão do sujeito sintático. Buscamos evidências sobre o comportamento de aprendizes de inglês como L2/FL, que nos permita avaliar a influência da manifestação do sujeito do PB na aquisição dessa língua.

Objetivos e hipótese de trabalho

O Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e posteriores) associa a exigência de sujeito sintático em uma sentença à presença de um traço na gramática, denominado EPP (*Extended Projection Principle*), cuja satisfação é parametrizada. O inglês, por caracterizar-se como uma língua de parâmetro negativo para o sujeito nulo [-*pro-drop*], exige que EPP seja satisfeito por meio de um sujeito lexical obrigatório, seja pelo preenchimento com pronomes referenciais ou expletivos, como mostram os exemplos em (1).

- (1) a. Mel can swim, but **she** /* ____ is afraid of water.
 b. **It** /* ____ rained a lot yesterday.
 c. **It** /* ____ seems that Peter was sick.

Como dito anteriormente, o PB, que por muito tempo foi classificado como uma língua de sujeito nulo, parece estar passando por uma possível mudança paramétrica. Contudo, o PB ainda permite sujeitos nulos em uma série de contextos, como com verbos meteorológicos, construções impessoais, existenciais e de alçamento, exemplificados em (2).

- (2) a. Nevou muito em Londres. / É primavera.
 b. Tem muito limão no meu jardim. / Parece que vai chover muito hoje.

Por outro lado, EPP também pode ser satisfeito por tópicos (AVELAR ; GALVES, 2011), como será visto no capítulo 2.

- (3) O relógio estragou o ponteiro. (GALVES, 1998)

Como em inglês, EPP deve ser satisfeito por meio de um sujeito lexical obrigatório, temos como objetivo geral tentar elucidar se o inglês poderia sofrer interferência do PB no sentido da satisfação do traço EPP, buscando contribuir para os estudos em aquisição de L2/FL. No PB, esse traço tem sido satisfeito por pronomes referenciais manifestos com maior frequência, por pronomes expletivos nulos, o que mostra que o PB ainda não é uma língua de sujeito manifesto geral e, em construções inovadoras, por tópico. Para tanto, trataremos das características da interlíngua no processo de aquisição de inglês como FL por falantes de PB, no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo, característica que distingue as gramáticas das duas línguas.

Nossa hipótese de trabalho surgiu a partir da observação da gramática do PB, para a qual se defende uma série de reestruturações nas últimas décadas, refletidas no aumento de preenchimento de sujeitos lexicais e uma possível reanálise de elementos topicalizados como sujeitos sintáticos. Com base nesses fatos, hipotetizamos que a interlíngua do inglês possa refletir algumas dessas características, como resultado de uma interferência da L1 no processo de aquisição de L2. Sendo assim, temos como objetivos específicos:

- apresentar as mudanças que vêm afetando o PB no que diz respeito à expressão do sujeito sintático;
- discutir as várias propostas da literatura em relação à interferência entre línguas;
- observar, a partir de metodologia experimental, o quanto aprendizes de inglês como FL, falantes de PB de níveis de proficiência distintos, se mostram sensíveis à agramaticalidade de sentenças com sujeito nulo no inglês em diferentes contextos:
 - em sentenças com elementos deslocados na periferia esquerda;
 - em sentenças com verbo na primeira posição;
 - em sentenças com elemento distinto de tópico (conjunções) na primeira posição.
- refletir acerca dos fatores linguísticos e psicolinguísticos que possam estar envolvidos no processo de aquisição L2/FL do fenômeno sob investigação.

Organização do trabalho

Este trabalho apresenta, então, a seguinte organização: no primeiro capítulo, delineiam-se os pressupostos teóricos que direcionam esta investigação e apresentam-se algumas propostas que tentam dar conta do processo que envolve a aquisição de L2/FL. No capítulo seguinte, apresenta-se uma revisão da literatura a respeito do sujeito gramatical no inglês e no PB, abordando o fenômeno do sujeito nulo no PB sob a perspectiva de alguns teóricos da área. O terceiro capítulo traz a metodologia utilizada tanto no experimento piloto quanto no experimento final, além dos resultados obtidos a partir do julgamento de gramaticalidade de sentenças na língua inglesa com sujeito nulo em diferentes contextos. Por fim, tecemos algumas considerações sobre possíveis conclusões a serem traçadas a partir da investigação conduzida, assim como se delineiam encaminhamentos futuros para a pesquisa.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Introdução

Neste capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos que norteiam esta investigação. Por se tratar de uma pesquisa voltada para a aquisição da língua, mais especificamente de L2/FL, fez-se a opção pela teoria gerativa, na sua versão minimalista, como teoria linguística a ser assumida (CHOMSKY, 1995 e posteriores). Para tanto, serão apresentadas as principais características do Gerativismo e da sua vertente mais atual, o Programa Minimalista, expondo conceitos como o de Gramática Universal e Teoria de Princípios e Parâmetros.

Além disso, abordaremos as hipóteses que cercam a aquisição de L2, apresentando as teorias que defendem que a aquisição de uma segunda língua se dá do mesmo modo que a aquisição da língua materna, assim como as teorias que defendem que os parâmetros fixados pela L1 serviriam como ponto de partida para a aquisição de L2/FL, apresentando por fim a nossa visão acerca dessa problemática.

Diante das premissas que serão apresentadas a seguir, pretende-se observar a questão da influência linguística da gramática da L1 na aquisição de L2 e quais os limites do aprendiz L2/FL durante o processo de aquisição de uma segunda língua, como as limitações que envolvem a capacidade de processamento deste.

1.2 O Gerativismo e a hipótese inatista

O arcabouço gerativista teve início nos Estados Unidos a partir dos trabalhos do linguista Noam Chomsky. Quando em 1957, ele publica seu primeiro livro, *Estruturas Sintáticas*, surge uma concepção mentalista da linguagem como um sistema de regras localizado na mente/cérebro do falante, visão esta que entra em contraste com as correntes teóricas em voga na época, as quais entendiam a linguagem na sua dimensão social e não como uma capacidade natural/biológica. Em 1959, no artigo ‘Review of B.F. Skinner's Verbal Behavior’, Chomsky lança a hipótese de que a criança nasce com uma faculdade inata que a

torna predisposta para o desenvolvimento da linguagem. Surgia, então, a hipótese inatista que defende que o desenvolvimento da linguagem não se baseia na imitação, como acreditavam Bloomfield e Skinner. Considerando que a faculdade da linguagem é inata, todas as crianças desenvolveriam uma gramática própria com base no *input* que recebem do meio que as rodeia.

O padrão de aquisição é relativamente uniforme entre as crianças, as diferentes culturas e as diferentes línguas. A linguagem é adquirida com relativa rapidez e a criança mostra uma criatividade linguística que vai além do *input* ao qual é exposta. Os gerativistas passaram a se preocupar, assim, com o modo como as crianças adquirem linguagem e com o problema da pobreza de estímulo. Apesar da ausência de evidências negativas, ou seja, de informações sobre agramaticalidade que não estão disponíveis na língua, as crianças sabem, inconscientemente, que alguns tipos de sentenças não são permitidos na sua língua materna. Além disso, a partir de um número finito de sentenças, muitas vezes incompletas ou interrompidas, às quais a criança é exposta, um falante nativo de uma determinada língua é capaz de produzir um número infinito de sentenças pertencentes à língua. A percepção de tais fatos levou os gerativistas a assumir a noção de Gramática Universal (GU).

1.3 A Gramática Universal e o Programa Minimalista

Entende-se por GU o conjunto de propriedades gramaticais que são comuns a todas as línguas naturais, assim como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo as opções que se encontram disponíveis na própria GU. É o estado inicial da Faculdade da Linguagem da qual a espécie humana é dotada. A Faculdade da Linguagem é considerada um dispositivo inato, ou seja, um componente da capacidade genética, presente na mente/cérebro do falante que permite que o mesmo construa sua competência linguística. Assim, considera-se que as informações necessárias para a construção da linguagem que não se encontram disponibilizadas no *input* linguístico recebido pela criança fazem parte dos princípios linguísticos inatos.

Com o intuito de descrever o funcionamento da GU, os gerativistas formularam a teoria de Princípios e Parâmetros. Essa teoria passou por duas fases: a fase da Teoria da Regência e Ligação (TRL) presente na década de 1980, e o Programa Minimalista, em desenvolvimento desde a década de 1990 (KENEDY, 2008). Assim, as línguas naturais caracterizam-se por possuir propriedades universais e alguns fatores de variação. Os

Princípios são entendidos, então, como as propriedades gramaticais comuns a todas as línguas e os Parâmetros, como as diferenças existentes entre elas, a depender de sua marcação positiva ou negativa. Com o desenvolvimento da teoria gerativista, o conceito de parâmetros sofreu algumas modificações. Em uma primeira fase, os parâmetros foram relacionados aos princípios da gramática, para, posteriormente, serem associados a propriedades do léxico, mais especificamente às categorias funcionais (BORER, 1984; AUGUSTO, 2005).

O Programa Minimalista é, portanto, uma das mais recentes versões da linguística de base gerativa Chomskyana. Não se constitui, entretanto, em um novo modelo teórico da gramática gerativa, e sim em um programa com uma série de orientações teóricas com o intuito de determinar as propriedades que a faculdade da linguagem humana deve possuir e especificar as condições que esta faculdade deve satisfazer para se desenvolver. Baseia-se na ideia de que os postulados teóricos que não sejam estritamente necessários à teoria devem ser evitados, por isso o uso do adjetivo ‘minimalista’ (MAIA, 2001).

De acordo com os pressupostos do Programa Minimalista, dois níveis de representação atuam como níveis de interface com o sistema de desempenho: o PF e o LF. O nível de representação Forma Fonética (PF- do inglês *Phonetic Form*) atua como nível de interface com o sistema articulatório-perceptual e o nível de representação Forma Lógica (LF- do inglês *Logic Form*) age como interface com o sistema conceptual-intencional. Assim, dentro do modelo minimalista, as línguas humanas seriam formadas por um léxico e um sistema computacional. O léxico teria como função especificar os elementos que o sistema computacional irá selecionar e integrar para gerar expressões da língua. O léxico pode ser entendido, portanto, como o lugar onde estão representadas as propriedades idiossincráticas dos itens lexicais. Tudo aquilo que não é produto de princípios gerais, ou seja, não é resultado de operações sintáticas, estaria codificado no léxico.

Segundo Rodrigues e Augusto (2009), as estruturas da língua são geradas como resultado da atuação de um sistema computacional que se encontra encaixado nos sistemas de desempenho. Esse sistema computacional é composto por uma série de operações – *Select*, *Merge*, *Agree/Move*- que atuam sobre uma *Numeração*, ou seja, um conjunto de itens lexicais selecionados. Assim, uma derivação sintática vai sendo gerada pela atuação do sistema computacional sobre os traços formais/gramaticais dos itens lexicais, sendo enviada, no momento denominado *Spell-Out*, aos níveis de interface com os sistemas de desempenho, para os quais os traços fonológicos e semânticos são recuperados.

1.4 A aquisição de L2

Ao acompanhar o desenvolvimento cognitivo de uma criança, verifica-se que a aquisição da sua língua materna parece realizar-se de modo natural e, aparentemente, sem esforço. Em contrapartida, na aquisição de L2/FL, o percurso de aquisição parece ser bastante diferente, uma vez que os estágios de aquisição da nova língua ocorrem de forma menos natural e o estágio final do adulto, na maior parte dos casos, diverge da gramática do falante nativo. Durante o processo de aprendizagem de uma L2/FL, o falante desenvolve uma interlíngua. Segundo White (2003a), o conceito de interlíngua foi proposto no final da década de 1960 e início da década de 1970, por pesquisadores como Adjémian (1976), Corder (1967), Nemser (1971) e Selinker (1972), os quais defenderam que a língua do aprendiz de L2 é sistemática e que os erros cometidos pelos aprendizes não são aleatórios, pelo contrário, sugerem um comportamento guiado por regras. Ainda segundo a autora, tais observações parecem indicar que os aprendizes de L2, assim como os falantes nativos, representam a língua a qual estão adquirindo por meio de um sistema linguístico complexo. Esse sistema linguístico transitório é desenvolvido durante o processo de aprendizagem de uma L2/FL, sendo característico de um estágio intermediário de aprendizagem e resultante das diferentes situações de contato linguístico.

Segundo White (2003a), durante a aquisição de L2/FL, os aprendizes passam por uma tarefa similar pela qual passaram durante a aquisição de L1, uma vez que precisam ter acesso a um sistema que represente o *input* da L2/FL. Além disso, aprendizes de L2/FL enfrentam um problema lógico da aquisição de uma língua, uma vez que existem propriedades abstratas, complexas e sutis da gramática que são indeterminadas pelo *input* de L2/FL (SCHWARTZ ; SPROUSE, 2000, WHITE 1985, 1989 *apud* White, 2003a). Como a aquisição de L2/FL não ocorre a partir do zero, pois já existe uma gramática com princípios e parâmetros estabelecidos, no caso dos adultos, uma gramática completa, existem várias propostas para o estágio inicial de aquisição de L2. Algumas teorias defendem que a aquisição de L2 ocorre como a aquisição de L1, enquanto outras defendem que o estágio inicial seria a gramática da L1.

1.5 Teorias de aquisição de L2

Algumas hipóteses que tentam explicar como se daria a aquisição de L2 defendem que esta ocorre como a aquisição de L1, ou seja, a GU seria acessada da mesma forma como ocorre com a aquisição de L1. Tal hipótese é defendida pela *Initial Hypothesis of Syntax* (PLATZACK, 1996) e *Full Access Hypothesis* (EPSTEIN, FLYNN ; MARTOHARDJONO, 1996, 1998). Por outro lado, existe a hipótese de que os parâmetros fixados pela L1 serviriam como ponto de partida para a aquisição de L2/FL, ou seja, quando um aprendiz se encontra em processo de aquisição da L2/FL, tem acesso aos parâmetros fixados na gramática da sua L1. São representantes dessa concepção a *Minimal Trees* (VAINIKKA ; YOUNG-SCHOLTEN, 1994, 1996), a *Valueless Features Hypothesis* (EUBANK, 1994, 1996) e a *Full Access/ Full Transfer* (SCHWARTZ ; SPROUSE, 1994, 1996).

1.5.1 Teorias que assumem o acesso total à GU

As duas hipóteses a seguir rejeitam a possibilidade de que qualquer propriedade da gramática da L1 esteja envolvida no estado inicial da interlíngua. Ao invés disso, elas propõem que os aprendizes de L2/FL possuem acesso direto à GU, ao invés de acessar qualquer outra gramática.

1.5.1.1 Initial Hypothesis of Syntax

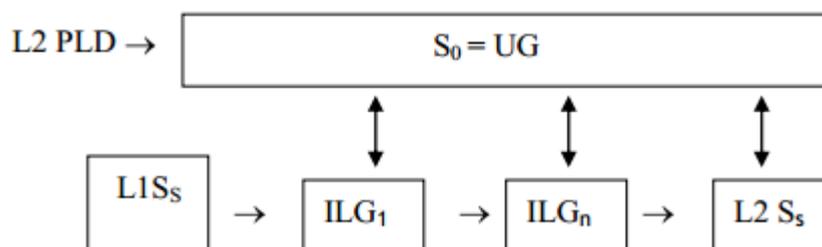
De acordo com Platzack (1996), os estados iniciais de aquisição de L1 e L2/FL são os mesmos, a GU. Isto incluiria as categorias funcionais com todos os traços definidos como *default* ou não marcados. Todos os aprendizes, portanto, de L1 ou L2/FL, assumiriam inicialmente os traços não marcados, chamados de fracos. Esses seriam considerados os valores *default*, uma vez que os movimentos abertos, os quais são motivados por traços fortes, são custosos para o processamento (CHOMSKY, 1993, 1995). Deste modo, todos os aprendizes de L2 começariam, por exemplo, com a ordem SVO uma vez que as características do objeto são inicialmente fracas, não permitindo o seu movimento, independentemente de qual seja a ordem natural das palavras na L2/FL e na L1. A ordem SOV, por ser resultado de um traço forte do objeto que é interpretado em AgrO, faz com que o objeto seja movido para

uma posição superior ao verbo. Deste modo, de acordo com o autor, aprendizes cuja língua materna é SOV teriam um estágio inicial SVO, mesmo que a L2/ FL também seja SOV. Essa hipótese mostrou-se falha, pois estudos feitos com falantes de turco e coreano, línguas SOV, aprendizes de alemão, mostraram que os aprendizes assumem que o alemão é uma língua SOV (Schwartz ; Sprouse, 1994; Vainikka ; Young-Scholten, 1994 *apud* White, 2003), assim como os falantes de turco aprendizes de inglês (Haznedar, 1997 *apud* White 2003), ou seja, parece haver uma interferência da ordem da L1 para a L2.

1.5.1.2 Full Access (without transfer)

Segundo White (2003a), de acordo com Epstein et al.(1996), a gramática da interlíngua encontra-se totalmente relacionada com a GU em todos os estágios. Em outras palavras, a GU permanece acessível na aquisição de L2. O que difere essa hipótese da hipótese de total acesso e transferência (*Full Access/Full Transfer*), a ser discutida na próxima seção, é o fato de essa teoria rejeitar a possibilidade da gramática da L1 formar o estado inicial, defendendo, portanto, o acesso total sem transferência. Apesar dessa rejeição, Epstein et al.(1996) reconhecem a presença dos efeitos da L1 na gramática da interlíngua, sem explicar claramente como essa presença ocorreria, uma vez que não aceitam que possa ser pela influência direta da L1. O esquema de *Full Access (without Transfer)* é apresentado na Figura 1³.

Figura 1 - Hipótese *Full Access (without Transfer)*



Fonte: WHITE, 2003: 90.

³ As abreviaturas na Figura 1 apresentam as seguintes definições: S₀ - Estado inicial; S_s - Estado estável e IL - Interlíngua.

Para entender como Epstein *et al.* (1996) consideram a GU como o estado inicial, é preciso perceber que eles argumentam a favor da *Strong Continuity* ou *Full Competence Hypothesis* em relação à presença de categorias funcionais na gramática da L2/FL e contra a *Minimal Trees Hypothesis*, a ser apresentada a seguir. De acordo com a *Strong Continuity Hypothesis*, todas as categorias funcionais estão presentes na gramática da L1 desde o começo (BORER ; ROHRBACHER, 1997; HYAMS, 1992; LUST, 1994; WEXLER, 1998, *apud* White, 2003). Por outro lado, a *Minimal Trees Hypothesis* defende que nenhuma categoria funcional está presente inicialmente, emergindo gradualmente. Os autores assumem que a gramática inicial da interlíngua irá conter um conjunto completo das categorias funcionais. E, uma vez que eles rejeitam a possibilidade da gramática da L1 formar o estado inicial, a fonte das categorias funcionais na gramática inicial da interlíngua só pode ser a GU.

Tendo isso em vista, para Epstein et al.(1996), a gramática de interlíngua seria guiada pela GU em todos os estágios, uma vez que a gramática seguiria os princípios da GU. A lógica que surge dessa hipótese é a de que a gramática da interlíngua de diferentes aprendizes de L2/FL será a mesma devido à influência da GU, sem a atribuição de nenhum efeito à L1, uma vez que ela não forma o estado inicial. Desta maneira, segundo Flynn (1996 *apud* WHITE, 2003), a competência linguística dos aprendizes de L2 seria efetivamente idêntica a dos falantes nativos, o que não parece ocorrer quando da aquisição de L2/FL.

1.5.2 Teorias que assumem a transferência dos valores da L1

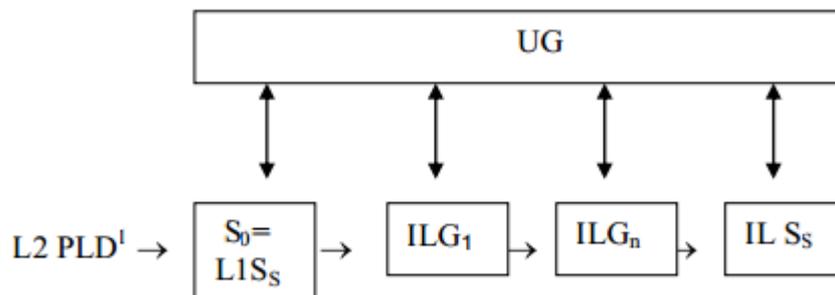
De acordo com as teorias a seguir, quando um aprendiz se encontra em processo de aquisição da L2/FL, ele tem acesso aos parâmetros fixados na gramática da sua língua materna (L1).

1.5.2.1 Full Access/ Full Transfer

Segundo Schwartz e Sprouse (1994, 1996 *apud* WHITE, 2003), o estado inicial na aquisição de L2/FL é uma gramática particular. Ao receberem o *input* da L2/FL, os aprendizes adotam a gramática que eles já possuem, ocorrendo o acesso total à gramática da L1. Assim,

todas as propriedades abstratas da gramática da L1, uma vez que os itens lexicais seriam excluídos, constituíram o estado inicial. Além disso, os autores acreditam que podem ocorrer mudanças na gramática inicial. Ou seja, apesar de os aprendizes de L2/FL terem a L1 como o estágio inicial, na ausência de estruturas equivalentes à L2/FL, a GU seria acessada. Deste modo, quando a gramática da L1 não consegue acomodar as propriedades do *input* da L2/FL, o aprendiz recorreria às opções da GU que não foram instanciadas na L1, incluindo a fixação de novos parâmetros e categorias funcionais, com o intuito de chegar a uma análise mais apropriada para o *input* da L2/FL. Assim, a gramática da interlíngua resultante é guiada pela GU. O esquema de *Full Access/ Full Transfer (FT/FA)* é apresentado na Figura 2⁴.

Figura 2 - Hipótese *Full Transfer Full Access*



Fonte: WHITE, 2003, p. 61.

Segundo White (2003a), dois tipos de evidências servem de suporte para a teoria: (i) evidência de propriedades da L1 na gramática da interlíngua; (ii) evidência de reestruturação distinta da gramática da L1. Propriedades particulares têm sido investigadas e há evidências de propriedades da L1 na gramática da interlíngua. Além disso, aprendizes com L1 distintas apresentam comportamentos diferentes em relação à mesma L2/FL, as quais são consistentes com a hipótese de que L1 representa o estado inicial. A autora também afirma que se em algum ponto os aprendizes de L2/FL falham ao mostrar evidências do efeito da L1, ou se aprendizes de L2/FL com L1 distintas se comportam do mesmo modo no que diz respeito a algum fenômeno em particular na L2, isso não vai contra a hipótese automaticamente. Isso porque, a hipótese *Full Access Full Transfer* assume que a gramática da interlíngua será reestruturada em resposta às propriedades do *input* da L2/FL interagindo com a GU, sendo assumido que em algum momento as gramáticas dos aprendizes de L2/FL com L1 distintas

⁴ As abreviaturas na Figura 2 apresentam as seguintes definições: S₀ – Estado inicial; S_s – Estado estável e IL – Interlíngua.

irão convergir nas propriedades relevantes da L2/FL. A autora ainda menciona que algumas situações que são previstas pela hipótese não ocorrem, o que poderia tornar tal hipótese falsa. Yuan (2001 *apud* WHITE, 2003) mostrou que falantes de francês e inglês aprendizes de chinês tratam a colocação do verbo exatamente do mesmo modo desde o primeiro estágio de aquisição de L2/FL, embora o francês e o inglês possuam aspectos relevantes distintos.

1.5.2.2 Minimal Trees

Assim como a hipótese de acesso e transferência total, a hipótese de Vainikka e Young-Scholten (1994, 1996 *apud* WHITE, 2003) também defende que o estado inicial é a gramática da L1. Entretanto, em contraste com *Full Access/ Full Transfer*, apenas parte da gramática da L1 faz parte do estágio inicial, uma vez que nem as categorias funcionais da L1, nem de nenhuma outra fonte, como a GU, seriam transferidas. Segundo White (2003), os autores defendem que as gramáticas nos estágios iniciais de desenvolvimento são diferentes das gramáticas em seu estágio final, não apresentando algumas propriedades que aparecerão posteriormente. Os autores se baseiam na *Weak Continuity Hypothesis* para aquisição de L1 (CLAHSEN, EISENBEISS ; PENKE, 1996; CLAHSEN, EISENBEISS ; VAINIKKA, 1994; CLAHSEN, PENKE ; PARODI, 1993/1994; VAINIKKA, 1993/1994 *apud* WHITE, 2003), segundo a qual, enquanto as categorias funcionais se encontram disponíveis na GU, as gramáticas iniciais não apresentam o conjunto completo de categorias funcionais, contendo as categorias lexicais e suas projeções (NP, VP, PP, AP) e possivelmente uma projeção funcional não especificada, FP (CLAHNSEN, 1990/1991 *apud* WHITE, 2003). Det, Infl e Comp e projeções associadas (IP, CP e DP) emergem gradualmente, a partir do *input*.

De acordo com esta hipótese, o estado inicial da aquisição de L2 consiste de uma gramática parcialmente baseada na L1, sendo que as categorias lexicais da língua materna são encontradas na gramática inicial da interlíngua. Embora as categorias funcionais estejam faltando na gramática inicial, o inventário completo das categorias funcionais permaneceria disponível. Assim, aprendizes de L2 adicionariam, gradualmente, categorias funcionais à gramática da interlíngua, com base no *input* da L2/FL.

Deste modo, a *Minimal Trees Hypothesis* defende que o estado inicial dos aprendizes com L1 distintas não é o mesmo e depende das características das categorias lexicais da L1 em questão. O aparecimento das categorias funcionais, por outro lado, não depende das

propriedades da gramática da L1. Assim, não há nenhum estágio ou gramática na qual as propriedades das categorias funcionais da língua materna são encontradas, o que difere esta hipótese da *Full Access/Full Transfer*. Ao invés disso, o aprendiz de L2/FL adquire as categorias funcionais de L2/FL, com propriedades da L2/FL. Portanto, a aquisição de L1 e L2/FL de qualquer língua em particular é assumida como idêntica em relação às categorias funcionais e suas projeções.

1.5.2.3 Valueless Features Hypothesis

Como *Full Access/ Full Transfer* e *Minimal Trees*, a hipótese de Eubank (1994, 1996 *apud* WHITE, 2003) defende que o estado inicial é a gramática da L1, mas contrapondo com as demais teorias, ele acredita que a gramática da L1 determina amplamente o estado inicial da interlíngua, mas não inteiramente. Diferentemente da *Minimal Trees Hypothesis*, Eubank defende que as categorias funcionais e lexicais da L1 estão presentes na gramática inicial da interlíngua. Entretanto, embora as categorias funcionais da L1 estejam disponíveis, os valores dos traços não estão. Isso significa dizer que a força do traço não é transferida. Ao invés de se caracterizarem como traços fortes ou fracos, os traços não possuem valores definidos ou encontram-se ‘inertes’ no estado inicial. Deste modo, são as questões da interface da L1 que refletem na L2.

1.5.3 A hipótese do bilinguismo universal

Em um trabalho que buscou investigar como se dá a aquisição do sujeito nulo do PB como segunda língua por adultos estrangeiros falantes nativos de inglês e italiano em situação de imersão total, Xavier (2007) discutiu a questão do acesso à GU por aprendizes de L2, procurando analisar se os sujeitos da pesquisa teriam ou não acesso à GU e de que forma se daria esse acesso.

Segundo a autora, existem diferentes tipos de línguas *pro-drop*: o *pro-drop* prototípico, como é o caso do italiano; o *pro-drop* unipessoal do chinês e o *pro-drop* misto do PB. Nas línguas *pro-drop* prototípicas, o sujeito nulo é identificado pela concordância; no

caso do chinês, o sujeito nulo unipessoal é o *default* e, no PB, uma língua semi-*pro-drop*, os sujeitos nulos compreendem os nulos não-argumentais ou expletivos e o nulo referencial de 3ª pessoa (cf. próximo capítulo). Ainda segundo a autora, o inglês é classificado como *topic-drop*, pois permite sujeitos nulos apenas de 1ª e 2ª pessoas em orações matrizes.⁵ A opção *default*, segundo a análise de Hyams (1986 *apud* XAVIER: 354), é aquela necessariamente anterior a qualquer experiência linguística, programada no mecanismo de aquisição para garantir um comportamento que não viole as regras da GU. Deste modo, em relação ao parâmetro *pro-drop*, o sujeito nulo é considerado a opção *default*.

Em seu estudo, Xavier (2007) assume a proposta de Roeper (1999) que defende a teoria do *bilinguismo universal*, segundo a qual somos todos potencialmente bilíngues, uma vez que podemos ter duas gramáticas: uma com os parâmetros selecionados no valor (+) = G1 e outra no valor (-) = G2. Ainda segundo a proposta, a gramática universal define um conjunto de representações *default* que todos os falantes possuem e que ele denomina *Minimal Default Grammar* (MDG). As estruturas da MDG refletem, portanto, princípios de economia, o que significa que elas projetam menos categorias funcionais do que as gramáticas particulares. Seguindo a proposta de Roeper (1999), a autora assume que a acessibilidade à GU poderá ocorrer de duas formas: pelo acesso indireto através da L1 ou pelo acesso direto através da gramática *default*. O acesso indireto à GU irá ocorrer toda vez que o valor do parâmetro for o mesmo para L1 e L2 e nesse caso, a L1 constituirá o estado inicial para a L2 ($S_0 = L1$). O acesso direto à GU, por sua vez, ocorrerá nos casos em que o valor paramétrico da L1 divergir daquele da L2. Nesse caso, o valor *default* do parâmetro em questão constituirá o estado inicial ($S_0 = \text{valor default do parâmetro}$).

A partir da análise dos dados dos sujeitos obtidos na sua pesquisa, Xavier (2007) aponta para o fato de que foram encontrados sujeitos nulos ou preenchidos, além da forma unipessoal de terceira pessoa, nas produções dos falantes de inglês e de italiano, o que, segundo a autora, sugere que houve acesso direto à GU através do uso do valor *default* do parâmetro *pro-drop*. A análise dos dados dos informantes falantes de inglês e italiano parece indicar que tanto para os falantes de italiano, quanto para os falantes de inglês, o processo de aquisição foi o mesmo, pois tanto os falantes de inglês quanto os falantes de italiano parecem começar com a gramática *default* da GU.

Ainda segundo Xavier (2007), parece ter ocorrido, também, acesso indireto à GU, via L1 nas produções dos sujeitos em fase não-inicial de aquisição. Os aprendizes de PB foram

⁵ Voltamos a esse ponto no capítulo 2, adiante.

capazes de mostrar em suas produções as propriedades do *pro-drop* do PB, fazendo uso de sujeitos nulos ou preenchidos, mais a forma de terceira pessoa verbal não-marcada para todas as pessoas do discurso. Assim, considerando que o inglês é uma língua [-sujeito nulo] e que, no italiano, o sujeito nulo é identificado pela concordância, a autora sugere que o nulo com concordância unipessoal encontrado nos dados desses aprendizes não é o da L1, o italiano, mas o nulo *default* da GU. Os dados observados pela autora sustentam, assim, a hipótese do bilinguismo universal de Roeper (1999), não apenas para o estágio inicial, mas para os estágios intermediário e final.

1.6 Questionando-se GU e estado inicial na aquisição de L2/FL

Apesar das diversas hipóteses que tentam explicar se a aquisição de L2 se daria ou não como a aquisição de L1, a relevância de se questionar o acesso a GU ou a interferência da L1 como excludentes perde força a partir da concepção atual adotada pelo Programa Minimalista, sendo bastante equivocada, conforme afirma, adequadamente, White (2003b). Para a autora, as questões devem ser colocadas de outra maneira.

‘In the Minimalist framework, the computational system is ‘given’ by UG and is invariant. What varies is properties of the items that enter into the computation (for example, their feature composition and feature strength). Such changes in linguistic theory (hence in the definition of UG) should not be seen as a matter of major concern. What we are interested in (in part) is whether certain abstract and complex properties which are underdetermined by the L2 input manifest themselves in interlanguage grammars (ILGs).’

‘some researchers have assumed a fairly simplistic and misleading dichotomy: UG **or** L1 in the IL representation. As Hale (1996) has recently pointed out, in many cases it is impossible to tease UG and the L1 apart. UG is necessarily manifested in the L1.’

‘But another part of the problem, to me at least, is that these terms reflect too much concentration on the **source(s)** of IL knowledge (UG versus L1). I believe that it is time to focus more on the **nature** of the representations that L2 learners achieve.’

A autora conclui da seguinte forma:

‘By focusing more on what ILGs are like (their nature rather than their source) we are arriving at a more fruitful way of investigating the involvement of UG in SLA. It is important to bear in mind that claims for UG operation in L2 acquisition are simply claims that interlanguage grammars will fall within a limited range, that the ‘hypothesis space’ is specified by UG.’

Essa mudança de foco permite que a investigação da interlíngua do aprendiz de L2/FL contemple não só questões de competência, isto é, domínio de uma gramática, equacionada à gramática do falante nativo adulto, mas fatores relevantes para o desempenho linguístico, como questões relativas ao processamento e ao uso da língua em atividades *on-line* ou *off-line*. Uma das principais características observáveis no desempenho linguístico do aprendiz de L2/FL é a opcionalidade da presença de determinadas marcas linguísticas. Assim, ora as construções do aprendiz se adequam à gramática-alvo, ora não.

1.7 Influência linguística e limites do aprendiz L2/FL

A influência da L1 na aquisição de L2 é certamente um fenômeno amplamente conhecido pelos pesquisadores de segunda língua e bilinguismo de todas as correntes teóricas. O estudo de tais influências está no centro de importantes debates teóricos nas pesquisas modernas de aquisição de segunda língua nas últimas décadas. O fato de a L1 ter um papel de suma importância na forma final da L2 e qual a extensão precisa dessa influência tem se mostrado um problema central nos debates entre pesquisadores de aquisição de segunda língua, considerando seu aprendizado e uso.

Selinker (1972), ao propor originalmente o conceito de ‘interlíngua’, introduziu o conceito de transferência linguística a fim de reconhecer o fenômeno de influência da L1 no aprendizado de L2. O conceito introduzido pelo pesquisador representou uma importante mudança teórica do então dominante conceito de ‘interferência’. Na teoria de Selinker, a transferência linguística é entendida como um dos elementos cognitivos motivadores das singularidades do conhecimento dos aprendizes de L2 da sua língua alvo, juntamente com a generalização dos padrões da L2, o emprego de estratégias de aprendizado e comunicação e os efeitos do nível de proficiência na língua alvo (ZARA et al., 2013).

Ainda segundo Zara et al. (2013), de uma perspectiva centrada no aprendiz, o conhecimento da L1 pode ser visto como o mediador entre o *input* da L2 e representações da

língua alvo. Assim, a transferência linguística é entendida como parte do processo de construção consciente ou inconsciente de hipóteses sobre a língua alvo por parte dos aprendizes de L2. De acordo com Schachter (*apud* ZARA et al., 2013), conforme o aprendiz se comunica na língua alvo, ele pode depender mais ou menos explicitamente do esquema linguístico provido pelo seu conhecimento da L1. Quando os traços da L1 e da L2 coincidem, a influência da L1 facilitará a aquisição da L2, ocorrendo, portanto, uma ‘transferência positiva’. Por outro lado, quando houver divergências entre os traços, podem ser realizadas representações temporárias ou permanentes que não condizem com o input da L2, ocorrendo, portanto, uma ‘transferência negativa’.

Entretanto, de acordo com Kellerman (1979, 1983), a transferência da L1 pode não ser um mecanismo mandatório que afetará todo o aprendizado de L2. Segundo o autor, os aprendizes de L2 ativam ou têm como base o conhecimento da sua L1 de forma seletiva, guiados pela intuição de quais traços da sua L1 condizem com os traços da sua língua alvo. Essa percepção explícita ou inconsciente do quão compatível uma estrutura da L1 é da língua alvo foi referida por Kellerman (1983) como *psychotypology*.

Fica claro, então, que há questões de processamento do material linguístico que precisam ser consideradas nesse processo. Uma hipótese de que o processamento gramatical dos aprendizes de uma língua difere daquele verificado nos falantes nativos adultos é apresentada por Clahsen e Felser (2006). Esses autores levantam a *hipótese da estrutura rasa*, a qual assume que os falantes de L2 utilizam estratégias de processamento ‘superficiais’, que privilegiam as informações semânticas, pragmáticas e lexicais em detrimento das informações sintáticas. A mesma estratégia também se encontraria disponível para os falantes nativos, mas os falantes de L2 não teriam outra opção além de recorrer ao processamento superficial porque eles não possuem representações gramaticais como as da língua alvo. Os autores verificaram que no processamento linguístico de um aprendiz de L2, algumas notáveis diferenças em relação aos falantes nativos foram verificadas no domínio do processamento da sentença. Os aprendizes adultos são guiados pelas informações léxico-semântico-pragmáticas durante o *parsing* do mesmo modo que os falantes nativos, mas não tanto pela informação sintática. Clahsen e Felser (2006) sugerem, portanto, que as diferenças observadas entre L1 e L2 podem ser explicadas assumindo-se que as representações sintáticas dos aprendizes adultos de L2/FL computadas durante a compreensão são mais superficiais, e menos detalhadas, do que as dos falantes nativos.

Ainda segundo os autores, os aprendizes de L2 podem ter dificuldade com a integração *on-line* de diferentes fontes de informação, em contraste com os falantes nativos

adultos, os quais têm mostrado integrar rapidamente as informações lexicais, prosódicas, estruturais e do discurso durante o processamento *on-line*. Tais fatos parecem ser um indicativo de uma diferença qualitativa nos sistemas de processamento dos aprendizes de L2 e dos falantes nativos.

Outra diferença encontrada por Clahsen e Felser (2006) entre o modo como os falantes nativos e os aprendizes de L2 processam a língua alvo reside no fato de as propriedades da língua nativa dos aprendizes de L2 parecerem influenciar o modo como o *input* da L2 é processado. Se os aprendizes transferirem estratégias de processamento da L1 que são inapropriadas para o processamento da L2, estas podem transformar-se em uma barreira que impedirá a aquisição da competência de um falante nativo, assim como a fluência na L2.

Além das diferenças citadas anteriormente, os autores levantam a hipótese de os mecanismos de processamento linguístico disponíveis para os falantes nativos poderem estar apenas parcialmente disponíveis para os aprendizes de uma segunda língua. Segundo Ullman (2001, *apud* CLAHSEN e FELSER (2006)), enquanto a representação linguística e o processamento da língua nativa de um falante envolvem dois sistemas de memória diferentes do cérebro – a parte lexical, com palavras memorizadas, que se encontra enraizada nas estruturas do lobo temporal, e um sistema de memória processual, o qual está envolvido no processamento de regras combinatórias e se encontra enraizado no lobo frontal – o processamento e a representação da L2 são altamente dependentes do sistema de memória lexical.

Nessa mesma linha, Sorace (1996, 2011) tem defendido que os bilíngues têm capacidades específicas desenvolvidas, assim como limitações decorrentes da necessidade de processar duas línguas em momentos específicos. Para a autora, em uma interação natural, os falantes bilíngues têm que ser capazes de inibir rapidamente a informação irrelevante naquele contexto e atualizar o modelo do discurso, a fim de integrar as informações que foram modificadas pelo contexto e pela avaliação do conhecimento apresentado pelo interlocutor. Para tanto, entraria em ação a função executiva composta por um conjunto de processos cognitivos que fundamentam comportamentos direcionados a um objetivo, incluindo o controle inibitório, a mudança e a atualização (RODRIGUES, 2011). Os bilíngues precisam, portanto, exercitar o controle executivo de modo a evitar a interferência da língua indesejada, no caso a L1, que por ainda ser dominante exige mais recursos para ser inibida, o que pode fazer com que os recursos de atenção sejam desviados de outras tarefas. Outra possibilidade de interpretação para o problema enfrentado pelo bilíngue não recai sobre uma possível limitação de recursos e, sim, sobre um problema na alocação dos mesmos, ou seja, de

direcionar flexivelmente os recursos de atenção em função da tarefa e da complexidade da nova informação.

Deste modo, a modulação inconsistente do controle inibitório pode ser uma das fontes da variação linguística da ‘interface’ na interface sintaxe-pragmática nos bilíngues tardios (em ambas L1 e L2). A exposição precoce a uma segunda língua e uma exposição continuada ao *input* da L2/FL são as melhores formas de equilibrar a relação entre o controle inibitório e a modulação da inibição e da capacidade de resolver a constante tensão entre os dois.

Em suma, focalizando especificamente fenômenos relacionados à interface sintaxe-semântica e sintaxe-discurso, Sorace enfatiza o fato de que é importante considerar as limitações que envolvem a capacidade de processamento dos bilíngues. Esta é menos eficiente, tanto porque seu conhecimento ou acesso às restrições computacionais podem ser menos detalhados ou menos automáticos, como também porque esses aprendizes teriam à disposição um repertório menor de recursos cognitivos gerais disponíveis para a integração de diferentes tipos de informação na produção ou compreensão *on-line*.

1.8 Conclusão

Diante da exposição dos fundamentos teóricos que direcionam a investigação, fica clara a opção por uma teoria que trata a língua numa perspectiva racionalista e que compreende a linguagem como uma faculdade da mente, buscando descrever e explicar a natureza e o funcionamento da linguagem humana, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e posteriores). Assim, problematiza-se a questão da aquisição de L2/FL a partir da caracterização da interlíngua do aprendiz e da identificação por parte deste do que é ou não aceito como (a)gramatical na língua alvo. Para tanto, assume-se uma arquitetura mínima em que a língua é vista como um composto formado por um léxico e um sistema computacional universal. Esse modelo, de caráter derivacional, considera a linguagem como expressão de princípios e parâmetros que satisfazem imposições das interfaces feitas com os sistemas de desempenho, externas ao sistema linguístico.

Embora ainda não se saiba ao certo como se dá o processamento gramatical dos aprendizes de L2/ FL e várias teorias tentem dar conta de explicar como ocorre a aquisição de uma segunda língua, acreditamos que não seja possível dissociar GU de L1, pois a primeira estará necessariamente manifesta na segunda, assim como afirma White (2003b). Deste

modo, acreditamos que a L1 influencia de algum modo a aquisição de L2. Verificar em que medida isso ocorre, sua relevância para fenômenos específicos, assim como o papel de questões mais gerais de processamento na análise do material linguístico da L2/FL se mostra relevante para se compreender o processo de aquisição de L2/FL. Essa observação será aqui empreendida a partir da questão do sujeito nulo/manifesto na interlíngua do aprendiz de inglês como L2/FL por falantes nativos de PB, dada a análise que se tem sugerido para o PB em relação a uma série de construções relacionadas ao que seriam efeitos colaterais de uma possível remarcação do parâmetro do sujeito nulo nessa variedade do português (DUARTE, 1993, 1995).

Como se sabe, o inglês caracteriza-se como uma língua que não permite sujeito pronominal nulo, ou seja, a marcação do parâmetro de sujeito nulo é negativa nessa língua. O PB, por outro lado, que se caracterizava como uma língua de sujeito nulo, como as demais línguas românicas, parece estar passando por um processo de mudança, apresentando o preenchimento do sujeito gramatical em diversos contextos, além de também haver a possibilidade de aceitar o preenchimento da posição do sujeito por tópicos. O comportamento do inglês e do português brasileiro em relação ao parâmetro do sujeito nulo será detalhado no capítulo seguinte.

2 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

2.1 O sujeito no Inglês

Sabe-se que existe um princípio rígido da GU, o Princípio de Projeção Estendido⁶, que determina a presença obrigatória da posição de sujeito nas sentenças das línguas humanas, o qual pode ou não ser foneticamente realizado, caracterizando as línguas naturais como línguas de sujeito nulo ou preenchido. Desde sua apresentação oficial pelo linguista Chomsky (1981), o Parâmetro do Sujeito Nulo é um dos fenômenos que mais têm recebido contribuições e reformulações por parte dos estudiosos da Gramática Gerativa. Segundo Duarte (1995), tal propriedade das línguas naturais, que possibilita que os sujeitos não sejam foneticamente realizados, foi originalmente proposta após comparações entre o inglês e as línguas românicas que licenciam o sujeito nulo (línguas *pro-drop*) e estaria relacionada com a rica flexão verbal dessas línguas.

Como já dito anteriormente, parâmetros são conjuntos de propriedades do sistema gramatical e têm seu valor fixado a partir da informação positiva obtida através do *input* disponível. Deste modo, a realização ou não de determinada categoria fixa o parâmetro como positivo ou negativo. Isso é o que acontece com a representação do sujeito. Há línguas que licenciam o apagamento do sujeito, como é o caso do PE, espanhol e italiano, e que, por isso, são positivamente marcadas em relação ao parâmetro, [+*pro drop*]. Há outras, como o inglês, em que o sujeito é uma categoria preferencialmente provida de material fonético e, por isso, negativamente marcada em relação ao parâmetro, [-*pro drop*].

O que ocorre é que as línguas de sujeito nulo permitem que uma categoria vazia como *pro* ocupe a posição de sujeito. Esta categoria vazia, sem realização fonética, que apresenta uma matriz gramatical atribuída a partir de traços relativos a número, gênero, pessoa e caso, pode ser interpretada como um pronome referencial, o qual pode apresentar valores definidos, como em (4), ou referência arbitrária, em (5), ou pronome expletivo, quando não possui nenhum tipo de significação ou referência, como visto em (6).

⁶ O Princípio de Projeção Estendido (CHOMSKY, 1982) determina a obrigatoriedade da posição de sujeito de IP e é oriundo do Princípio de Projeção (CHOMSKY, 1981), o qual determinava que as estruturas sintáticas são projetadas a partir do léxico.

- (4) *pro* Fomos ao mercado comprar frutas.
- (5) *pro* Roubaram o anão do jardim.
- (6) *pro* Parece que o professor está doente.

Teóricos da área têm defendido que um sistema morfológicamente rico é uma condição necessária para a ocorrência de sujeitos pronominais nulos, uma vez que esta condição permite que as categorias vazias possam recuperar os traços gramaticais de licenciamento e identificação. Segundo a teoria apresentada por Rizzi (1986), o módulo formal licenciador visa especificar as condições de ocorrência da categoria vazia e o módulo semântico licenciador especifica como o conteúdo da categoria vazia será recuperado pelo contexto linguístico. Seria, portanto, por essa razão que línguas como o português, o italiano e o espanhol permitem sujeito nulo e línguas como o inglês e o francês não o permitem.⁷

Raposo (1992) também faz referência a esta condição, ao defender que o sistema gramatical formal das línguas naturais especifica de modo discreto a sua categoria *Agr* como sendo ‘forte’ ou ‘fraco’. Nas línguas em que *Agr* é especificado como forte, *pro* é licenciado e nas línguas em que *Agr* é especificado como fraco, *pro* não é licenciado, como é o caso do inglês.

Indo além, Chomsky (1981, 1982:240) apresenta algumas propriedades das línguas de sujeito nulo que as diferenciam de línguas com sujeito obrigatoriamente preenchido, as quais serão ilustradas a partir de exemplos do italiano, em (a), e das sentenças gramaticais correspondentes em inglês, em (b), retirados do mesmo autor.

I. Sujeito pronominal nulo:

- (a) ___**cv** Ho trovato il libro.
- (b) I found the book.

II. Inversão ‘livre’ de sentenças simples:

- (a) L’ha mangiato Giovanni.
- (b) Giovanni ate it.

III. Movimento longo de *qu*-sujeito:

⁷ Vale salientar que a relação entre morfologia rica e marcação positiva do parâmetro *pro-drop* ganha inúmeras contribuições a fim de adequadamente explicar o número de línguas, de famílias bem distintas, que aí se encaixam, como por exemplo, a inclusão do japonês e do chinês, com a proposta de uniformidade morfológica (JAEGGLI ; SAFIR, 1987) e, posteriormente, a noção de paradigma funcionalmente rico de Roberts (1993).

- (a) **L'omo_i** [**che_i** mi domando [chi _____i abbia visto]]
 (b) The man [that I wonder [who he saw]]

IV. Pronomes resumptivos vazios em orações encaixadas:

- (a) Ecco **la ragazza_i** [**che_i** mi domando [chi crede [che _____i possa SV]]]
 (b) This is the girl [who I wonder [who thinks [that she may SV]]]

V. Aparente violação do filtro *[that-t] (leia-se 'that-trace' = 'que-vestígio'):

- (a) **Chi_i** credi [che _____i partirà]
 (b) Who do you think [(that) will leave]

A língua inglesa apresenta, portanto, características diametralmente opostas às apresentadas, por exemplo, pelo italiano, língua prototipicamente de sujeito nulo, o que a caracteriza como uma língua na qual as sentenças exigem um sujeito foneticamente realizado, sob pena de se tornarem agramaticais.

Entretanto, como dito na seção 1.5.3, o inglês aceita a omissão do sujeito em contextos específicos, sendo classificado como uma língua *topic-drop*. Isso significa dizer que a 1ª e a 2ª pessoas podem não ser realizadas no início da sentença em orações matrizes. Tal fenômeno é possível quando há comunicação informal, seja ela oral, em um discurso informal, no qual seja utilizada linguagem coloquial oral (7a,b) ou escrita, quando se trata do chamado '*diary drop*' (HAEGEMAN, 1990, 1997; HAEGEMAN ; IHSANE, 1999, 2001 *apud* WEIR, 2008) que permite a omissão do sujeito em certos registros escritos do inglês, como diários, mensagens de texto e *e-mails* (8a,b), retirados de Weir (2008).

- (7) a. I walked the dog yesterday.
 b. Walked the dog yesterday.
- (8) a. Should really go to the gym tomorrow.
 b. Don't think I can make it tonight.

Em suma, o momento atual da teoria gerativa, o Programa Minimalista (Chomsky, 1995 e posteriores), associa a exigência de sujeito sintático em uma sentença à presença de um traço na gramática, denominado EPP, cuja satisfação é parametrizada. O inglês caracteriza-se por ser uma língua de parâmetro negativo para o sujeito nulo [-*pro-drop*], ou

seja, EPP deve ser satisfeito por meio de um sujeito lexical obrigatório, com preenchimento de pronomes tanto referenciais como expletivos. Já o PB, que por muito tempo foi classificado como uma língua de sujeito nulo, parece estar passando por uma possível mudança paramétrica, uma vez que tem havido um maior preenchimento dos sujeitos (DUARTE, 1993, 1995), como será visto na seção seguinte.

2.2 O sujeito nulo do Português Brasileiro

Em relação ao português do Brasil, já há algum tempo que se vem abordando a mudança que essa língua estaria sofrendo no que envolve o Parâmetro do Sujeito Nulo, no sentido de estar deixando de ser uma língua de sujeitos nulos para se tornar uma língua de sujeitos plenos (DUARTE, 1993, 1995). Analisando-se os índices apresentados nas pesquisas sobre o fenômeno no PB, a forma não marcada do sujeito pronominal referencial parece ser hoje a forma com sujeito obrigatoriamente preenchido, ficando, assim, o sujeito nulo como a forma marcada de realização, diferentemente dos resultados levantados por Duarte (1995, 2000) para o português europeu oral. Alguns autores já classificam o PB como uma língua de sujeito nulo parcial (HOLMBERG, 2010; MODESTO, 2000). Duarte (1995) relaciona esse fenômeno à redução do paradigma flexional dos verbos, que passou da distinção entre seis formas verbais (primeira, segunda e terceira pessoas do singular e do plural) a apenas três (uma forma para a primeira pessoa do singular – *eu amo*; uma forma para a segunda pessoa indireta do singular, para a terceira pessoa do singular e para a primeira do plural – *você/ele/a gente ama*; e uma forma para a segunda pessoa indireta do plural e para a terceira pessoa do plural – *vocês/eles amam*). Como consequência dessa redução, haveria uma dificuldade maior em recuperar o referente do sujeito caso ele fosse nulo, o que poderia ser considerado um fator favorecedor da mudança em questão.

Numa tentativa de observar os efeitos da redução nos paradigmas flexionais no PB, Duarte (1993) realizou um estudo diacrônico com base em textos escritos para o teatro em sete períodos entre 1845 e 1992, que apontou para uma relação direta entre a redução dos paradigmas flexionais e a perda gradual da opção pelo sujeito nulo. Assim, no período em que o paradigma flexional ainda apresentava as seis formas verbais, período anterior a 1937, o falante apresentava uma preferência pelo sujeito nulo (entre 75% e 80%). A partir do texto de 1937, à medida que o paradigma flexional se reduz, com a perda da segunda pessoa direta

(tu), haveria uma preferência dos falantes pelo sujeito preenchido. Essa tendência de preenchimento do sujeito aliada à crescente percepção de que o PB estaria aceitando construções de tópico (PONTES, 1987) caracterizariam o Português Brasileiro como uma língua de sujeito preenchido, uma vez que as mudanças apontadas para o PB acabaram por torná-lo uma língua que apresenta propriedades que o distinguem daquelas consideradas verdadeiramente *pro-drop*, como o italiano e o espanhol.

Apesar da preferência dos falantes de português brasileiro (PB) pelos sujeitos preenchidos, o sujeito nulo ainda é encontrado em algumas construções específicas no PB e que caracterizam a gramática da língua. Segundo Ferreira (2000), pode-se dizer que o PB admite sujeitos nulos expletivos e indefinidos, mas não sujeitos nulos referenciais, ou seja, em construções com verbos meteorológicos, impessoais, existenciais e de alçamento, como ilustram as sentenças apresentadas em (9-12). Segundo Duarte (2003:2), tal situação pode representar uma etapa natural no processo de mudança, indicando que os itens referenciais cedem mais rapidamente à mudança, enquanto os itens menos referenciais resistem ao preenchimento por mais tempo.

(9) Choveu muito ontem.

(10) É primavera.

(11) Tem muito prédio em Brasília.

(12) Parece que o verão chegou.

2.2.1 Sujeitos não referenciais preenchidos

A possibilidade de o PB não apresentar sujeito preenchido em construções nas quais o sujeito é não referencial, como nas orações impessoais, existenciais, com verbo de alçamento e apresentativas, condições nas quais as línguas de sujeito pleno apresentariam um pronome expletivo, é ilustrado abaixo nas sentenças (13-16), que comparam o inglês, língua reconhecidamente de sujeito pleno, com o PB. Como pode ser percebido nos exemplos, o PB apresenta um *pronome expletivo nulo*, enquanto o inglês apresenta um *pronome expletivo pleno*. É válido observar que tal pronome apresenta, nas duas línguas em questão, uma natureza não referencial, ou seja, encontra-se presente apenas por motivos estruturais ou,

como defende a proposta Minimalista, para satisfazer o Princípio de Projeção Estendido (EPP), que postula que toda sentença deve ter um sujeito.

(13) Construções impessoais

- a. __ Neva muito nesta cidade.
- b. **It** snows a lot in this city

(14) Construções existenciais

- a. __ Tem um cãozinho comendo na cozinha
- b. **There** is a little dog eating in the kitchen.

(15) Construções com verbo de alçamento

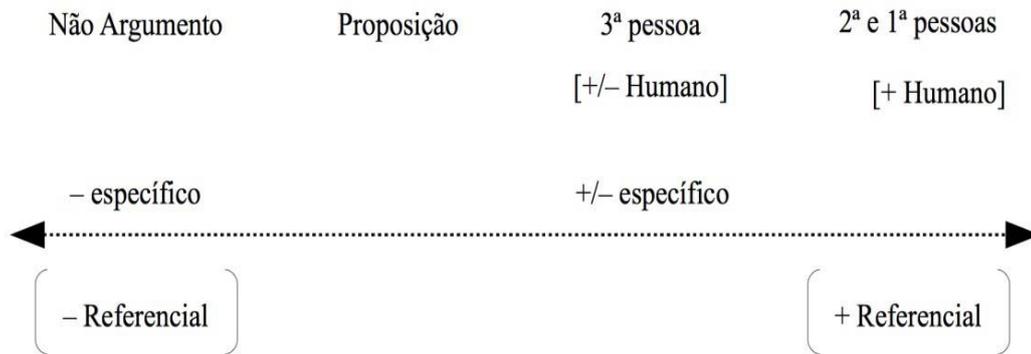
- a. __ Parece que meu irmão se casará este ano.
- b. **It** seems that my brother is getting married this year.

(16) Construções apresentativas

- a. __ Apareceu um tigre enorme.
- b. **There** appeared a huge tiger.

Analisando os fatos apresentados, parece estranho afirmar que o PB seja uma língua de sujeito preenchido, uma vez que, em construções como as mostradas nos exemplos acima o PB ainda apresente sujeitos nulos. Entretanto, segundo Duarte (2003), parece que o PB ainda se encontra em processo de mudança, de modo que, uma vez que a mudança seja implementada nos sujeitos referenciais, essa mudança passaria a ocorrer para os sujeitos não referenciais. Cyrino, Duarte & Kato (2000) apresentam como proposta a *Hierarquia Referencial*, figura 3, segundo a qual a natureza referencial do antecedente é um dos fatores que influencia na escolha de uma variante nula ou plena dos argumentos, no sentido de que os argumentos mais referenciais ocupam a posição mais alta na hierarquia referencial e os menos referenciais ocupam a posição mais baixa.

Figura 3- Hierarquia Referencial



Fonte: Cyrino, Duarte; Kato, 2000; Kato et al., 2006; Duarte, 2012, p.12

Segundo a hipótese levantada por Duarte (1997, 1999, 2000), os sujeitos não referenciais ou expletivos podem, de forma natural, começar a ser realizados foneticamente. Um dos modos apontados pela autora como recurso para evitar a posição de expletivo nulo, é a possibilidade de preenchimento com o pronome *ocê*, que ocorre com os verbos *ter* e *ver* em construções variantes daquelas em que os verbos *ter* e *haver* existenciais são utilizados.

No trabalho de Duarte (2003), foi feita uma análise das construções existenciais com *ter*, *haver* e *ver* que buscou verificar se há uma tendência ao preenchimento da posição de sujeito que é representada, segundo os conceitos da teoria gerativa, por um pronominal nulo expletivo. O estudo procurou investigar a possibilidade de preenchimento da categoria vazia por um pronome pleno e o papel das expressões temporais e locativas no processo de mudança. Assim, locativos ou temporais poderiam estar alocados na posição de argumento externo do verbo (FRANCHI et al., 1998). Os exemplos (17) e (18) foram retirados de Duarte (2003:4-5). A hipótese que orientou a pesquisa sociolinguística reportada foi a de que, uma vez implementada a propriedade de preenchimento dos sujeitos referenciais, propriedade esta das línguas de sujeito não-nulo, o sistema começa a caminhar no sentido do preenchimento dos sujeitos não-referenciais. Além disso, a autora afirma que o esperado é que, cada vez mais, a posição à esquerda do verbo em construções existenciais apareça preenchida, seja por SADVs e SPs locativos ou temporais, por SNs ou por pronomes, evitando-se V1 (KATO ; DUARTE, 2003). Isso se deve ao fato de estar havendo uma mudança dentro do sistema da língua que passa a concorrer com as sentenças não marcadas que mantêm o sujeito expletivo nulo. Para o caso do verbo *ver* existencial, o preenchimento do sujeito, supostamente nulo, ocorre em 100% dos casos. Para os verbos *ter* e *haver* existenciais, esse preenchimento ocorre

em cerca de 25% dos casos. Logo, a forma mais frequente, para estes verbos, ainda é a do sujeito nulo.

(17) a. ___ Não há/ não tem mais clientela no centro da cidade.

b. **Você** não tem mais clientela no centro da cidade.

(18) **Brasília** tem muito prédio. (Em Brasília tem muito prédio).

2.2.2 Sujeito nulo referencial de 3ª pessoa

Os trabalhos de Duarte (1993, 1995, 2000) têm mostrado que a representação do sujeito pronominal de PB, tanto o de referência definida quanto o de referência indeterminada, estão se caracterizando pela preferência pelo sujeito pleno, ao contrário do que ocorria em estágios anteriores do português no Brasil. Entretanto, o sujeito nulo ainda pode ser encontrado em uma série de contextos. Assim como o PB não apresenta sujeito preenchido em construções com sujeito não referencial, apesar da possibilidade dos sujeitos não referenciais ou expletivos começarem a ser realizados foneticamente, o sujeito nulo referencial de 3ª pessoa parece ser legitimado apenas em construções em que é controlado a partir de uma sentença matriz (FERREIRA, 2000; RODRIGUES, 2004). Ferreira (2000) defende que as instâncias de sujeito nulo referencial encontradas em PB não correspondem a um pronome nulo, nem a uma categoria vazia que se encontra vinculada a um operador nulo, mas sim a um vestígio, que nada mais é do que o resultado de uma operação de alçamento a partir da posição de especificador de T finito para uma oração mais alta, como ilustrado nos exemplos (19) e (20), retirados da amostra PEUL (DUARTE, 2007).

(19) Pedro disse ___ que chegou tarde ontem.

(20) As pessoas pareciam que ___ iam cair do brinquedo.

Deste modo, segundo Ferreira (2000), as instâncias de sujeito nulo referencial em PB podem ser analisadas como vestígios, ou seja, cópias apagadas fonologicamente, deixados pelo hiperalçamento do DP sujeito, que se move de dentro de uma oração finita para o Spec

de T de uma oração mais alta. Assim, uma sentença como (21a) seria resultado de uma derivação como a esquematizada em (21b), como mostram os exemplos abaixo, retirados de Ferreira (2000). Ainda segundo o autor, tal análise indica que os sujeitos nulos referenciais em PB devem ser localmente c-comandados por seu antecedente. Duarte (2007) afirma que a grande preferência dos falantes pela estrutura de hiperalçamento pode ser interpretada como uma consequência da tendência ao preenchimento ou à projeção do sujeito referencial, uma vez que se procura evitar a posição vazia do sujeito não argumental.

(21) a. João disse que comprou um carro.

b. [TP João T_{comp} [vP João disse [CP que [TP João T_{incomp} [vP João comprou carro]]]]]

É válido lembrar que embora a tradição gramatical não contemple o hiperalçamento em sua descrição, os estudos sincrônicos sobre o sujeito do PB indicam que se trata de uma construção que surgiu há menos tempo no sistema (DUARTE 2004, 2007). A flexão de ambos os verbos, o da oração matriz e o da encaixada, é a característica que diferencia o hiperalçamento das demais construções. Tal construção parece violar a Teoria do Caso, uma vez que um DP selecionado por um predicado não pode receber Caso duas vezes⁸.

Ferreira (2000) mostra que estar localizado em uma oração encaixada é uma condição necessária para a legitimação do sujeito nulo em PB, entretanto, não se trata de uma condição suficiente, como mostram os exemplos em (22) retirados de Ferreira (2000). Além de estar localizado na oração encaixada, o sujeito nulo deve ter seu antecedente na oração imediatamente mais alta e deve ser c-comandado por este antecedente, como em (22b), além de não ser possível para o sujeito nulo tomar um antecedente cindido, como em (22c). Ora, partindo de tais aspectos, o autor assume que, o sujeito nulo referencial do PB deve estar c-comandado por um antecedente na oração imediatamente mais alta.

(22) a. *O João disse [que a Maria acha [que *cv* é bonito]].

b. *A mãe do João acha [que *cv* é bonito].

c.* O João disse [que a Maria acha [que *cv* são bonitos]].

⁸ Vale salientar que nas propostas mais recentes da literatura, o T da sentença encaixada é entendido como um T defectivo, não podendo, portanto, atribuir caso.

2.2.3 Português brasileiro: uma língua de tópico

A estrutura de tópico-comentário é um fenômeno muito comum na oralidade informal dos brasileiros, sendo, por isso, um assunto pouco estudado pelos gramáticos. Pontes (1987) afirma que, em português, a estrutura tópico-comentário é extremamente comum e o costume de se considerar o português como uma língua em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como sendo de sujeito-predicado deve-se ao fato de a maioria dos textos tradicionais analisar a língua escrita formal, deixando de lado outros registros. Em vista disso, a autora argumenta que o PB ao invés de ser classificado como uma língua com predomínio de sujeito-predicado deveria ser considerado uma língua em que as construções sujeito-predicado e tópico-comentário existem, mas que trata-se de construções distintas.

A construção tópico-comentário é bem diversa, mas apresenta como característica principal o fato de ser uma construção marcada, em que se coloca em evidência um elemento, chamado de tópico, e faz-se sobre esse tópico um comentário. Outra característica fundamental deste tipo de estrutura é a de que o elemento tópico representa uma informação já conhecida pelos interlocutores, enquanto o comentário é a informação nova dada pelo falante ao seu ouvinte. Além disso, a topicalização pode ser explicada sintaticamente. Na sentença (23) o constituinte *o bolo* foi destacado à frente como tópico, fazendo da sequência o seu comentário (PONTES, 1987). É possível perceber que houve a omissão da preposição *de* na sentença, a qual é parte da c-seleção do verbo e exigida pela prescrição gramatical da língua escrita no Brasil, assim como nas variantes do português europeu (escrita ou falada), mas que é desprezada nesses tipos de construção. É importante ressaltar que o termo destacado recebe sua interpretação via a identificação da função sintática de objeto indireto, ainda que, aparentemente, se tenha rompido com a ordem normal da estrutura oracional da língua portuguesa: SVO (sujeito-verbo-objeto).

(23) O bolo eu não gostei.

Com o intuito de mostrar que o PB apresenta características semelhantes às encontradas nas línguas de tópico, como o chinês, Pontes (1987) apresenta alguns aspectos nos quais as línguas se assemelham. São eles:

- Nas línguas de tópico, a construção passiva é marginal. A autora afirma que, embora não tenha estatísticas sobre o português, suspeita que ela é pouco frequente na fala.
- As línguas de tópico não apresentam sujeitos vazios.
- Nas línguas de tópico, predominam as construções de tópico que Li e Thompson (1976 *apud* PONTES, 1987) chamaram de duplo sujeito.
- Nas línguas de tópico é este e não o sujeito que controla a correferência.
- Nas línguas de tópico, qualquer elemento da estrutura frasal pode ser tópico.
- As sentenças de tópico são sentenças básicas.

Ainda segundo Pontes, as sentenças tópico-comentário podem ser de vários tipos. Entre eles destacam-se as sentenças de duplo sujeito, construções de tópico com topicalização ou com deslocamento à esquerda e as construções de falso SVO, sendo as construções de tópico chamadas de duplo sujeito as mais comuns no PB.

2.2.4 Sentenças de duplo sujeito

O nome duplo sujeito se refere a um tipo de sentença em que a relação entre tópico e comentário não pode ser estabelecida no nível sintático e sim no semântico-discursivo. Sentenças de duplo sujeito podem ser explicadas como derivações de sentenças sujeito-predicado, havendo o deslocamento à esquerda de um elemento da estrutura frasal que pode deixar ou não em seu lugar um pronome cópia. A autora exemplifica com a sentença mostrada em (24):

(24) As cadeiras optativas, cê precisa ter um conhecimento bom primeiro.

A sentença acima não pode ser entendida como sendo derivada de *Cê precisa ter um conhecimento bom das cadeiras optativas primeiro*, pois não foi dita com este sentido. Segundo a autora, o sentido atribuído pelo enunciador foi o de que a pessoa precisa ter um bom conhecimento das outras cadeiras para fazer as cadeiras optativas. Assim, para que seja atribuída à sentença em (24) o mesmo significado atribuído pelo enunciador, é necessário que o falante e o ouvinte compartilhem um mesmo contexto situacional. Do contrário, a sentença

poderia não ser entendida da forma devida. Essa sentença, assim como outros exemplos dados pela autora, mostra não ser possível recriar este tipo de sentença apenas com base em operações de natureza sintática, pois a relação entre o tópico, neste caso *as cadeiras optativas*, e o comentário, *cê precisa ter um conhecimento bom primeiro*, está no nível semântico-discursivo e não sintático.

2.2.5 Construções de tópico com topicalização ou com deslocamento à esquerda

O deslocamento à esquerda, assim como a topicalização, pode ser explicado sintaticamente. Ambos apresentam um elemento no início da oração que é interpretado no interior da estrutura oracional. Normalmente, se esse elemento é preposicionado na ordem direta, perde-se a preposição quando o elemento passa a ocupar a posição de tópico. O que difere o deslocamento à esquerda da topicalização é o fato de naquele haver um pronome-cópia e neste não (CHOMSKY, 1977), como mostrado nas sentenças (25a) e (25b)⁹.

(25) a. O bolo eu não gostei.

b. O bolo, eu não gostei dele.

Em (25a) simplesmente ocorre a topicalização do objeto indireto, enquanto que em (25b) há um deslocamento para a esquerda, haja vista a presença do pronome-cópia *dele* que, além de repetir o constituinte destacado, atenta para as normas de regência verbal. É possível perceber que na topicalização ocorre a omissão da preposição *de*, exigida pela c-seleção do verbo, mas desprezada nesses tipos de construção. Outro fator de diferença seria a pausa. Pontes (1987) afirma que em topicalização, normalmente, não há pausa entre o que foi topicalizado e o resto da sentença. Porém, nas sentenças em que ocorre um deslocamento à esquerda, é comum a presença de pausas. Isso se dá, segundo ela, devido à presença do pronome-cópia.

⁹ Vale ressaltar que no PB a possibilidade de haver um objeto resumptivo nulo dificulta a distinção entre topicalização e deslocamento à esquerda.

2.2.6 Construções de falso SVO

Trata-se de um tipo de construção de tópico em que um SN inicia a sentença sendo seguido pelo verbo da oração que, por sua vez, é seguido por outro SN. Assim, esse tipo de sentença se assemelha estruturalmente a uma sentença sujeito-verbo-objeto direto. Entretanto, o primeiro SN é o tópico da oração e o SN localizado após o verbo é que é o sujeito. Neste tipo de construção, o falante frequentemente faz a concordância do verbo com o primeiro SN, que não é o sujeito, e não, com o segundo, o verdadeiro sujeito, pois toma o primeiro SN, ou seja, o antecedente do verbo como o sujeito da oração. Assim, em (26a), o SN *essa casa*, que está na posição de tópico, é tomado como sujeito, fazendo com que o verbo concorde com ele. Já na sentença (26b), o verdadeiro sujeito (o SN *60 l de gasolina*) deveria fazer com que o verbo fosse para o plural, mas, ao invés disso, a concordância verbal é feita com o SN tópico singular (*Esse carro*), que, por estar na posição anterior ao verbo, é tomado como sujeito. Tais sentenças podem ser interpretadas como derivadas de *Bate muito sol nessa casa* e *Nesse carro cabem 60 l de gasolina*.

(26) a. Essa casa bate muito sol.

b. Esse carro cabe 60 l de gasolina.

Pontes alerta para outro tipo de sentenças semelhantes ao falso SVO, nas quais verbos impessoais são precedidos por SNs que não poderiam de forma alguma ser sujeito, por tratar-se de verbos de orações sem sujeito. Apesar de poderem ser explicadas por operações de natureza sintática, elas não apresentam o mesmo significado das sentenças de base, pois o falante, ao utilizar as sentenças de tópico, tem o intuito de chamar atenção para o elemento que exerce a função do tópico. São sentenças como (27a) e (27b), que, na ordem direta, seriam *Não venta muito por essa janela* e *Chove muito na ponte Rio-Niterói*.

(27) a. Essa janela não venta muito.

b. A ponte Rio-Niterói chove muito.

Em (27a) o falante deseja enfatizar o tamanho da janela que não permite muita ventilação por ser pequena. Em (27b), o falante deseja enfatizar o fato da ponte Rio-Niterói ser muito atingida por fortes chuvas. Outro aspecto abordado pela autora está no fato de as

sentenças de falso SVO não poderem ser passadas para a voz passiva, o que não ocorre com a verdadeira estrutura SVO, como mostram os exemplos (28a) e (28b), retirados da autora.

(28) a. O ladrão roubou minha carteira/ Minha carteira foi roubada pelo ladrão.

b. Essa casa bate muito sol/ *Muito sol é batido nessa casa.

Assim, para a tradição, as estruturas de topicalização, deslocamento à esquerda e construção de falso SVO são entendidas como mau uso da língua. Tudo o que fugir da estrutura SVO é mero recurso estilístico e, portanto, estigmatizado na linguagem formal do português. Contudo, Pontes (1987) enfatiza que nesses casos a intenção comunicativa do falante não é a mesma de quando ele se utiliza de sentenças na ordem direta, que soam mais neutras. Quando ele as usa na ordem não direta, ou seja, com a estrutura tópico-comentário, há uma intenção comunicativa do falante em dar ênfase a um elemento da frase.

2.2.7 O tópico e o empobrecimento flexional do PB

Devido à tendência do PB de apresentar construções de tópico, Galves (1996) busca fornecer uma explicação estrutural para o fenômeno, relacionando-o ao empobrecimento do paradigma flexional dessa língua. Assim, o PB seria uma língua com morfema de concordância fraco, ou seja, aquele em que Pessoa é um traço puramente gramatical ou sequer existente. A autora defende que, em línguas de concordância forte, o sujeito receberia Caso nominativo em [Spec, AgrP], não havendo, portanto, uma posição para o tópico. Contudo, no PB, por tratar-se de uma língua de concordância fraca, o sujeito receberia Caso nominativo em [Spec, TP], onde estaria o morfema de concordância fraco, sendo que o [Spec, AgrP], acima de TP, se configuraria como uma posição suplementar onde o tópico poderia ser alocado, sendo este coindexado ao sujeito em [Spec, TP] ou a um pronome resumptivo em outra posição no interior da sentença. Essa análise daria conta de explicar de forma satisfatória sentenças como (29), cujas estruturas, conforme Galves (1996: 398), estão representadas em (30), com as posições do tópico [Spec, AgrP] e do sujeito [Spec, TP] em negrito:

(29) a. **Esse buraco** taparam ele outro dia.

b. **Essa competência** ela é de natureza mental.

(30) a. [_{AgRP} **Esse buraco**_j [_{Ag'} Agr [_{TP} *pro* [_{T'} taparam_i [_{VP} t_i ele_j]]]]]]

b. [_{AgRP} **Essa competência**_j [_{Ag'} Agr [_{TP} **ela**_j [_{T'} é_i [_{VP} t_i de natureza mental]]]]]]

A configuração diferenciada da posição do sujeito em PB, juntamente com o empobrecimento do paradigma flexional, seria responsável por explicar diversos aspectos da sintaxe superficial dessa variedade, como a tendência à ordem sujeito-verbo que se afirma no século XIX, o desaparecimento dos clíticos, o surgimento da possibilidade de objetos nulos, e a queda do *se* passivador.

2.2.8 Características do tópico-sujeito no PB

Galves (1998) levantou alguns aspectos relacionados à caracterização do PB como uma língua orientada para o tópico que parecem ser típicos apenas dessa língua. De acordo com a autora, construções como as de (31) não são licenciadas no Português Europeu:

(31) a. **A balança** está consertando.

b. **Esta casa** bate muito sol.

c. **O relógio** estragou o ponteiro.

d. **A cueca de dinossauros do Calvin** está lavando.

O que chama a atenção nestas sentenças é o fato de os verbos estarem na voz ativa, mas não existir um sujeito agente com o qual possam estabelecer concordância¹⁰. Na verdade, como mostram as sentenças em (32), os verbos estão em aparente concordância com o NP pré-verbal, o qual supostamente seria um tópico, mas que parece ser o sujeito da sentença, pois é o responsável por desencadear a concordância. No PE esse tipo de estrutura não é licenciado pela gramática, sendo necessário um tópico claro, cuja posição no interior da sentença possa ser recuperado ou o uso do *se* índice de indeterminação do sujeito. Assim,

¹⁰ Trata-se, de fato, de dois fenômenos distintos: as sentenças 31(a) e (d) apresentam verbos transitivos que começam a aceitar, no PB, uma leitura inacusativa, enquanto 31 (b) e (c) são exemplos de ergativas cindidas.

segundo a autora, tais fatos atestariam que o PB é claramente uma língua orientada para o tópico.

- (32) a. As balanças **estão** consertando.
 b. Estas casas **batem** muito sol.
 c. Os relógios **estragaram** o ponteiro.
 d. As cuecas de dinossauros do Calvin **estão** lavando.

Alguns aspectos importantes da suposta concordância do verbo com o tópico são considerados pela autora com o intuito de caracterizar plenamente o fenômeno. O primeiro deles está ligado ao fato do NP dever concordar com o verbo ou ser retomado por um pronome resumptivo, como ilustram as sentenças em (33) (respectivamente, sentenças 13a-b e 12d, GALVES, 1998: 21). No caso de estarem presentes na mesma sentença, a concordância e o pronome, como em (33c), a sentença não é licenciada pela gramática, o que indica que, quando o resumptivo está presente, o NP pré-verbal é o tópico da sentença e não o sujeito.

- (33) a. **Estas casas** batem muito sol.
 b. **Esta casa**, bate muito sol **nela**.
 c. * **Estas casas** batem muito sol **nelas**.

A autora considera um segundo aspecto, o fato de a concordância do verbo com um NP posposto exigir a presença do pronome resumptivo. O contraste entre (34a) e (34b) (sentenças (14a) e (14b), da autora) mostra que o NP pré-verbal deve ser licenciado pelo pronome resumptivo ou pela concordância. Como, em (34b), não há um pronome resumptivo que o legitime e a concordância se estabelece com o NP posposto, não há como o NP pré-verbal ser licenciado.

- (34) a. **Este carro**, cabem muitas pessoas **nele**.
 b. ??**Este carro** cabem muitas pessoas.

Outros dois outros aspectos levados em conta por Galves (1998) em construções de suposta concordância do verbo com o tópico são o fato de que não pode haver projeção do argumento externo do verbo, como ilustram os exemplos em (35) (sentenças (23a) e (23b),

da autora); e o fato de que, se o NP pré-verbal se encontra em uma relação genitiva com o NP posposto, a interpretação semântica entre eles deve ser do tipo parte/todo, como exemplificam as sentenças em (36) (exemplos (16c) e (17c), de Galves, 1996):

(35) a. **Essa estante**, o João põe muita coisa **nela**.

b. ?? Essa estante o João põe muita coisa.

(36) a. **A mesa** quebrou **o pé**.

b. ***A mesa** quebrou **o pote**.

Ora, tendo como base os aspectos citados, Galves assume que, nos casos em que o pronome resumptivo não está presente, o NP pré-verbal é efetivamente o sujeito da sentença, desencadeando a concordância do verbo. A autora denomina este elemento tópico-sujeito.

2.2.9 Construções existenciais com os verbos ter e haver

Ainda com relação à tendência cada vez maior de preenchimento da posição de sujeito, em relação aos sujeitos de verbos existenciais, Franchi et al. (1998) defendem a possibilidade de locativos ou temporais poderem estar alocados na posição de argumento externo do verbo. Duarte (2003) apresenta em seu trabalho, remetendo a Franchi, Negrão & Viotti (1998) e Viotti (1999), a tendência de que sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionados sejam alçados à posição de sujeito, uma vez que estes funcionariam como quase-argumentos nesse tipo de construção. Ao tratarem das construções existenciais com os verbos *ter* e *haver*, os autores afirmam que o constituinte deslocado à esquerda quando se realiza, é normalmente um adjunto de lugar/tempo e que é difícil caracterizar precisamente a relação entre tal constituinte e o verbo.

Para os autores, essas construções precisariam ser ancoradas, de algum modo, em um campo espaço-temporal, de forma que essa ancoragem seja exigida pela natureza da própria construção sintática, o que faria com que os sintagmas realizados à esquerda do verbo, mesmo sendo locativos ou temporais, pudessem estar alocados na posição de argumento externo do verbo. Desse modo, o sintagma nominal posposto ao verbo não seria o seu sujeito, mas seu complemento, recebendo do verbo Caso acusativo. Assim, as construções existenciais do PB não poderiam ser aproximadas das construções com verbos ergativos e sujeito posposto, o

que, nas palavras dos autores, seria comum na literatura. Estas seriam, na verdade, construções impessoais.

Duarte (2003) afirma que, num processo de mudança de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito preenchido, os sujeitos referenciais sofreriam em primeiro lugar a mudança, enquanto os sujeitos não referenciais, das construções existenciais, impessoais, com verbos de alçamento e das construções apresentativas, iriam sofrer a mudança posteriormente. Desse modo, como os sujeitos referenciais já são amplamente preenchidos no PB, seria esperado que os sujeitos não referenciais começassem também a se mostrar preenchidos. No caso das construções com *ter/haver* tal fenômeno estaria visível na presença de *você e a gente* em contextos bem claros que excluem uma interpretação predicativa, como em (37) (exemplo 91, do autor).

(37) Se você pensar em termos de Idade Média, **você tinha** honrarias que eram concedidas porque fulano era duque, outro era bem definido, né? (SP, 343)

Tais aspectos parecem indicar, portanto, que as construções com *ter/haver* realmente necessitam ser ancoradas num campo espaço-temporal. Duarte (2003), assim como Franchi, Negrão & Viotti (1998), defende que os locativos e temporais seriam, realmente, o argumento externo dessas construções. Vale salientar que essas construções se caracterizam por evitar V1 (KATO ; DUARTE, 2003).

Costa (2013) e Costa, Rodrigues & Augusto (2012) defendem o mesmo em relação aos verbos meteorológicos, como em (38), no sentido de que elementos quase-argumentais funcionariam como sujeitos-tópico, disparando a concordância verbal.

(38) Eu visitei as cidades que nevam no sul do Brasil.

2.2.10 Estratégias de impessoalização

No PB, encontraremos outras construções que parecem admitir, na posição de sujeito, um elemento locativo com características de tópico. Negrão & Viotti (2008) apresentam algumas sentenças desse tipo e salientam que o PB estaria assumindo algumas estratégias de impessoalização particulares.

Construções impessoais são tradicionalmente definidas como aquelas que não apresentam um sujeito com conteúdo semântico. No português, são construções que expressam condições meteorológicas, como em (39) e sentenças existenciais, de vários tipos, como os exemplos em (40).

- (39) a. Choveu pra caramba ontem.
b. Tá fazendo um calor que ninguém aguenta.

- (40) a. Hoje à noite vai ter uma festa na casa da Cecília.
b. Faz um tempão que eu não encontro o João.
c. O Pedro e a Ana são casados há uns cinco anos.

Entretanto, existem outros tipos de construções impessoais em PB, que não são muito frequentemente citados na literatura. Entre eles, estão sentenças como (41).

- (41) É que o meu carro quebrou.

Mais recentemente, o PB estaria apresentando sentenças como o exemplo (42):

- (42) Minha chácara está dando estas jabuticabas deliciosas.

As autoras buscam verificar se essas inovações do PB, que o distinguem do PE, seriam resultado do contato linguístico que o português teve com diversas línguas africanas no período colonial, Seguindo a análise realizada por Whitaker-Franchi (1989) de que a classe de verbos que aceita alternância causativa parece estar se alargando no PB, as autoras relacionam determinados fenômenos característicos da gramática dessa variedade a mudanças na estrutura temática dos verbos. Segundo elas, um dos verbos que estaria incluído nesta classe ampliada seria o verbo *dar*, que aceita formas especiais de impessoalização, como mostrou o exemplo acima.

Segundo Negrão & Viotti (2008), em PB, verbos distintos podem sofrer mudanças em sua estrutura temática e permitir determinadas realizações sintáticas de sua estrutura argumental que em PE não seriam possíveis ou seriam restritas a uma classe específica e limitada de verbos. Observa-se, por exemplo, o verbo *dar* que em PB é um verbo que, em

princípio, não permite alternâncias de diátese. Uma sentença construída com esse verbo teria a estrutura em (43):

(43) O Pedro deu este livro para a Regina.

Contudo, pode ocorrer uma mudança na estrutura semântica do verbo, fazendo com que seu argumento externo passe de [+animado] para [-animado], como mostra o exemplo (42). Para Negrão & Viotti (2008), é possível fazer com que o verbo *dar* passe por um processo de impessoalização no qual os argumentos internos do verbo que possuem papéis temáticos mais baixos na hierarquia temática sejam realizados na posição de sujeito, desde que os argumentos com papéis temáticos mais altos, como o de agente, não estejam presentes na diátese verbal. Em (42) um argumento-fonte (*minha chácara*) ocupa a posição de sujeito, sendo ele o argumento mais alto na hierarquia temática, enquanto um argumento-resultativo, mais baixo na hierarquia temática, ocupa a posição de complemento do verbo.

Assim, para Negrão & Viotti (2008), as estratégias de impessoalização do PB podem ser expressas pela flexibilidade das diáteses nesta gramática e são um fator central na sua distinção do PE.

2.2.11 Concordância com tópicos não-argumentais

Como uma nova evidência para a ideia de que o PB é uma língua de tópico, as construções em que a flexão verbal estabelece concordância com um tópico não-argumental têm sido analisadas. Avelar e Galves (2011) mostram que o PB admite concordância verbal com tópicos não-argumentais (44), diferentemente do português europeu que não apresenta essas construções, licenciando, contudo, tópicos não-argumentais em posição pré-verbal, ainda que de forma restrita (COSTA, 2010).

- | | |
|-----------------------------------|---------------|
| (44) a. Os carros furaram o pneu. | PB: ok PE: * |
| b. Os carros, furou o pneu. | PB: ok PE: ok |

O contraste acima pode ser entendido, com base na versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 2008), levando-se em consideração o fato de que as

línguas diferem no que diz respeito ao estatuto do EPP de T como ϕ -dependente ou ϕ -independente (HOLMBERG, 2010). Tal estatuto encontra-se relacionado ao fato de a criação de Spec-T ser ou não desencadeada para abrigar um sintagma, que eventualmente controlará a concordância dos traços- ϕ de T. Além disso, PB e PE mostram propriedades diferenciadas em relação ao traço de Caso em constituintes nominais, o que leva os autores a crer que o contraste ilustrado em (44) é resultante do fato de que, em PB, o requerimento EPP de T é ϕ -independente, o que implicaria na possibilidade de Spec-T ser criada para receber não apenas sintagmas argumentais, mas também não-argumentais.

Observando estudos como os de Kato & Duarte (2003), Avelar & Cyrino (2008) e Avelar (2009), é possível crer que ao contrário do que pode ser visto em outras línguas românicas, o EPP de T em PB é ϕ -independente. Avelar & Cyrino (2008) mostram que sentenças finitas do PB podem não ser agramaticais se sintagmas locativos preposicionados ocorrem nessa posição, desde que na ausência de um argumento externo em [Spec, T], como em (45). A presença de um PP em posição pré-verbal (Spec, T) afirma a gramaticalidade da construção quando um DP não se encontra em tal posição. Como os PPs não estabelecem concordância com a flexão verbal, dados como estes sugerem que, em PB, Spec-T pode ser criado para abrigar elementos que não interagem com os traços- ϕ em T, podendo assim ser o EPP de T em PB entendido como sendo ϕ -independente.

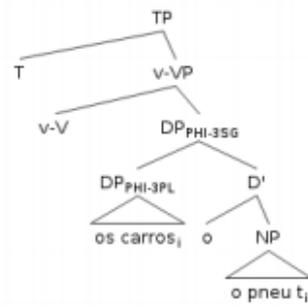
(45) a. * Consertava sapato.

b. Naquelas lojas consertava sapato.

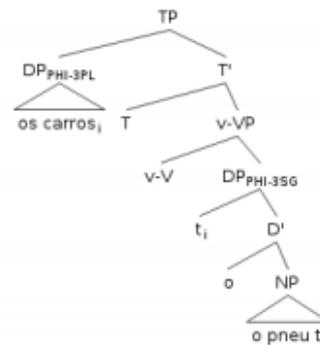
Considerando que a derivação da construção em (46) é gramatical em PB, mas não em PE, em (46a) e (46b), observa-se o ponto derivacional em que T é concatenado à estrutura, respectivamente em PE e PB.

(46) Os carros furaram o pneu. PB: ok PE: *

a. Português Europeu



b. Português Brasileiro

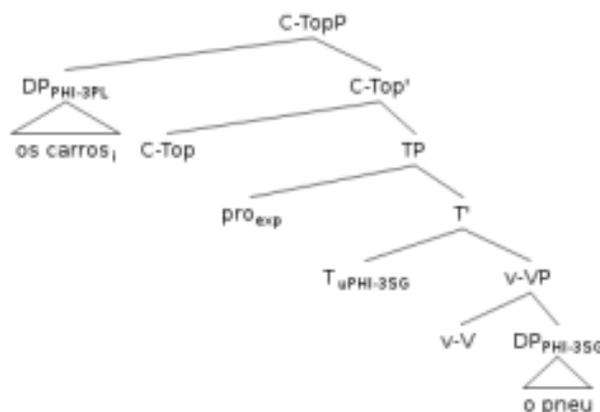


Tratando DP como fase, para o tópico não-argumental *os carros* poder ser extraído de dentro do constituinte nominal em que funciona como modificador, ele precisa se mover para a margem deste constituinte. A diferença entre PE e PB está na criação de Spec-T. Em (46a), que corresponde à derivação em PE, essa posição não está projetada, já em (46b), que corresponde ao PB, a posição está projetada e ocupada pelo tópico. Como o EPP de T é ϕ -independente no PB, nas orações dessa variedade do português, Spec-T pode ser criado antes de T receber $\mu\phi$ de C.

É importante ressaltar que em PE, DPs não-argumentais podem ocorrer em posição pré-verbal (COSTA, 2010), sem desencadear a concordância com a flexão verbal, como em (47a). Esta construção, que também é gramatical em PB, apresenta uma possibilidade de representação mostrada em (47b). O tópico não-argumental é realizado em uma posição que pode ser identificada como Spec-C ou Spec-Top, fora de alcance da sonda dos traços $\mu\phi$ que T herda de C, enquanto Spec-T é preenchido por um pronome nulo expletivo.

(47) a. Os carros, furou o pneu.

b.



Apesar de tais evidências, segundo Avelar e Galves (2011), ainda não está claro, com base na versão mais recente da versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros, como a ideia de que o PB é uma língua de proeminência de tópico pode ser captada em termos paramétricos. Contudo, os autores acreditam que a análise proposta por eles pode ser um ponto importante na tentativa de definir formalmente as propriedades do PB que justificam a sua inclusão entre as línguas de proeminência de tópico.

Deste modo, a possível mudança paramétrica pela qual vem passando o PB, o qual parece estar deixando de ser uma língua de sujeitos nulos para se tornar uma língua de sujeitos preenchidos, tem promovido uma série de alterações estruturais nessa língua. Como foi verificado nesta seção, embora sujeitos nulos não-referenciais ainda sejam atestados em construções com verbos meteorológicos, impessoais, existenciais e de alçamento, o sujeito nulo referencial de 3ª pessoa sofre restrições de ocorrência, sendo legitimado apenas em construções nas quais é controlado a partir de uma sentença matriz (FERREIRA, 2000; RODRIGUES, 2004). Além disso, elementos locativos ou temporais deslocados à esquerda têm sido considerados como alocados na posição de argumento externo do verbo (FRANCHI et al., 1998). Segundo Negrão & Viotti (2008), estruturas desse tipo constituiriam uma estratégia de impessoalização encontrada no PB. Ademais, Galves (1998) discute a possibilidade de um tópico disparar a concordância do verbo, o que é interpretado por Avelar & Galves (2011) como resultado de esses elementos não-argumentais poderem ocupar a posição de Spec-T, no sentido de que poderiam ser tomados como uma satisfação do requerimento de preenchimento de Spec-T, o que seria característico de línguas que não admitem sujeito nulo.

Uma alternativa a essa análise é a proposta de Miyagawa (2010 *apud* MUNHOZ ; NAVES, 2012) que lança mão de um sistema de transferência de traços de C para T a partir de propostas como as de Chomsky (2007, 2008). Seguindo o autor, as autoras defendem que a referencialidade da sentença é conferida em T nas línguas de proeminência de sujeito, enquanto nas línguas de tópico, pode ser alocada em uma projeção αP de acordo com as propriedades da construção sintática. Deste modo, em línguas voltadas para o discurso como o PB, o tópico acaba se tornando uma alternativa ao sujeito, uma vez que a categoria αP poderá atrair DPs em seu domínio de busca quando os traços- $\mu\phi$ forem transferidos de C para a respectiva categoria, uma vez que αP não atribui Caso a um DP, ao contrário de T, que restringe o movimento do sujeito gramatical por ser uma categoria que atribui Caso. Há, portanto, duas possibilidades de organização dos traços no complexo C-T. T pode receber

traços de C, produzindo sentenças como (48b) e (48c) em que o verbo concorda com o *tema* ou pode transferir seus traços para α P, produzindo sentenças de tópico-sujeito, como (48a) (MUNHOZ; NAVES, 2012, p. 256).

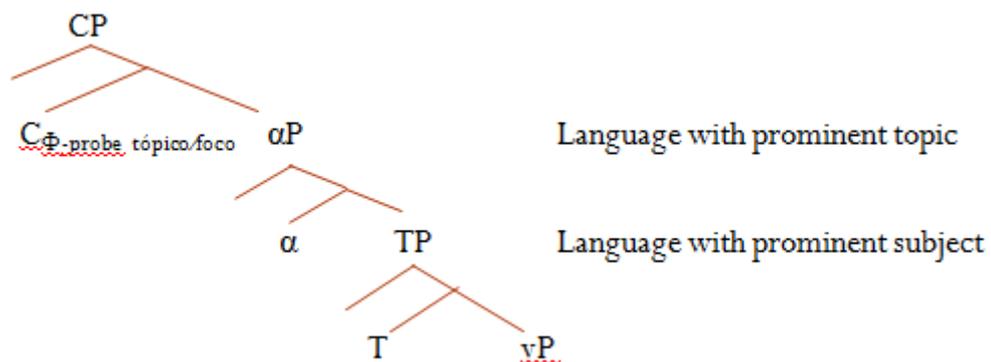
- (48) a. Esses caminhões cabem a mudança.
 b. Cabe a mudança *(n)esse caminhão.
 c. A mudança cabe *(n)esse caminhão.

Assim, segundo as autoras, a diferença paramétrica entre as línguas estaria relacionada aos traços herdados de C por α P ou TP.

- (a) traços- Φ e traços de tópico/foco herdados por α : línguas de proeminência de tópico (*Agreement* não desencadeado por Caso);
 (b) traços- Φ e traços de tópico/foco herdados por T: línguas de proeminência de sujeito (*Agreement* desencadeado por Caso).

Agreement seria, portanto, um traço originado em uma categoria funcional acima de T, por hipótese, em C. Segundo Miyagawa (2010), as cláusulas com proeminência de tópico e sujeito apresentariam a estrutura mostrada em (49).

(49)

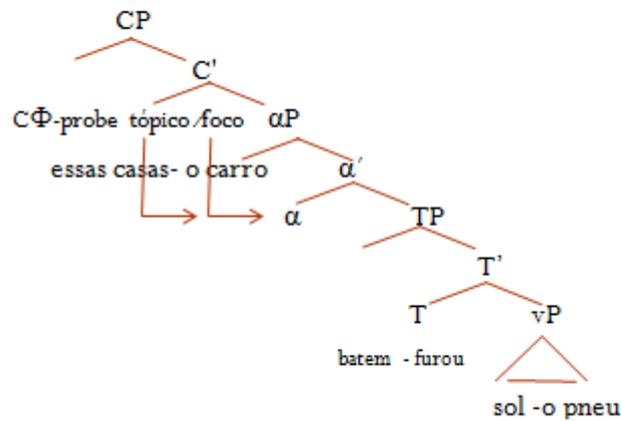


Deste modo, sentenças como (50) e (51) com tópico/sujeito cujos traços foram herdados por α apresentariam a estrutura ilustrada em (52)

(50) Essas casas batem sol. (*These houses shine the sun*)

(51) O carro furou o pneu. (*The car pierced the tire*)

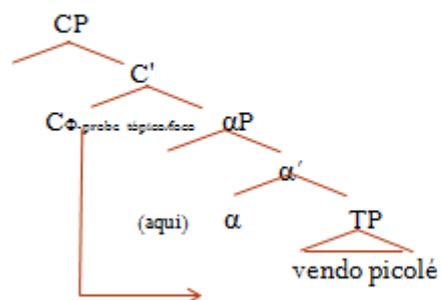
(52)

Topic/subject: Φ -probe + topic/focus inherited by α 

Para as sentenças com sujeito nulo referencial (53) cujos traços foram herdados por T, teríamos a estrutura exemplificada em (54).

(53) Vendo picolé

(54)

Referencial Null Subject: topic/focus e Φ -probe inherited by T

Assim, Munhoz e Naves (2012), seguindo Lobato (2002, 2007) e Miyagawa (2010), assumem que a referencialidade sentencial é construída em T em línguas de proeminência de sujeito e pode ser construída em α em línguas de proeminência de tópico. Assumindo que o PB está passando por uma mudança sintática apresentando um comportamento ora de língua de sujeito, ora de língua de tópico, as autoras propõem que os traços de tópico/foco de C

podem ser herdados tanto por α quanto por T, a depender das propriedades da construção sintática.

2.3 A expressão do sujeito em L2/FL: interferências da língua materna

Parece não haver, até onde se tem conhecimento, muitos estudos que visam analisar a influência do sujeito gramatical do PB na aquisição de inglês como L2/FL. Dentre os trabalhos na área, tivemos acesso ao realizado por Kim (2007), o qual buscou analisar a influência da língua coreana na aquisição de inglês como língua estrangeira em relação ao parâmetro do sujeito nulo e que nos serviu de base para a realização desta dissertação. Como a construção de tópico é a principal construção em coreano, a autora procurou observar como o conhecimento inconsciente da língua materna influenciaria a aquisição do parâmetro sujeito nulo em inglês.

A hipótese levantada pela autora foi a de que os tópicos da L1 são utilizados como sujeito na língua dos aprendizes, deste modo, as propriedades do tópico da L1 influenciariam a forma da interlíngua. A fim de comprovar sua hipótese, foi realizado um experimento com 155 coreanos falantes de inglês como língua estrangeira na Coreia. Os falantes foram divididos de acordo com a sua proficiência na língua inglesa entre os níveis básico, intermediário e avançado e deveriam, através de um questionário, avaliar se determinadas sentenças seriam aceitáveis ou não na língua inglesa.

Através da análise dos resultados obtidos no experimento, a autora percebeu que, para determinados tipos de sentenças, como, por exemplo, sentenças agramaticais formadas por tópicos seguidos de sujeito nulo, não houve diferença entre os grupos de acordo com o nível de proficiência, o que parece indicar que os aprendizes apresentam dificuldade em detectar a agramaticalidade desses tipos de sentenças, independentemente do seu nível de proficiência.

A autora afirma que é possível supor que os aprendizes sabem, mesmo que de maneira inconsciente, que a posição de sujeito deve estar preenchida em inglês, uma vez que, em geral, os aprendizes conseguiram identificar a agramaticalidade do sujeito nulo na posição inicial. Os iniciantes apresentaram, ainda, alguma dificuldade em detectar a agramaticalidade de sentenças que possuíam um constituinte na periferia esquerda, iniciando a sentença, como um elemento adverbial ou conjunção. No entanto, o que chama a atenção da autora é o fato de

a presença de tópicos ter dificultado a percepção da agramaticalidade do sujeito nulo em todos os níveis de fluência.

Em suma, o trabalho de Kim (2007) nos leva a concluir que os aprendizes identificam corretamente a (a)gramaticalidade das sentenças com sujeitos nulo ou preenchido na posição inicial, mas também tendem a aceitar sentenças que possuem a posição de sujeito preenchida por um tópico, o que parece indicar que houve a influência da L1 dos aprendizes na aquisição de inglês pelos falantes de coreano como língua materna no que diz respeito ao parâmetro do sujeito nulo.

O trabalho de Freitas (2009) também se detém sobre a expressão do sujeito no inglês, tendo como grupo de análise aprendizes de inglês como L2 por falantes nativos de PB. Seus dados mostram que os aprendizes de inglês como L2 de diferentes níveis de fluência fazem um uso agramatical de estruturas verbo-sujeito (VS), o que, segundo o autor, seria uma instância de transferência da L1.

No PB, haveria uma estratégia discursiva de inversão sujeito-verbo, que consiste em fazer com que elementos não referenciais sejam veiculados como informação nova/disponível no discurso via quebra do fluxo informacional. Essa inversão parecer ser restringida por aspectos formais, pois somente verbos inacusativos a aceitam. Os aprendizes de inglês como L2/FL transfeririam essa estratégia para o inglês, tal como em (55) (FREITAS, 2006:101).

(55) *I had dinner and go out with my mom (...) but, suddenly, **appeared the most beautiful and perfect boy in the world.** Wow! What a boy!*

Por ser o inglês uma língua SVO (sujeito-verbo-objeto) e o mesmo não possuir desinências número-pessoais no verbo, faz-se sempre necessária a presença de um sujeito expreso, mesmo expletivo. Como no português brasileiro essa ordem – SVO – não é rígida e o sujeito pode não ser expreso, tal fato poderia interferir na aquisição de estruturas com verbos inacusativos ou aquelas em que um pronome *it* ou *there* expletivo seria obrigatório no inglês. Assim, segundo Freitas (2009), a análise dos dados obtidos em seu estudo, por meio de um *corpus* formado de textos acadêmicos leva a concluir que o uso de construções, supostamente agramaticais em inglês como L2, com sujeitos invertidos de verbos inacusativos e/ou estruturas passivas, reflete a transferência para o inglês da estratégia discursiva relacionada à estrutura VS em PB: a de introdução de elementos novos/disponíveis no discurso, como pode ser verificado em (56) (FREITAS, 2009:82).

(56) ‘By analyzing the referred data, **it could be observed some aspects of the pronunciation of English by Brazilians.**’

Nesse exemplo, percebe-se que o aprendiz faz uso da inversão sujeito-verbo, possivelmente uma interferência da língua materna, mas preenche a posição de sujeito com o *it* expletivo, tentando atender aos requisitos da L2 em relação à proibição de sentenças com sujeito nulo no inglês. O resultado, no entanto, é uma sentença agramatical nessa língua. Para o autor, esses dados evidenciam a atuação de duas gramáticas na formação da interlíngua do aprendiz, entendida aqui como um sistema adaptativo, apenas parcialmente independente da atuação da língua materna e da língua alvo.

Outra proposta que objetiva verificar a influência da língua portuguesa como língua materna na língua inglesa como L2 (LE – língua estrangeira, nos termos da autora) no que concerne à questão do sujeito gramatical, é a de Canato (2003). Com uma análise linguística baseada nos pressupostos da Linguística Contrastiva, em seu modelo de Análise de Erros, e nos da teoria de Princípios e Parâmetros, a autora pretende constatar a influência da L1 (LM – língua materna, nos termos da autora) concernente à questão do sujeito gramatical, buscando verificar se o aprendiz sofre a influência da L1 durante a aprendizagem de inglês como L2. Para tanto, foram estudados trinta e seis aprendizes divididos em quatro grupos com níveis de proficiência linguística distintos, divididos em iniciante, pré-intermediário, intermediário e avançado. Todos eles são falantes nativos de PB, adolescentes e adultos, aprendizes de inglês como L2.

A coleta dos dados foi realizada em três etapas, com um teste de julgamento de gramaticalidade, tradução do PB para inglês e produção textual, sendo analisado apenas um aspecto do parâmetro *pro-drop*, sendo este a falta de preenchimento de sujeito. Através da análise dos dados, a autora percebeu que houve influência da L1, mesmo em aprendizes considerados avançados. A autora também afirma que os aprendizes demonstraram dificuldades no teste de julgamento de gramaticalidade e que isto se deve ao fato de, em PB, a presença do sujeito não ser obrigatória e assim, sua ausência não tornar a oração agramatical.

Ainda segundo a autora, a análise dos dados parece indicar que a influência da L1 no processo de aprendizagem da L2 é marcante, dado o fato de os aprendizes cometerem deslizes em ‘características não *pro-drops* da L1’, especialmente no uso de expletivos e de preenchimento da posição de sujeito em situações em que é facilmente recuperável.

Deste modo, para a autora, a hipótese que foi confirmada é a de que os aprendizes sofrem a influência da L1, de modo que os parâmetros estabelecidos durante sua aquisição

permanecem. Portanto, o parâmetro não é restabelecido a partir do *input* da L2, por isso, há dificuldade por parte dos aprendizes no que concerne ao sujeito gramatical até mesmo nos níveis mais avançados do processo.

2.4 Conclusão

Neste capítulo, fez-se uma exposição acerca das principais análises linguísticas para o sujeito nulo no PB, as quais apresentaram diversas propostas que parecem reforçar a ideia de que o PB esteja caminhando para se tornar uma língua de sujeito preenchido, mais próxima do inglês. Essas características devem ser levadas em conta no que diz respeito ao seu possível papel como informação que pode causar interferência na aquisição de inglês como L2 por falantes de PB.

Se por um lado, as análises apresentadas no capítulo sugerem que o PB se aproximou do inglês, pois privilegia o preenchimento de [Spec, T], a posição de sujeito sintático, por outro, fica claro que sua tendência de orientação para o discurso permite que essa satisfação se dê de maneira bem mais ampla do que o que ocorre no inglês, uma língua prototípica de sujeito manifesto, cuja satisfação de preenchimento de [Spec, T] deve se dar via sintagmas nominais ou pronominais, incluindo-se pronomes expletivos, estes ausentes (fonologicamente) no PB.

A principal propriedade inovadora no PB é a possibilidade de preenchimento de [Spec, T] por elementos topicalizados, particularmente de tipo locativo ou temporal (AVELAR ; GALVES, 2011).¹¹ É sabido que essa característica de língua voltada para o tópico do PB a assemelha a línguas orientais. Kim (2007), investigando a aquisição de inglês como L2 por falantes de coreano, hipotetiza que, uma vez que tópicos e sujeitos gramaticais geralmente coincidem em termos de seu papel temático, seria de se esperar que essa frequência de ocorrência pudesse levar aprendizes de inglês como L2 a analisar possíveis tópicos da L1 como sujeitos na interlíngua da L2. Raciocínio semelhante pode ser aplicado à interlíngua do falante de PB, aprendiz de inglês como L2/FL, no que diz respeito à presença de tópicos locativos ou temporais na periferia esquerda da sentença, o que poderia ser equacionado como

¹¹ Essa possibilidade tem se estendido até mesmo aos verbos que privilegiariam um sujeito expletivo, como os meteorológicos (veja-se DUARTE, 2007; COSTA, RODRIGUES ; AUGUSTO, 2012):

- (i) Essas janelas ventam muito.
- (ii) Tem locais que chovem tanto...

satisfação de preenchimento de [Spec, T]. A fim de investigar em que medida o inglês poderia sofrer interferência do PB, seja no sentido de facilitar a percepção da agramaticalidade de sujeitos referenciais nulos, seja no sentido de permitir a satisfação de EPP por tópico, via elementos locativos ou temporais, seja ainda por evitar, de maneira geral, construções de V1, uma tarefa de julgamento de gramaticalidade foi aplicada a aprendizes dos níveis básico, intermediário e avançado de um curso de línguas do Rio de Janeiro. O experimento conduzido é detalhado no próximo capítulo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Introdução

Neste capítulo, abordaremos os procedimentos metodológicos frequentemente utilizados em investigações sobre a aquisição de L2/FL, retomaremos os objetivos e a hipótese de trabalho que serviram de base para a presente pesquisa, além de descrevermos a metodologia efetivamente utilizada, a elaboração e aplicação dos testes de julgamento de gramaticalidade adotados, o procedimento para a coleta e tratamento dos dados, assim como os resultados obtidos.

Os objetivos e hipóteses que abarcam esta pesquisa têm como ponto de partida o fato de o PB, apesar de parecer estar passando por uma mudança paramétrica, ainda permitir sujeitos nulos em uma série de contextos – verbos meteorológicos, construções impessoais com haver (*there is/are*) e parecer (*seem*) etc., mas, por outro lado, permitir a satisfação do EPP por tópicos (AVELAR ; GALVES, 2011). Como em inglês, EPP deve ser satisfeito por meio de um sujeito lexical obrigatório, nos perguntamos se o inglês poderia sofrer interferência do PB no sentido de distinguir tipos de pronomes ou permitir a satisfação de EPP por tópico.

3.2 Metodologia em L2/FL

Os testes de julgamento de gramaticalidade são largamente utilizados em pesquisas linguísticas que tratam da aquisição de L2 desde meados dos anos 1960, quando foram adotados por linguistas teóricos, como Marks e Stolz (1967, 1969 *apud* GRÉGIS, 2008). Os resultados de pesquisas em L2 são, em sua maioria, dependentes de coletas de dados. Um dos objetivos principais desse tipo de teste é obter informações sobre o conhecimento linguístico dos aprendizes, ou seja, buscar encontrar, através de suas respostas, um reflexo de sua competência linguística. Na verdade, os teóricos em aquisição de L2 têm por objetivo entender os processos inseridos na competência dos aprendizes de uma L2 e não somente as características evidenciadas em suas *performances*. Esses testes podem ser feitos de formas

variadas, mas geralmente são compostos por um conjunto de sentenças que são apresentadas aos aprendizes que têm como tarefa julgar se as sentenças apresentadas são ou não aceitáveis em uma determinada língua.

Como é sabido, não é uma tarefa fácil verificar os mecanismos mentais de uma forma direta, por isso, frequentemente, o pesquisador deve recorrer a procedimentos indiretos para tentar compreender como o cérebro organiza a atividade verbal a fim de testar as hipóteses e buscar generalizações que expliquem a maneira como se dá o processamento de tarefas. Com esse intuito, são utilizados procedimentos metodológicos, como a produção de experimentos *on-line* e *off-line*. Os experimentos *on-line* se baseiam em medidas a reações obtidas no momento em que a leitura/audição está em curso, os experimentos *off-line*, por sua vez são baseados em respostas dadas por indivíduos após os mesmos terem lido ou ouvido um certo estímulo (como uma frase ou um texto, por exemplo). As aferições obtidas a partir de experimentos *on-line* dão informação a respeito de processos mentais que acontecem antes que a integração entre todos esses níveis linguísticos esteja completa, já as aferições obtidas a partir de experimentos *off-line* dão informação a respeito da interpretação de frases ou enunciados, após a leitura das mesmas, ou seja, após a integração de diversos níveis e fontes de informação que podem ser acessadas.

São três as principais técnicas experimentais utilizadas pela Psicolinguística nos experimentos *on-line*, a leitura automonitorada, efeito de reativação e a utilização do monitorador ocular.

Na leitura automonitorada, uma determinada frase aparece em fragmentos na tela do computador e cabe ao sujeito a tarefa de ler cada segmento, tendo, ele mesmo, o controle sobre o tempo de leitura destes. Diferenças de tempo aferidas neste tipo de experimento durante o processamento podem indicar a maneira como as demandas cognitivas relacionadas à linguagem atuam.

Segundo Tulvin & Schacter (1990 *apud* MAIA, 1998), um experimento psicolinguístico baseado na teoria da reativação desenvolve-se mais comumente em duas etapas. Em um primeiro momento, apresenta-se ao informante o objeto linguístico relevante ao estudo, por exemplo, uma palavra. Em seguida, apresenta-se para reconhecimento uma pista reduzida ou um estímulo associado, por exemplo, uma palavra que seja semântica ou fonologicamente relacionada à primeira palavra. A ocorrência de efeito de reativação está relacionada à propriedade que têm as unidades cognitivas na memória de apresentarem variação em seu nível de ativação ou excitação. A partir de um nível zero de ativação, uma

unidade cognitiva pode ser ativada em razão do processamento perceptual ou linguístico. Por exemplo, o conceito ‘*mesa*’ torna-se ativo se alguém vê uma mesa ou ouve a palavra *mesa*.

Por fim, o aparelho monitorador ocular é capaz de localizar onde está o foco de visão no momento em que se está lendo uma frase ou um texto, ou mesmo quando figuras são vistas. Com ele, o pesquisador consegue medir, em milésimos de segundo, quanto tempo esse foco permanece em cada palavra, constituinte de uma frase ou um texto. Além disso, o aparelho permite estudar movimentos oculares regressivos, ou seja, os movimentos que os olhos fazem retroativamente quando estão lendo uma frase ou um texto. Todas essas informações fornecidas pelo aparelho monitorador permitem ao pesquisador verificar, por exemplo, qual parte de uma sentença demanda mais tempo para ser processada, o que nos fornece indícios de como o cérebro humano funciona ao processar uma sentença.

Assim, as pesquisas que buscam entender como se dá a aquisição de L2, se baseiam, em sua grande maioria, na análise de dados. Esses dados podem ser obtidos a partir de testes *on-line* e *off-line*, dependendo do foco da pesquisa. Para realização deste estudo, foi utilizado um teste de julgamento de gramaticalidade *off-line*, sendo confeccionado um questionário, no qual os aprendizes tiveram como tarefa julgar sentenças (a)gramaticais na língua inglesa. Acreditamos, entretanto, que para futuras pesquisas a utilização de testes *on-line* poderá proporcionar uma melhor avaliação do processo envolvido no reconhecimento das sentenças agramaticais em inglês por parte dos informantes.¹²

3.3 Experimentos

Apresentados os pressupostos teóricos que nortearam este trabalho e a revisão de pesquisas sobre o parâmetro do sujeito nulo e a sua possível influência na aquisição de L2, foram realizados dois experimentos, um experimento piloto e o experimento final, com o

¹² Outra possibilidade de investigação que poderia se mostrar interessante seria via Linguística de Corpus (cf. Shepherd, 2009), como pôde ser percebido na disciplina ministrada pela Prof^a Dra. Tania Shepherd, cursada no período inicial do Mestrado, embora à época tenha sido realizado um estudo de caráter bastante exploratório. De qualquer maneira, a exploração do corpus Br-ICLE, gentilmente cedido por Berber Sardinha, permitiu verificar o uso de sentenças agramaticais com omissão do sujeito expletivo, como em (i). Esse corpus é formado por 139 composições argumentativas escritas por universitários brasileiros cursando a partir do quinto período de graduação em língua inglesa. Esse estudo corroborou a hipótese inicial de que sentenças agramaticais como as encontradas por Kim (2007) também seriam encontradas na escrita de estudantes universitários brasileiros aprendizes de inglês como L2/FL.

(i) *Nowadays is very difficult to find a person who don't think or don't care about money.*

objetivo de verificar se há interferência dos valores paramétricos do PB na aquisição de inglês e em que medida ela ocorre. Para tanto, os aprendizes tiveram como tarefa um julgamento de gramaticalidade com escala, de modo a reconhecer as sentenças (a)gramaticais em inglês.

Como dito na seção anterior, o julgamento de gramaticalidade é um procedimento metodológico empregado em muitos outros estudos sobre a aquisição de L2 (WHITE, 2003a), incluindo o trabalho de Kim (2007), o qual serviu de base para o desenvolvimento desta pesquisa.

A hipótese que norteia esta investigação é de que aprendizes de L2 sofrem interferência de sua L1. No caso específico estudado, acredita-se que a distinção entre pronomes referenciais e expletivos no que diz respeito à sua manifestação fonológica no PB, a tendência da língua em evitar construções do tipo V1 e a possibilidade de sentenças com tópicos na periferia esquerda constituem as principais diferenças entre PB e inglês no que concerne à atuação do parâmetro do sujeito nulo, as quais imporiam maior demanda à tarefa de julgamento de (a)gramaticalidade no inglês, dificultando a percepção da agramaticalidade.

3.3.1 Experimento Piloto

Anteriormente ao experimento final foi realizado um experimento piloto com aprendizes dos níveis básico e avançado que julgaram a aceitabilidade de sentenças que apresentavam sujeito nulo com tópico do tipo temporal ou locativo na periferia esquerda e sentenças com sujeito nulo do tipo referencial ou expletivo que não apresentavam tópico. O experimento piloto buscou replicar, parcialmente, o estudo de Kim (2007), o qual visou investigar a influência do coreano, que é uma língua de tópico, na aquisição de inglês como L2/FL.

3.3.1.1 Metodologia

No experimento piloto, como mencionado, foi realizada uma tarefa de julgamento de (a)gramaticalidade com escala, havendo quatro respostas possíveis: *yes*, *probably yes*, *probably no*, *no*. A variável dependente consistiu do número de respostas-alvo tomadas como

corretas (*no, probably no*). As variáveis independentes do experimento são o *nível de proficiência* (básico e avançado) e o *tipo de sentença* (Tipo 1: sujeito nulo e Tipo 2: tópico + sujeito nulo). Considerando-se o que já foi discutido em relação às distinções entre inglês e português e a possível interferência da L1 na L2, as seguintes previsões são feitas:

- (i) se o valor do parâmetro do sujeito nulo é transferido da L1 para a L2, espera-se um alto número de respostas incorretas;
- (ii) se o parâmetro do sujeito nulo já está adequadamente marcado em inglês, espera-se um alto número de respostas-alvo;
- (iii) se o parâmetro do sujeito nulo já está adequadamente marcado em inglês [-sujeito nulo], mas há interferência automática dos mecanismos para satisfação do EPP na interlíngua, espera-se maior número de acertos para as sentenças do Tipo 1 em comparação com as do Tipo 2;
- (iv) adicionalmente, prevê-se que a interferência diminua em função do aumento da proficiência em L2.

3.3.1.2 Participantes

Esta pesquisa foi elaborada com dados retirados de testes de julgamento de gramaticalidade realizados por alunos de um curso de ensino de idiomas privado na cidade do Rio de Janeiro. A amostra final foi composta por testes de 20 aprendizes de inglês, sendo 10 do nível básico e 10 do nível avançado. O nível de proficiência foi determinado pelo tempo de estudo da língua alvo.

3.3.1.3 Material

O material utilizado no estudo é composto por um questionário com exercício de julgamento de gramaticalidade com 10 sentenças agramaticais divididas em tipos 1 e 2, sendo 5 sentenças de cada tipo, 6 sentenças gramaticais com sujeito referencial ou expletivo *it*¹³ e 12

¹³Embora essas sentenças pudessem ter sido tomadas como sentenças-controle, nas quais se verificaria se o participante identifica como gramaticais sentenças que apresentam sujeito pronominal manifesto, optou-se, na

sentenças distratoras (10 gramaticais e 2 agramaticais). As sentenças distratoras agramaticais apresentavam erros como inversão da ordem entre substantivos e adjetivos. A seguir, ilustramos os tipos de sentenças utilizadas:

Tipo 1 – Estrutura sem tópico com sujeitos nulos de tipo expletivo ou referencial:

- 1) I saw Sandy at a school party. *Was a beautiful girl.
- 2) *Knew that there was nothing to do in this situation.
- 3) *Rained very hard when Peter came home.
- 4) *Has been getting warmer recently.
- 5) *Seems that the boy is too energetic.

Tipo 2 – Construções de tópico – locativo ou temporal- com sujeitos nulos de tipo referencial ou expletivo:

- 1) Tom had lots of fun yesterday. *Today is busy with many things to do.
- 2) *Yesterday rained a lot in this city.
- 3) *During the entrance exam was very cold.
- 4) *This year seems that Mary is getting married.
- 5) The principal sent a letter to me. *The letter has not received yet.

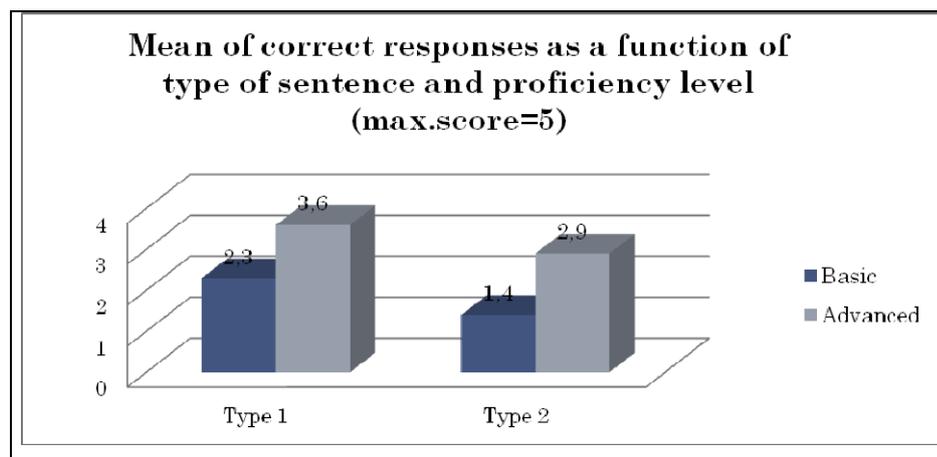
3.3.1.4 Procedimento

Os aprendizes foram submetidos ao experimento na própria escola de idiomas, sendo expostos a uma tarefa *off-line* realizada simultaneamente dentro de sala de aula, com tempo livre para realização da mesma. É importante perceber que o vocabulário foi controlado de modo a serem utilizadas palavras conhecidas pelos participantes. Além disso, os participantes foram encorajados a sanar suas dúvidas em relação ao vocabulário, caso eles não soubessem o significado de alguma palavra utilizada.

3.3.1.5 Resultados

Os dados foram submetidos a um ANOVA (2X2), sendo *tipo de sentença* um fator intra-sujeitos e *nível de proficiência*, inter-sujeitos. As médias de respostas-alvo¹⁴ do teste de julgamento de gramaticalidade são apresentadas no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Acertos em função do tipo de sentença e nível de proficiência



Fonte: O autor, 2013.

A análise estatística indicou efeitos significativos para *nível de proficiência* ($F(1,18)=56.0$ $p<.000001$), com maior número de acertos para o nível avançado, e *tipo de sentença* ($F(1,18)=32.9$ $p<.000019$), com menor número de acertos para as sentenças do tipo 2. Embora a amostra seja tomada como um estudo piloto, os resultados preliminares indicam que há interferência de L1 para L2. As sentenças do tipo 1 apresentam um sujeito nulo na primeira posição, enquanto as sentenças do tipo 2 apresentam um tópico em primeira posição, seguido diretamente do verbo, ou seja, sem a presença de um pronome referencial ou expletivo. Os aprendizes de nível avançado mostram um desempenho melhor que os aprendizes de nível básico, o que significa dizer que, de maneira geral, esses alunos julgam com mais frequência ambos tipos de sentenças como agramaticais. No entanto, ao verificarmos o seu comportamento em relação aos tipos de sentenças agramaticais (1 e 2), observa-se que as sentenças do tipo 1 são julgadas com mais frequência como agramaticais em comparação com as do tipo 2 ($t(9)=3.28$ $p< 0.0095$). Embora possa se dizer que esses aprendizes já identificaram que a língua inglesa não permite sujeito nulo, pois julgam em percentuais relevantes (média: 3,6 em 5,0, o que corresponde a 72% de acerto) que as

¹⁴ Tomaram-se como respostas-alvo NO e PROBABLY NO.

sentenças do tipo 1 são agramaticais, ainda há uma interferência do PB no inglês, no que diz respeito às sentenças do tipo 2, avaliadas no nível da chance (média: 2,9 em 5,0, o que corresponde a 56% de acerto) como agramaticais. Esse comportamento sugere que a possibilidade de, no PB, um locativo ou temporal poder satisfazer a exigência de EPP estaria sendo transferida para o inglês. Em suma, mesmo os aprendizes de nível avançado parecem ainda sofrer com a transferência dos mecanismos de satisfação de EPP do PB, ao julgarem sentenças em inglês, pois têm maior dificuldade para identificar as sentenças do tipo 2 como agramaticais. Em relação aos aprendizes de nível básico, há também uma distinção entre o julgamento de gramaticalidade atribuído às sentenças de tipo 1 e 2 ($t(9)=5.01$ $p < 0.0007$). No entanto, verifica-se que as sentenças do tipo 1 são avaliadas como agramaticais no nível da chance (média: 2,3 em 5,0, o que corresponde a apenas 43% de acerto), enquanto as sentenças do tipo 2 recebem avaliação adequada em nível abaixo da chance (média: 1,1 em 5,0, o que corresponde a apenas 28% de acerto).

Em suma, os resultados indicam que as previsões (iii) e (iv) foram confirmadas. Pode-se afirmar que há, no processo de aquisição do parâmetro do sujeito nulo em inglês, a construção de uma interlíngua em que se identificam aspectos da L1 influenciando a aquisição da L2.

3.3.2 Experimento final de julgamento de gramaticalidade: refinando as distinções

O experimento realizado por Kim (2007), o qual buscamos replicar parcialmente no experimento piloto, apresentou algumas simplificações, o que nos levou a elaborar um novo experimento. Dentre as reduções encontradas no experimento que nos serviu de base, houve uma falta de controle efetivo da distinção entre tipos de sujeitos pronominais (referenciais e expletivos), a mescla de tipos sentenciais de tópicos distintos e o uso de números distintos de sentenças do mesmo tipo, o que a obrigou a fazer uma análise por nível de fluência e itens, embora na sua discussão, a autora tenha abordado pontos discretos dos resultados.

3.3.2.1 Metodologia

Frente aos problemas encontrados, buscou-se na construção do novo experimento separar as sentenças em três tipos, com a adição de um novo tipo de sentença, iniciada por conjunção. Como no experimento piloto, foi realizada uma tarefa de julgamento de (a)gramaticalidade com escala (*yes, probably yes, probably no, no*) com a variável dependente e as variáveis independentes apresentadas a seguir.

3.3.2.2 A variável dependente

Este estudo apresenta como variável dependente o número de respostas corretas: *no, probably no*. Tendo em vista o objetivo do trabalho, os aprendizes têm como tarefa verificar quais as sentenças agramaticais no inglês, através da escolha de uma das respostas corretas (*no, probably*), dentre quatro opções possíveis: *yes, probably yes, no, probably no*. Nota-se que cada sentença apresentava essa escala com quatro respostas possíveis, pois a tarefa de julgar se a sentença é agramatical ou não pode tornar-se difícil e uma escala pode ajudar os aprendizes a julgar as sentenças que eles acreditam não serem muito utilizadas na língua, mas que também não aparentam ser completamente inaceitáveis (ZARA et al., 2013).

3.3.2.3 As variáveis independentes

Como variáveis independentes, temos o *nível de proficiência*, o *tipo de sentença* e o *tipo de sujeito pronominal*. Dentro do nível de proficiência, foram testados alunos dos níveis básico, intermediário e avançado.

As sentenças foram divididas em três tipos: sujeito nulo X tópico + sujeito nulo X conjunção + sujeito nulo. O primeiro tipo consiste de sentenças com sujeito nulo expletivo ou referencial sem elemento manifesto na periferia esquerda. O segundo tipo é formado por sentenças com sujeito nulo referencial ou expletivo, mas que apresentavam um tópico do tipo locativo ou temporal na periferia esquerda. E o terceiro tipo apresenta sentenças com sujeito nulo do tipo referencial ou expletivo, com um elemento na periferia esquerda do tipo conjunção.

A terceira variável independente é o tipo de sujeito pronominal e as sentenças apresentam sujeitos do tipo referencial e do tipo expletivo com verbos meteorológicos (*rain, snow, etc*) e de alçamento (*seem*).

Tem-se, portanto, um modelo do tipo 3x3x3.

Considerando-se o que já foi discutido em relação às distinções entre inglês e português e a possível interferência da L1 na L2, as seguintes previsões são feitas:

- (i) se o valor do parâmetro do sujeito nulo é transferido da L1 para a L2, espera-se alto número de respostas incorretas;
- (ii) se o parâmetro do sujeito nulo já está adequadamente marcado em inglês, espera-se um alto número de respostas-alvo;
- (iii) se o parâmetro do sujeito nulo já está adequadamente marcado em inglês [-sujeito nulo], mas há interferência da L1 na L2, espera-se maior número de acertos para as sentenças com sujeito referencial em comparação com as de sujeito expletivo;
- (iv) se o parâmetro do sujeito nulo já está adequadamente marcado em inglês [-sujeito nulo], mas há interferência automática dos mecanismos para satisfação do EPP na interlíngua, espera-se maior número de acertos para as sentenças do Tipo 1 em comparação com as do Tipo 2;
- (v) se o parâmetro do sujeito nulo já está adequadamente marcado em inglês [-sujeito nulo], mas há interferência de restrições gerais da gramática de L1 (restrições a V1) na L2, não se esperam diferenças significativas entre sentenças do Tipo 2 em comparação com as do Tipo 3;
- (vi) adicionalmente, prevê-se que a interferência diminua em função do aumento da proficiência em L2.

3.3.2.4 Participantes

Os dados desta pesquisa foram obtidos a partir dos testes de julgamento de gramaticalidade feitos por alunos de um curso de ensino de idiomas privado na cidade do Rio de Janeiro. A amostra final foi composta por testes de 45 aprendizes de inglês, sendo 15 do nível básico, 15 do nível intermediário e 15 do nível avançado, além de 15 nativos, moradores dos Estados Unidos, que constituíram o grupo controle. O nível de proficiência foi

determinado pelo tempo de estudo da língua alvo. Para aprendizes do nível básico, foram testados alunos com um ano e meio de curso, os do nível intermediário estudavam a língua há dois anos e meio e os do nível avançado são falantes graduados no curso de Letras¹⁵.

3.3.2.5 Material

O material utilizado na pesquisa foi composto por um questionário com exercícios de julgamento de gramaticalidade com 9 sentenças agramaticais divididas em tipos 1, 2 e 3, sendo 3 sentenças de cada tipo, 14 sentenças gramaticais com sujeito referencial ou expletivo *it* e 5 sentenças distratoras, as quais apresentavam erros como inversão da ordem entre substantivos e adjetivos. Foram criadas 3 listas e distribuídas as sentenças de acordo com o tipo de pronome e o tipo de sentença. Assim, a lista 1 trazia sentenças do tipo 1 com pronomes referenciais, sentenças do tipo 2 com pronomes expletivos com verbos meteorológicos e sentenças do tipo 3 com pronomes expletivos com verbo de alçamento ‘seem’. A lista 2, por sua vez, apresentava sentenças do tipo 1 com pronomes expletivos com verbos meteorológicos, sentenças do tipo 2 com pronomes expletivos com verbo de alçamento ‘seem’ e sentenças do tipo 3 com pronomes referenciais. Por fim, a lista 3 era constituída de sentenças do tipo 1 com pronomes expletivos com verbo de alçamento ‘seem’, sentenças do tipo 2 com pronomes referenciais e sentenças do tipo 3 com pronomes expletivos com verbos meteorológicos. As sentenças foram randomizadas em cada lista (ver Anexo). A seguir, ilustramos os tipos de sentenças utilizadas¹⁶:

Tipo 1 - Estrutura sem tópico com sujeitos nulos de tipo expletivo ou referencial

1a- I saw Sandy at the school party. *Was a beautiful girl.

1b- Mary will meet her friends at the movies. *love science fiction movies.

1c- I met your parents at the party. *Were a nice couple.

¹⁵ É importante ressaltar que o grupo de avançados que realizou o experimento piloto foi constituído por alunos dos níveis avançado do curso de idiomas no qual o experimento foi realizado. Já para o experimento final, contamos com alunos graduados no curso de Letras Português/Inglês da UERJ, os quais apresentaram um comportamento semelhante ao dos nativos.

¹⁶ Agradecemos uma observação realizada durante a defesa dessa dissertação, a qual salientou o fato de os estímulos apresentarem, por vezes, sentenças simples (veja sentenças de 4 a 9, do Tipo 2), por outras, sentenças complexas, o que poderia enviesar os resultados. Informamos, no entanto, que uma análise acerca da distribuição das respostas dos sujeitos por itens não mostrou comportamento distinto entre esses tipos de sentenças.

- 2a- I was worried.* Was raining very hard when Peter left.
- 2b- Tourism decreased last Winter in Europe. * Snowed a lot.
- 2c- I went to the beach yesterday. * Was very hot in the afternoon.
- 3a- It was so noisy in the classroom.*Seems that the kids are too energetic.
- 3b- I had lots of things to do. *Seems that the day is going to be difficult.
- 3c- The teacher told us to study. *Seems that tomorrow we are going to have a surprise test.

Tipo 2 - Construções de tópico – locativo ou temporal- com sujeitos nulos de tipo referencial ou expletivo

- 1a- Tom had lots of fun yesterday. *Today is busy with many things to do.
- 1b- The boys were always fighting. *Nowadays are best friends.
- 1c- My parents decided to travel next year. *Tomorrow will buy the tickets.
- 2a- *Yesterday rained a lot in this city.
- 2b- *During the entrance exam snowed very hard.
- 2c- *Today was very hot.
- 3a-* This year seems that Mary is getting married.
- 3b- *Today seems that it is going to rain.
- 3c- *This week seems that we are going to have tests.

Tipo 3 - Construções com conjunções com sujeitos nulos de tipo referencial ou expletivo

- 1a -* The children didn't want to eat anything, when were sick.
- 1b –*Tom prepared a delicious meal, when got home.
- 1c- *Mary didn't remember where had bought that book.
- 2a- *When rains a little, they walk without an umbrella.
- 2b- *When snows a lot, I stay home.
- 2c -* Although was very cold, Peter went swimming.
- 3a- *Although seems that Tom is stupid, he is good at math.
- 3b- *Although seems that the babies are sick, they are eating very well.
- 3c -*When seems .that my life is better, I get sick.

3.3.2.6 Procedimento

Assim como no experimento piloto, os aprendizes realizaram o experimento na própria escola de idiomas, o qual constava de uma tarefa *off-line* realizada simultaneamente dentro de sala de aula, com tempo livre para realização da mesma. Aqui também houve um controle sobre o vocabulário utilizado, havendo uma preocupação de que as palavras fossem conhecidas pelos participantes. Além disso, os participantes foram encorajados a sanar suas dúvidas em relação ao vocabulário, caso não conhecessem alguma palavra.

3.3.2.7 Resultados

Para a análise dos dados, foi utilizado um modelo de regressão logística de efeitos mistos (JAEGER, 2008) e testes de comparações múltiplas com os contrastes de Tukey¹⁷. As tabelas da análise estatística serão apresentadas assim como os gráficos com os percentuais de acerto de acordo com as condições avaliadas.

Embora o modelo de regressão logística de efeitos mistos tomando *nível de proficiência* como efeito fixo não tenha apontado efeitos significativos, o teste de comparações múltiplas com os contrastes de Tukey apresenta diferenças significativas encontradas entre os *níveis de proficiência* pareados dois a dois, conforme pode ser averiguado na Tabela 1.

Tabela 1- Resultados do teste de comparações múltiplas com os contrastes de Tukey (continua)

Contrastes	Estimativa (logOdds)	Erro padrão	Z-value	P-value
B - A	5.5928	1.1963	4.675	<0.001 ***
I - A	5.0194	1.1962	4.196	<0.001 ***
N - A	2.8563	1.2310	2.320	0.0817 .

¹⁷ Abandonamos a análise via ANOVA, preferindo o uso de testes não-paramétricos, particularmente os *modelos lineares de efeitos misto*, os quais tem se tornado rapidamente o procedimento padrão em psicolinguística (BARR et al. 2011 *apud* COSTA, 2013). Esse tipo de teste controla a variância tanto de sujeitos quanto de itens experimentais, o que se mostra adequado quando se tem dados do tipo eliciado aqui.

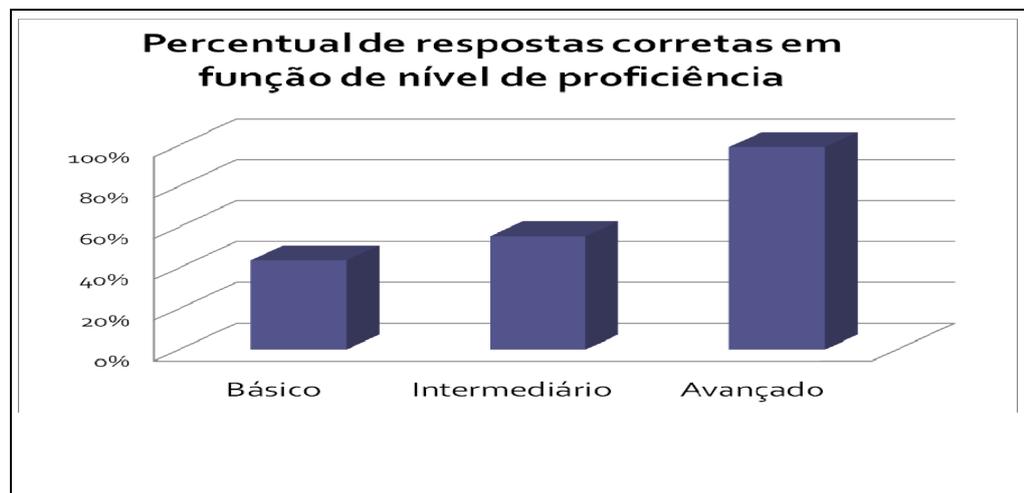
Tabela 1 - Resultados do teste de comparações múltiplas com os contrastes de Tukey (continuação)

I – B	-0.5735	0.3653	-1.570	0.3684
N – B	-2.7365	0.4712	-5.807	<0.001 ***
N – I	-2.1630	0.4709	-4.593	<0.001 ***

Fonte: O autor, 2014

O Gráfico 2 apresenta o percentual de respostas corretas em função do *nível de proficiência* (excluindo-se o nível dos nativos).

Gráfico 2 - Percentual de respostas corretas em função do *nível de proficiência*



Fonte: O autor, 2013.

Conforme pode ser verificado, não há uma diferença significativa entre os níveis básico e intermediário, mas há entre eles e o nível avançado (e entre esses níveis e o nível dos nativos). Os aprendizes de nível básico têm um desempenho abaixo da média no cômputo geral das respostas (43,7%). Os aprendizes de nível intermediário estão na média (55,5%), enquanto os de nível avançado apresentam um desempenho bastante satisfatório (99,2%), alcançado quase 100% de acertos, não se diferenciando dos nativos.

Em relação aos *tipos de sentenças*, a Tabela 2 a seguir apresenta o resultado da análise de regressão logística de efeitos mistos, em que se tomou as sentenças do tipo 1 como intercepto. Observa-se que estatisticamente não há diferença, em termos globais, entre os

tipos de sentenças, contrariando, portanto, o que fora obtido no experimento piloto, em relação à maior dificuldade de percepção de gramaticalidade em sentenças do Tipo 2.¹⁸

Tabela 2 - Resultados da análise de regressão logística de efeitos mistos para *tipos de sentenças*

	Estimativa(logOdds)	Erro padrão	Z-value	P-value
Intercepto	-0.0006834	0.3095379	-0.002	0.998
Tipo 2	0.1622426	0.3947285	0.411	0.681
Tipo 3	-0.1064469	0.3931454	-0.271	0.787

Fonte: O autor, 2014

A partir da realização das análises de regressão logística de efeitos mistos, apresentam-se os testes de comparação de Tukey. A comparação entre *tipo de sentença x nível de proficiência* (tomando-se apenas níveis básico e intermediário) não apresentou efeitos significativos. Houve, apenas, um efeito marginal entre as sentenças do tipo 3 para aprendizes de nível básico em comparação com os aprendizes de nível intermediário, o que parece indicar uma maior dificuldade dos aprendizes de nível básico em perceber a agramaticalidade de sentenças iniciadas por conjunção em relação ao nível intermediário.

Tabela 3 - Teste de comparação de Tukey entre *tipo de sentença x nível de proficiência* (continua)

Contrastes	Estimativa(logOdds)	Erro padrão	Z-value	P-value
I:1 - B:1	-0.111119	0.510152	-0.218	0.9999
B:2 - B:1	0.211500	0.506776	0.417	0.9983
I:2 - B:1	0.002731	0.571407	0.005	1.0000
B:3 - B:1	0.523923	0.510367	1.027	0.9062
I:3 - B:1	-0.873652	0.580918	-1.504	0.6554
B:2 - I:1	0.322620	0.569616	0.566	0.9928
I:2 - I:1	0.113850	0.507555	0.224	0.9999
B:3 - I:1	0.635042	0.572748	1.109	0.8742
I:3 - I:1	-0.762532	0.518066	-1.472	0.6760
I:2 - B:2	-0.208769	0.513761	-0.406	0.9985
B:3 - B:2	0.312422	0.511077	0.611	0.9898

¹⁸ Vale salientar que o número relativamente baixo de dados obtidos no experimento se deve ao fato de termos ampliado o número de condições, nos obrigando a criação de listas distintas, havendo a participação de poucos voluntários por lista (15). Possivelmente, uma ampliação do número de participantes possa indicar efeitos mais claros, conforme discussão a seguir.

Tabela 3 - Teste de comparação de Tukey entre *tipo de sentença* x *nível de proficiência* (continuação)

I:3 - B:2	-1.085152	0.581656	-1.866	0.4174
B:3 - I:2	0.521192	0.575265	0.906	0.9431
I:3 - I:2	-0.876383	0.521175	-1.682	0.5375
I:3 - B:3	-1.397574	0.527915	-2.647	0.0843 .

Fonte: O autor, 2014

Embora não tenha havido efeitos significativos ao cruzarmos *nível de proficiência* com *tipo de sentença*, obteve-se, em um modelo de regressão logística de efeitos mistos, um efeito de *tipo de pronome* (o pronome expletivo de sentenças de alçamento foi tomado como o intercepto):

Tabela 4 - Resultados da análise de regressão logística de efeitos mistos para *tipo de pronome*

	Estimativa(logOdds)	Erro padrão	Z-value	P-value
Intercepto	0.5633	0.2646	2.129	0.0333 *
PronPClim	-0.3629	0.3142	-1.155	0.2481
PronPRef	-1.2924	0.3231	-4.000	6.35e-05 ***

Fonte: O autor, 2014

Na comparação pairwise (Tukey), segundo a Tabela 5 a seguir, fica claro que há uma diferença significativa entre o pronome referencial e os pronomes expletivos, seja o de alçamento, seja o de verbos climáticos, não havendo, entretanto, diferença significativa entre esses.

Tabela 5 – Teste de comparação de Tukey para *tipo de pronome*

Contrastes	Estimativa(logOdds)	Erro padrão	Z-value	P-value
PClim - PAlc	-0.3629	0.3142	-1.155	0.48029
PRef - PAlc	-1.2924	0.3231	-4.000	< 0.001 ***
PRef - PClim	-0.9295	0.3181	-2.922	0.00991 **

Fonte: O autor, 2014

Por fim, o resultado da aplicação de um modelo de regressão logística de efeitos mistos, tomando-se *tipo de pronome* e *tipo de sentença* como efeitos fixos (o intercepto é a sentença de Tipo1), mostra que as sentenças de Tipo 1 e aquelas com pronomes referenciais são mais facilmente reconhecidas como agramaticais.

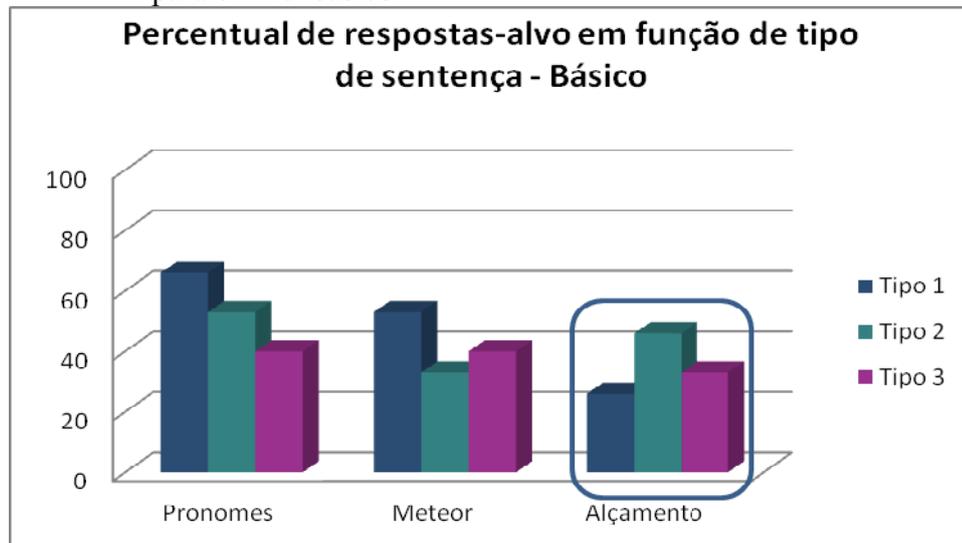
Tabela 6 - Resultados da análise de regressão logística de efeitos mistos para *tipo de sentença*

	Estimativa(logOdds)	Erro padrão	Z-value	p-value
<i>Intercepto</i>	0.9601	0.4767	2.014	0.04401 *
Tipo 2	-0.3502	0.6610	-0.530	0.59625
Tipo 3	-0.8114	0.6475	-1.253	0.21016
PronPClim	-1.1049	0.6474	-1.707	0.08790 .
PronPRef	-1.7517	0.6653	-2.633	0.00847 **
Tipo2:PronPClim	1.1163	0.9731	1.147	0.25134
Tipo3:PronPClim	1.0982	0.9570	1.147	0.25116
Tipo2:PronPRef	0.3839	0.9841	0.390	0.69646
Tipo3:PronPRef	0.9770	0.9742	1.003	0.31593

Fonte: O autor, 2014

Os gráficos a seguir apresentam os percentuais relevantes. O Gráfico 3 apresenta os resultados para os aprendizes do nível básico. Como os aprendizes deste nível de proficiência ainda não foram expostos ao ‘*seem*’, seria sensato desconsiderar esses dados. Os resultados dos dados de sujeito referencial indicam uma tendência no sentido de que as sentenças do Tipo 1 seriam mais facilmente reconhecidas como agramaticais em comparação com as sentenças do tipo 2 e 3. Por sua vez, os resultados dos dados de sujeito expletivo em verbos meteorológicos sugerem que os aprendizes estariam atentos à necessidade do expletivo, mas teriam maior dificuldade para perceber sua ausência, particularmente, em sentenças com tópico locativo ou temporal, sentenças do Tipo 2, possivelmente pela interferência da possibilidade atestada no PB. Em conjunto, no entanto, os resultados parecem sugerir uma tendência para aceitar sujeitos nulos, desde que estes não apareçam na primeira posição, ou seja, evitando-se V1, o que pode ser observado neste experimento ao se adicionar a condição com sentenças do Tipo 3, nas quais há uma conjunção iniciando a sentença com sujeito nulo.

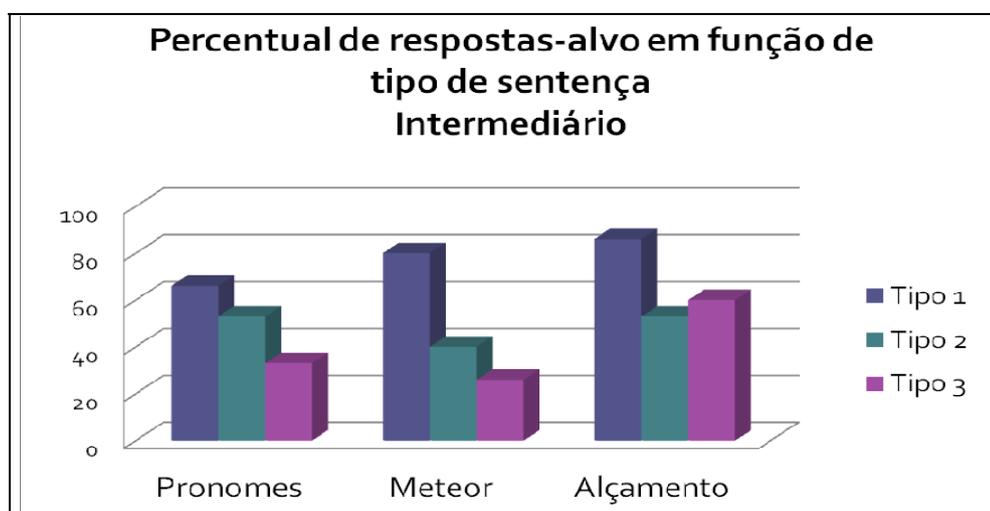
Gráfico 3 - Percentual de respostas-alvo em função do *tipo de sentença* para o nível básico



Fonte: O autor, 2013.

O gráfico 4 apresenta o percentual de respostas certas em função do *tipo de sentença* para o nível intermediário. Os percentuais dos dados de sujeito referencial e sujeito expletivo de verbos meteorológicos e de alçamento também parecem indicar que as sentenças do Tipo 1 seriam mais facilmente reconhecidas como agramaticais, em comparação às sentenças do tipo 2 e 3, notadamente no que se refere aos verbos com sujeitos expletivos.

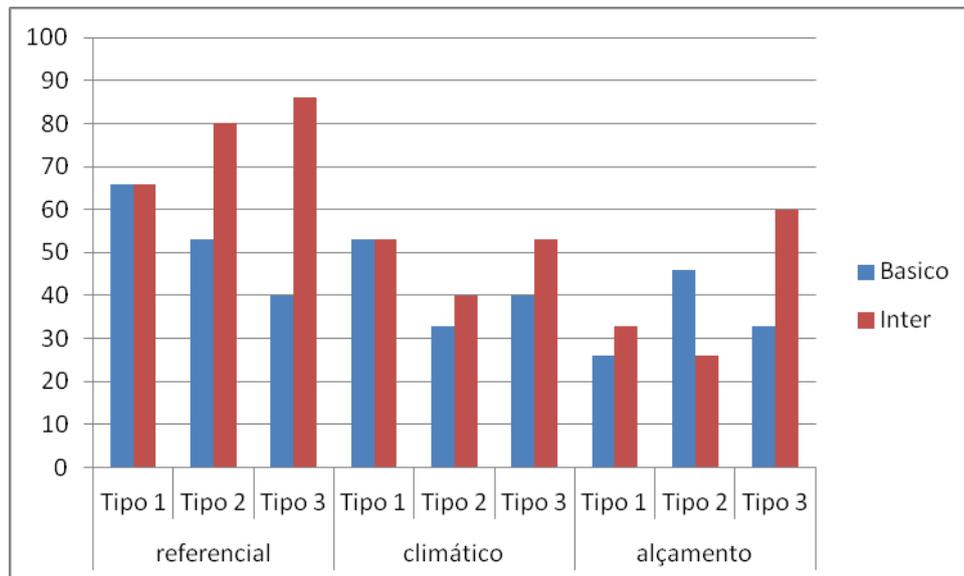
Gráfico 4 - Percentual de respostas-alvo em função do *tipo de sentença* para o nível intermediário



Fonte: O autor, 2013

O gráfico a seguir apresenta os percentuais de acerto em função de todas as variáveis independentes consideradas: *tipo de sentença*, *tipo de pronome* e *nível de proficiência* (excluindo-se níveis avançado e dos nativos).

Gráfico 5 - Percentuais de acerto em função das variáveis independentes



Fonte: O autor, 2013

Em suma, o efeito significativo de *tipo de pronome* – os aprendizes são mais sensíveis aos pronomes referenciais – corrobora a previsão (iii); a tendência de uma melhor percepção da agramaticalidade com as sentenças do tipo 1 parece corroborar a previsão (v) – evitar V1; a previsão (iv) – de interferência da satisfação de EPP por tópico – não foi confirmada, diferentemente do obtido no experimento piloto, o que pode ser creditado ao fato de se ter um comportamento semelhante frente às sentenças do tipo 3, que também trazem dificuldade para a percepção de agramaticalidade, o que corrobora, na verdade, a previsão (v).

3.4 Discussão

A análise dos dados obtidos com as tarefas de julgamento de gramaticalidade foi realizada a partir da submissão dos mesmos ao método estatístico de Análise de Variância

ou ANOVA, no caso do experimento piloto, e aos *modelos lineares de efeitos mistos*¹⁹, no caso do experimento final, sendo o último considerado uma importante ferramenta estatística na pesquisa psicolinguística.

No experimento piloto, foram utilizadas cinco sentenças de cada tipo (Tipo 1 e Tipo 2), divididas em sentenças com sujeito nulo expletivo ou referencial com ou sem tópico do tipo locativo ou temporal. Os dados foram submetidos a um ANOVA (2X2), sendo *tipo de sentença* um fator intra-sujeitos e *nível de proficiência*, inter-sujeitos. Os resultados mostram efeitos significativos para *nível de proficiência* ($F(1,18)=56.0$ $p<.000001$), com maior número de acertos para o nível avançado, e *tipo de sentença* ($F(1,18)=32.9$ $p<.000019$), com menor número de acertos para as sentenças do tipo 2, com tópico. Como esperado, os aprendizes de nível avançado mostram um desempenho melhor que os aprendizes de nível básico, julgando com mais frequência ambos tipos de sentenças como agramaticais. No entanto, ao verificarmos o seu comportamento em relação aos tipos de sentenças agramaticais (1 e 2), observa-se que as sentenças do tipo 1 são julgadas com mais frequência como agramaticais em comparação com as do tipo 2 ($t(9)=3.28$ $p< 0.0095$).

Os resultados do experimento piloto demonstram, portanto, que parece haver uma possível interferência do PB que acaba por mascarar a omissão do sujeito tanto do tipo referencial como expletivo. Isso parece indicar que, assim como no PB, [+ tópico] é uma opção para satisfação do EPP, o que pode ser atribuído à natureza da gramática da interlíngua na aquisição de inglês por falantes de PB. Segundo Kim (2007), o EPP da interlíngua explicaria os padrões de julgamento dos aprendizes, uma vez que eles identificariam mais facilmente a agramaticalidade de sentenças com sujeito nulo na posição inicial, mas tenderiam a aceitar sentenças iniciadas por tópico. Entretanto, como visto neste capítulo, essa hipótese não foi confirmada no experimento final.

O experimento final, por sua vez, foi composto por três tipos de sentenças, uma vez que houve a adição de sentenças iniciadas por conjunção, e três níveis de proficiência, básico, intermediário e avançado, além do grupo controle composto por nativos. Os dados obtidos foram submetidos a um modelo de regressão logística de efeitos mistos (JAEGER, 2008) e testes de comparações múltiplas com os contrastes de Tukey, sendo também realizado o cálculo dos percentuais de acerto para as condições avaliadas.

¹⁹ Por falta de familiaridade com os *modelos lineares de efeitos mistos*, contamos com o suporte de Igor Costa e Adriano Soares Koshiyama, contato gentilmente promovido por Erica Rodrigues, para realização da análise dos dados do experimento final, aos quais agradecemos imensamente a ajuda que nos foi prestada.

Os resultados do modelo de regressão logística de efeitos mistos tomando *nível de proficiência* como efeito fixo não apontam efeitos significativos, entretanto, o teste de comparações múltiplas com os contrastes de Tukey apresenta diferenças significativas para os *níveis de proficiência* pareados dois a dois entre os níveis básico e avançado, intermediário e avançado, básico e nativo, intermediário e nativo, havendo também um efeito marginal entre avançado e nativo. Não há, entretanto, uma diferença significativa entre os níveis básico e intermediário. A análise percentual para *nível de proficiência*, por sua vez, mostra que os aprendizes de nível básico têm um desempenho abaixo da média no cômputo geral das respostas (43,7%), enquanto aprendizes de nível intermediário estão na média (55,5%) e os de nível avançado apresentam um desempenho bastante satisfatório (99,2%), alcançado quase 100% de acertos, não se diferenciando dos nativos.

Em relação aos *tipos de sentenças*, a comparação entre as sentenças do tipo 2 e 3, iniciadas por tópico e conjunção respectivamente, indica que a ausência do expletivo não é facilmente reconhecida como agramatical em nenhum desses tipos de sentença (tabela 2), contrariando o que fora obtido no experimento piloto, em relação à maior dificuldade de percepção de gramaticalidade em sentenças do Tipo 2. O resultado obtido sugere, portanto, que não há apenas uma interferência da L1 na L2, uma vez que a caracterização do PB como uma língua de tópico não parece ser a responsável direta pela dificuldade de julgamento dos aprendizes em relação a esses tipos de sentenças, mas sim, que essa dificuldade seja de natureza mais ampla. Segundo a análise dos dados, não são apenas sentenças com tópicos e expletivos omitidos que são aceitas como possíveis em inglês, mas também sentenças iniciadas por uma conjunção dificultam a percepção de que o expletivo está ausente.

A comparação entre *tipo de sentença x nível de proficiência*, realizada apenas com os níveis básico e intermediário, não apresentou efeitos significativos. Como os aprendizes do nível básico ainda não foram expostos ao ‘*seem*’, esses dados foram desconsiderados. Há, entretanto, um efeito marginal entre as sentenças do tipo 3 para aprendizes de nível básico em comparação com os aprendizes de nível intermediário (tabela 3), o que parece indicar uma maior dificuldade dos aprendizes de nível básico em perceber a agramaticalidade de sentenças iniciadas por conjunção em relação ao nível intermediário. Ainda para o nível básico, os resultados dos dados de sujeito referencial indicam uma tendência no sentido de que as sentenças do Tipo 1 seriam mais facilmente reconhecidas como agramaticais (66%) em comparação com as sentenças do tipo 2 (53%) e tipo 3 (40%). Os resultados dos dados de sujeito expletivo em verbos meteorológicos, por sua vez, sugerem que os aprendizes estariam atentos à necessidade do expletivo, mas teriam maior dificuldade para perceber sua ausência,

particularmente, nas sentenças do Tipo 2, com tópico locativo ou temporal (33% nível básico e 40% intermediário). Isso se deve, possivelmente, à interferência da possibilidade de preenchimento de EPP por tópico atestada no PB.

No que se refere à percepção da agramaticalidade dos sujeitos nulos em inglês, os aprendizes de nível básico e de nível intermediário apresentam um comportamento distinto: enquanto os de nível básico parecem estar mais atentos à impossibilidade de sujeito nulo referencial, não apresentando ainda a mesma acurácia no que diz respeito aos meteorológicos, os dados dos aprendizes de nível intermediário mostram que estes estão menos atentos aos pronomes referenciais e mais precisos no que diz respeito à atenção voltada para o preenchimento do sujeito expletivo com verbos meteorológicos e de alçamento (tabela 5). Isso, possivelmente, se deve ao fato de os aprendizes de nível básico estarem mais atentos às restrições mais básicas da língua inglesa, como o fato de toda sentença iniciar com um sujeito referencial explícito, mas ainda não estarem totalmente familiarizados com os verbos meteorológicos. Os aprendizes de nível intermediário, por sua vez, já possuem em mente o fato de que os pronomes referenciais precisam estar necessariamente explícitos, não voltando sua atenção a esse aspecto, tendo seu foco, portanto, no preenchimento do sujeito expletivo tanto com verbos meteorológicos como de alçamento.

No entanto, esse mesmo comportamento não se mostra presente no que diz respeito às sentenças do tipo 2, nas quais a possível interferência do PB acaba por mascarar a omissão do expletivo, sobrepondo-se à alocação de atenção explícita a esse fenômeno, indicando uma dificuldade de integração de informações, conforme sugere Sorace (2011). Como visto na seção 1.7, para a autora, essa dificuldade de integração de informações se deve às limitações decorrentes da necessidade de processar duas línguas em momentos específicos, pois os aprendizes precisam ser capazes de exercitar o controle executivo de modo a evitar a interferência da L1, que por ainda ser dominante exige mais recursos para ser inibida, o que pode fazer com que os recursos de atenção sejam desviados de outras tarefas. Isso faria, portanto, com que os aprendizes, tanto de nível básico como intermediário, não percebessem a omissão do pronome expletivo, uma vez que a sua L1, no caso o PB, aceita que um tópico assumo a posição do sujeito.

Em suma, os resultados revelam que os aprendizes são mais sensíveis aos pronomes referenciais e há uma tendência de maior percepção da agramaticalidade em sentenças que não possuem um elemento na periferia esquerda (Tipo 1), seja esse elemento um tópico ou uma conjunção. Contrariando o experimento piloto, não houve por parte dos aprendizes de inglês uma maior dificuldade em julgar como agramaticais sentenças com sujeito referencial e

expletivo nulo quando da presença de um tópico - locativo ou temporal, uma vez que os aprendizes apresentaram um comportamento semelhante frente às sentenças do tipo 3. A hipótese de interferência da satisfação de EPP por tópico, não foi sustentada, o que corrobora, na verdade, a previsão de que há interferência de restrições gerais da gramática de L1 na L2 no que diz respeito às restrições a V1, sugerindo que a análise dos aprendizes é mais superficial, como propõem Clahsen & Felser (2006) e mais suscetível a demandas de processamento, no sentido de Sorace (1996, 2011).

3.5 Conclusão

Neste capítulo, foram observados resultados experimentais acerca da influência do PB como língua materna na aquisição de inglês como L2/FL no que diz respeito ao preenchimento da posição de sujeito pronominal. Para tanto, considerou-se a sensibilidade dos aprendizes frente a sentenças (a)gramaticais na língua alvo no tocante a omissão do sujeito em diferentes contextos através da realização de testes de julgamento de gramaticalidade. A fim de investigar tais mudanças que vêm afetando o PB em relação ao preenchimento da posição de sujeito e observar o quanto aprendizes de inglês como FL falantes de PB se mostram sensíveis à (a)gramaticalidade de sentenças com sujeito nulo no inglês em diferentes contextos, foram realizados dois experimentos, ambos com uma tarefa de julgamento de gramaticalidade. Como mostrado em (3.2), os testes de julgamento de gramaticalidade são largamente utilizados em pesquisas linguísticas que tratam da aquisição de L2 e têm como objetivo buscar encontrar, através de suas respostas, um reflexo de competência linguística dos aprendizes.

No experimento piloto as estruturas consideradas foram (i) estrutura sem tópico com sujeitos nulos de tipo expletivo ou referencial; e (ii) construções de tópico – locativo ou temporal- com sujeitos nulos de tipo referencial ou expletivo. Já para o experimento final foram consideradas as seguintes estruturas: (i) estrutura sem tópico com sujeitos nulos de tipo expletivo ou referencial; (ii) construções de tópico – locativo ou temporal- com sujeitos nulos de tipo referencial ou expletivo; e (iii) construções com conjunções com sujeitos nulos de tipo referencial ou expletivo.

Os dados obtidos nos experimentos revelam que o valor do parâmetro do sujeito nulo parece ser transferido da L1 para a L2, uma vez que foi encontrado um alto número de

respostas incorretas. Além disso, há interferência de restrições gerais da gramática da L1 na L2, uma vez que houve restrições por parte dos aprendizes a sentenças iniciadas por verbo, ou seja, restrição a V1. E por fim, os resultados apontam que a interferência se dá mais fortemente no âmbito dos sujeitos expletivos e que tal interferência diminui em função do aumento da proficiência em L2.

Indo além, nas sentenças do tipo 2, parece haver uma possível interferência do PB que acaba por fazer com o aprendiz não perceba a omissão do expletivo, o que indica uma dificuldade de integração de informações resultante das limitações decorrentes da necessidade de processar duas línguas em momentos específicos de modo a evitar a interferência L1, que por ainda ser dominante exige mais recursos para ser inibida (SORACE, 1996, 2011).

Em suma, os resultados encontrados indicam que uma vez que houve um grande número de respostas incorretas, o valor do parâmetro do sujeito nulo parece ser transferido da L1 para a L2; que há interferência de restrições gerais da gramática de L1 na L2, neste caso, uma restrição à possibilidade de o verbo se encontrar na primeira posição; que a interferência da língua materna se mostra mais clara em relação aos sujeitos expletivos; e, por fim, que a interferência da L1 diminui em função do aumento da proficiência em L2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação tratou da questão da transferência entre línguas na aquisição de segunda língua/língua estrangeira (L2/FL), mais especificamente, a influência do Português Brasileiro (PB) como língua materna (L1) na aquisição de inglês como L2/FL no que diz respeito ao preenchimento da posição de sujeito pronominal. Para tanto, fez-se uso de uma teoria formal de língua, a *teoria gerativa* (CHOMSKY, 1957), na sua versão mais recente, o *Programa Minimalista* (CHOMSKY, 1995 e posteriores) e da psicolinguística, no âmbito das questões de aquisição de L2/FL.

Procedemos a uma revisão de literatura voltada para as mudanças que vêm afetando o PB no âmbito do preenchimento da posição de sujeito, pois há indícios de que o PB está deixando de ser uma língua de sujeito nulo, como as demais línguas românicas, e se caracterizando como uma língua de sujeito preenchido (DUARTE, 1993, 1995). Deste modo, o PB, em contraste com o português europeu (PE), tem apresentando um comportamento que parece indicar que a língua encontra-se diante de uma mudança paramétrica de uma língua [+*pro-drop*] para uma língua [- *pro-drop*]. Os trabalhos resenhados, de uma maneira geral, procuravam dar conta das mudanças que a língua estaria sofrendo no que envolve o Parâmetro do Sujeito Nulo, levando o PB a ser classificado por alguns autores como uma língua de sujeito nulo parcial (HOLMBERG, 2010; MODESTO, 2000). Constatamos, por fim, que vários são os trabalhos que buscam dar conta de tal mudança e do modo como está sendo realizado o preenchimento do sujeito em diversos contextos.

O PB e o inglês são consideradas línguas distintas em relação à satisfação do traço EPP, responsável pelo preenchimento da posição de sujeito sintático nas línguas naturais. Entretanto, o PB tem se aproximado do inglês quanto ao preenchimento de sujeitos referenciais, mas não no que concerne aos sujeitos expletivos. Além disso, a língua tem apresentado ainda, segundo Pontes (1987), construções de tópico-sujeito, o que segundo a autora, deveria levar o PB a ser classificado como uma língua de tópico. Frente a tais mudanças enfrentadas pelo PB, acreditamos que essas características possam interferir na aquisição do valor paramétrico negativo para sujeitos nulos no inglês.

A discussão sobre o modo como se dá a aquisição de L2 também tem se mostrado complexa na literatura. Os estudos que abordam o fenômeno apontam que na aquisição de L2/FL, o percurso de aquisição parece ser bastante diferente da aquisição de L1, uma vez que os estágios de aquisição da nova língua ocorrem de forma menos natural e o estágio final do

adulto, na maior parte dos casos, diverge da gramática do falante nativo. Durante o processo de aprendizagem de uma L2/FL, o falante desenvolve uma *interlíngua* que para muitos autores se apresenta de forma sistemática, o que parece indicar que os aprendizes de L2, assim como os falantes nativos, representam a língua a qual estão adquirindo por meio de um sistema linguístico complexo (WHITE, 2003a). Como a aquisição de L2/FL não ocorre a partir do zero, pois já existe uma gramática com princípios e parâmetros estabelecidos, no caso dos adultos uma gramática completa, existem várias propostas para o estágio inicial de aquisição de L2. Algumas teorias defendem que a aquisição de L2 ocorre como a aquisição de L1, enquanto outras defendem que o estágio inicial seria a gramática da L1. Entretanto, segundo White (2003b), a relevância de se questionar o acesso a GU ou a interferência da L1 como excludentes perde força a partir da concepção atual adotada pelo Programa Minimalista. Para a autora, em muitos casos é impossível dissociar GU da L1, pois a GU está necessariamente manifesta na L1.

Contudo, fica claro que há questões de processamento do material linguístico que precisam ser consideradas quando se trata da aquisição de L2/FL. Clahsen e Felser (2006) levantam a *hipótese da estrutura rasa*, hipótese esta que defende que o processamento gramatical dos aprendizes de uma língua difere daquele verificado nos falantes nativos adultos, assumindo que os falantes de L2 utilizam estratégias de processamento ‘superficiais’, que privilegiam as informações semânticas, pragmáticas e lexicais em detrimento das informações sintáticas. Nessa mesma linha, Sorace (1996, 2011) defende que os bilíngues têm capacidades específicas desenvolvidas, assim como limitações decorrentes da necessidade de processar duas línguas em momentos específicos. Para a autora, em uma interação natural, os falantes bilíngues têm que ser capazes de inibir rapidamente a informação irrelevante naquele contexto, atualizar o modelo do discurso, a fim de integrar as informações que foram modificadas pelo contexto e pela avaliação do conhecimento apresentado pelo interlocutor. Acreditamos, portanto, que haja uma dificuldade de processamento por parte do aprendiz de inglês falante de PB resultante das limitações decorrentes da necessidade de processar duas línguas em momentos específicos de modo a evitar a interferência da língua indesejada, no caso a L1.

A fim, então, de promovermos uma primeira aproximação com o fenômeno em estudo, reportamos os dados de dois experimentos. Ambos buscaram verificar a sensibilidade dos aprendizes ao julgarem sentenças na língua alvo que apresentavam sujeito pronominal ou expletivo nulo. Dada a complexidade da gramática do PB, nossa hipótese de trabalho era a de que não se observaria uma transferência total, mas o surgimento de uma interlíngua que ora se

aproximaria, ora se afastaria da gramática-alvo, refletindo a sobrecarga de processamento que lidar com as duas gramáticas impõe. Os resultados foram justamente nessa direção ao indicar que (i) o valor do parâmetro do sujeito nulo parece ser transferido da L1 para a L2, uma vez que foi encontrado um alto número de respostas incorretas; (ii) a interferência se dá mais fortemente no âmbito dos sujeitos expletivos; (iii) há interferência de restrições gerais da gramática de L1 (restrições a V1) na L2; e (iv) a interferência diminui em função do aumento da proficiência em L2. Além disso, nas sentenças do tipo 2, com tópico, parece haver uma possível interferência do PB que acaba por mascarar a omissão do expletivo, o que indica uma dificuldade de integração de informações provenientes das limitações do aprendiz, uma vez que ele precisa dar conta de processar duas línguas em momentos específicos de modo a evitar a interferência da língua L1, que por ainda ser dominante exige mais recursos para ser inibida (SORACE, 1996, 2011).

A dissertação que ora concluímos, portanto, apresenta-se como uma primeira contribuição para os estudos relativos à aquisição de inglês como L2/FL por falantes nativos de PB dada a complexidade do fenômeno investigado. Nesse sentido, encaminhamentos futuros para a pesquisa poderiam ter como preocupação, por exemplo, questões de ordem metodológica, como a condução de experimentos envolvendo um maior número de participantes, além da possibilidade de utilização de testes *on-line*, o que acreditamos que poderá proporcionar uma melhor avaliação do processo envolvido no reconhecimento das sentenças agramaticais em inglês por parte dos informantes.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, M.R.A. As relações com as interfaces no quadro minimalista gerativista: uma promissora aproximação com a Psicolinguística. In: MIRANDA, N.; NAME, C. (Org.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005. p. 237-260.
- AVELAR, J. O. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 232-252, jan./jun. 2009.
- AVELAR, J. O.; CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, Porto, v.3, p.49-65, 2008.
- AVELAR, J.; GALVES, C. Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 26., 2011, Lisboa. *Anais*. Lisboa: APL, 2011. p.49-65.
- BARD, E. G.; ROBERTSON, D.; SORACE, A. Magnitude estimation of linguistic acceptability. *Language*, v. 72, p. 32-68. 1996.
- BORER, H. *Parametric syntax: Case studies in Semitic and Romance Languages*. Dordrecht: Foris. University of Massachusetts Occasional Papers 17, 1984. p. 19-47.
- CANATO, A. P. M. B. *A influência da língua materna/ primeira língua no processo de aquisição/ aprendizagem de língua estrangeira/ segunda língua: a questão sujeito gramatical*. Londrina. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências e Letras, Universidade Estadual de Londrina, 2003.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- _____. On *wh*-movement. In: Peter Culicover, Thomas Wasow, and Adrian Akmajian, eds., *Formal syntax*, 71-132. New York: Academic, 1977.
- _____. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- _____. *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge MA: MIT Press. 1982.
- _____. *Knowledge of language: its nature, origins and use*, Praeger, New York, 1986.
- _____. *The minimalist program*. Cambridge. Mass: MIT Press, 1995.
- _____. *Approaching UG From Below: Interfaces + Recursion = Language?* Sauerland, Uli and Hans Martin Gärtner (Ed.). New York: Mouton de Gruyter. 2007. p. 1–29.
- _____. On Phases. In: FREIDIN, R.; OTERO, C. P.; ZUBIZARRETA, M. L. *Foundational Issues in Linguistic Theory*. Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud. Cambridge, MA: The MIT Press. 2008. p. 133–166.

CLAHSEN, H.; FELSER, C. Grammatical processing in language learners. *Applied Psycholinguistics*, v. 27, p. 3-42, 2006.

COSTA, J. *PB e PE: orientação para o discurso importa? Estudos da Língua(gem)*, v. 8, n.1, p. 123 – 143, 2010.

COSTA, I.; RODRIGUES, E. ; AUGUSTO, M. R.A. *Concordância com tópico: o caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras*. ReVEL, edição especial n. 6, 2012.

COSTA, I. de O. *Verbos meteorológicos no plural em orações relativas do Português Brasileiro: sintaxe e processamento*. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian ; KATO, Mary Aizawa (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. *A perda do princípio ‘Evite Pronome’ no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. *Sociolinguística Paramétrica: Perspectivas*. Comunicação apresentada durante o I Simpósio Nacional de Estudos Linguísticos. UFBP. João Pessoa, PB. Setembro, 1997.

_____. Sociolinguística Paramétrica: Perspectivas. In: HORA, D. da ; CHRISTIANO, E. (Org.) *Estudos Linguísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Idéia. 1999. p. 107-114.

_____. The loss of the Avoid Pronoun Principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Org.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject*. Frankfurt am Main, Vervuert Verlag. 2000. p. 17-36.

_____. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

_____. On the ‘embedding’ of a syntactic change. In: *Language Variation in Europe: Papers from ICLaVE2*. Uppsala, Sweden: Universitetsstryckeriet, 2004. p. 145-155.

_____. *Sobre outros frutos de um ‘projeto herético’: o sujeito expletivo e as construções de alçamento*. Livro em homenagem a Mary Kato. São Paulo: Faperj, Campinas: Pontes Editores, 2007.

_____. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.

EPSTEIN, S.D.; FLYNN, F.; MARTOHARDJONO, G. Second language acquisition: Theoretical and experimental issues in contemporary research. *Behavioral and Brain Sciences*, v.19, p. 677-714, 1996.

EPSTEIN S.D., FLYNN, S., Martohardjono, G. The strong continuity hypothesis: some evidence concerning functional categories in adult L2 acquisition. In: FLYNN, S.; MARTOHARDJONO, G.; O'NEIL, W. (Ed.). *The Generative Study of Second Language Acquisition*. 1998. p. 61–77. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

EUBANK, L. Optionality and the initial state in L2 development. In: HOEKSTRA, T.; SCHWARTZ, B.D. (Ed.). *Language acquisition studies in generative grammar: papers in honor of Kenneth Wexler from the 1991 GLOW workshops*. Philadelphia, PA: John Benjamins, 1994. p. 369-88.

_____. Negation in early German-English interlanguage: more valueless features in the L2 initial state. *Second Language Research*, v. 12, p.73-106, 1996.

FERREIRA, M. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E.; VIOTTI, E. Sobre a gramática das construções existenciais com TER/HAVER. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 14, n. esp., p. 105-13, 1998.

FREITAS Jr. R. de. *Reflexos pragmático-discursivos da L1 na aquisição de inglês como L2: um estudo sobre o uso da cláusula VS*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____. Estrutura argumental e informacional da ordem VS: impactos na aquisição de inglês como L2. In: ENCONTRO DE CIÊNCIA EMPÍRICA EM LETRAS, 10. 2009, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2009.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. *Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Unicamp, Campinas, n. 34, 1998.

GRÉGIS, R. A. *Testes de julgamento Gramatical em pesquisas de aquisição de segunda língua*. Rio Grande do Sul, 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

HAEGEMAN, L. Register variation, truncation, and subject omission in English and in French. *English Language and Linguistics*, v. 1, n. 2, p. 233–270, 1997.

HOLMBERG, A. Null subject parameters. In: BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERTS, Ian; SHEEHAN, Michelle (Org.). *Parametric variation: null subjects in minimalist theory*. Cambridge: CUP, 2010. p. 88-124.

JAEGER, T. F. Categorical data analysis: Away from ANOVAs (transformation or not) and towards logit mixed models. *Journal of Memory and Language*, v. 59, p.434–446, 2008.

KATO, M. ; DUARTE, M. E. L. *Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese*. NWAV 32, University of Pennsylvania, Philadelphia, EUA, 2003.

KELLERMAN, E. Transfer and Non- Transfer: Where We Are Now. In: *Studies in Second Language Acquisition* 2:1, 1979. p. 37-57.

_____. Now you see it, now you don't. In: S. Gass ; L. Selinker (Ed.). *Language transfer in language learning*. 1983. p. 112-134. Rowley, MA: Newbury House.

KIM, So-Young. [+Topic]-driven EPP Satisfaction in the Acquisition of English by Korean Speakers. In: *Proceedings of the 2nd Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA)*. Somerville, MA: Alyona Belikova, Luisa Meroni, and Mari Umeda, Cascadilla Proceedings Project, 2007. p. 212-223.

MAIA, M. O acesso semântico no parsing sintático: evidências experimentais. *Alfa*, São Paulo, v.42, p.101-111, 1998.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. v.1, p. 127-140.

MARTINS, M. A.; COELHO, I. L. Notas sobre construções de indeterminação no português do Brasil. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 5, n. 9, ago. 2007.

MIYAGAWA, S. *Why agree? Why move? Unifying agreement-based and discourse-configurational languages*. Cambridge: MIT Press, (Linguistic Inquiry Monographs, 54), 2010.

MODESTO, M. *On the Identification of Null Arguments*. Doctoral dissertation. University of Southern California, Los Angeles, 2000.

MUNHOZ, A. T. M.; NAVES, R. R. Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C. *SIGNUM: Estudos Linguísticos*, Londrina, n. 15/1, p. 245-265, jun. 2012.

NEGRÃO, E. ; VIOTTI, E. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: PETTER, M. ; FIORIN, J. L. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 189-203.

PLATZACK, C. The Initial Hypothesis of Syntax. In: CLAHSEN, Harald (Ed.). *Generative Perspectives on Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 369-414.

PONTES, E. S. L. *O tópico do português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

RIZZI, L. *Null objects in Italian and the theory of pro*. In: *Linguistic Inquiry* 17:501–557. 1986.

RODRIGUES, C. *Impoverished morphology and A-movement out of Case domains*. Tese de doutorado. University of Maryland, College Park, 2004.

RODRIGUES, E₂ ; AUGUSTO, M. R. A. Modelos formais de gramática: o Programa

Minimalista vs. gramáticas baseadas em restrições HPSG e LFG. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 133-149, 2009.

RODRIGUES, E. dos S. O papel de mecanismos de controle executivo no processamento linguístico: diferenças de desempenho entre crianças e adultos em tarefas experimentais. *Revista Linguística*, v. 7, n. 2, 2011.

ROEPER, T. On universal bilingualism. *Bilingualism: Language and cognition*, v. 2, n. 3, p.169-186, 1999.

SCHWARTZ, B.D ; SPROUSE, R.A. Word order and nominative case in nonnative language acquisition: a longitudinal study of (L1 Turkish) German interlanguage. In T. Hoekstra and B. D. Schwartz (Ed.), *Language acquisition studies in generative grammar*. 1994. p. 317-368. Amsterdam: John Benjamins.

_____. *L2 cognitive states and the full transfer/full access model*. *Second Language Research* 12, 1996. p.40-72,

SELINKER, L. Interlanguage. *IRAL*, v. 10, n. 3, p.209-231, 1972.

SHEPHERD, T. Corpora de aprendiz de lingua estrangeira: um estudo de n-gramas. *Veredas (UFJF. Online)*, v. 2, p. 100-116, 2009.

SORACE, A; FILIACE, F.006). Anaphora Resolution in near native speakers of Italian. *Second Language Research*. v. 22,n. 3, p. 339-268.

SORACE, A. Pinning down the concept of ‘interface’ in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, v.1, p. 1-33, 2011.

VAINIKKA, A. ; YOUNG-SCHOLTEN. M Direct access to X'-theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. In Hoekstra T ; Schwartz BD (Ed.) *Language Acquisition Studies in Generative Grammar: Papers in Honor of Kenneth Wexler from the 1991 GLOW Workshops*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

_____. Gradual development of L2 phrase structure. *Second Language Research*, v. 12, p.7-39, 1996.

VIOTTI, E. *A sintaxe das sentenças existenciais do português do Brasil*. Tese de doutorado, USP: 1999.

WEIR, Andrew. *Subject pronoun drop in informal English*. Edinburgh, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - University of Edinburgh.

WHITAKER-FRANCHI, Regina. *As Construções Ergativas: Um Estudo Sintático e Semântico*. Tese de Mestrado. IEL: Unicamp, 1989.

WHITE, Lydia . *Second language acquisition and universal grammar*. Printed in the United Kingdom at the University Press, Cambridge, 2003a.

_____. On the nature of interlanguage representation: Universal Grammar in the second language. In: DOUGHTY, C.; LONG, M. (Ed.). *Handbook of second language acquisition*. Blackwell, 2003b. p. 19-42,

XAVIER, G. R. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. 2007.

ZARA, J. V., F. L. P. de Oliveira, R. A. de S. Selective transfer in the acquisition of English double object constructions by Brazilian learners. *Alfa*, São Paulo, v. 57, n.2, p.519-544, 2013.

ANEXO

Experimento final

Lista 1

Classify the English sentences below according to their acceptability in the language: (1) *yes*, (2) *probably yes*, (3) *probably no* and (4) *no*. If you wish, correct the wrong sentences.

1-The next World Cup is going to take place in Brazil. That's amazing!

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

2- When rains a little, they walk without an umbrella.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

3- Mary looked at the map, but she couldn't find the street.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

4- I saw Sandy at the school party. Was a beautiful girl.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

5- Mel can swim, but she is afraid of water.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

6- My sister bought a dress red and I would like to buy one too.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

7- The girl asked me to buy a new book.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

8- This year seems that Mary is getting married.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

9- I love Vin Diesel; he is a man handsome.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

10- It snowed so much that we didn't go to school.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

11- Mary will meet her friends at the movies. Love science fiction movies.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

12- It seems that Peter is sick.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

13- Mike's girlfriend is the girl tall.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

14- Although was very cold, Peter went swimming.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

15- Sandy seemed to be happy with her test scores.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

16-.Julia need to study more for her tests.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

17- Peter was very happy yesterday because he got a ticket to Disney.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

18- Today seems that it is going to rain.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

19- The doctor said that people shouldn't smoke in restaurants.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

20- I didn't go to the party yesterday because it was very cold.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

21- I met your parents at the party. Were a nice couple.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

22- My mother believes that Mike is as intelligent as Mary.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

23- She heard that beautiful girl playing the piano.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

24- This week seems that we are going to have tests.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

25- I would like to live in Europe. There are beautiful places to visit there.

Is it correct?

() *yes* () *probably yes* () *probably no* () *no*

26- My birthday was last week, so now I have 23 years old.

Is it correct?

() *yes* () *probably yes* () *probably no* () *no*

27- When snows in our city, we stay home.

Is it correct?

() *yes* () *probably yes* () *probably no* () *no*

28- Mary thinks that her teacher is as cold as her father.

Is it correct?

() *yes* () *probably yes* () *probably no* () *no*

Lista 2

Classify the English sentences below according to their acceptability in the language: (1) *yes*, (2) *probably yes*, (3) *probably no* and (4) *no*. If you wish, correct the wrong sentences.

1-The next World Cup is going to take place in Brazil. That's amazing!

Is it correct?

() *yes* () *probably yes* () *probably no* () *no*

2- I was worried. Was raining very hard when Peter left.

Is it correct?

() *yes* () *probably yes* () *probably no* () *no*

3- Mary looked at the map, but she couldn't find the street.

Is it correct?

() *yes* () *probably yes* () *probably no* () *no*

4- Although seems that Tom is stupid, he is good at math.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

5- Mel can swim, but she is afraid of water.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

6- My sister bought a dress red and I would like to buy one too.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

7- It snowed so much that we didn't go to school.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

8- Tom had lots of fun yesterday. Today is busy with many things to do.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

9- I love Vin Diesel; he is a man handsome.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

10- Sandy seemed to be happy with her test scores.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

11- Tourism decreased last Winter in Europe. Snowed a lot.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

12- The doctor said that people shouldn't smoke in restaurants.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

13- Mike's girlfriend is the girl tall.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

14- Although seems that the babies are sick, they are eating very well.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

15- The girl asked me to buy a new book.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

16- Julia need to study more for her tests.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

17- I didn't go to the party yesterday because it was very cold.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

18- The boys were always fighting. Nowadays are best friends.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

19- It seems that Peter is sick.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

20- Peter was very happy yesterday because he got a ticket to Disney.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

21- I went to the beach yesterday. Was very hot in the afternoon.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

22- My mother believes that Mike is as intelligent as Mary.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

23- She heard that beautiful girl playing the piano.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

24- When seems that my life is better, I get sick.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

25- I would like to live in Europe. There are beautiful places to visit there.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

26- My birthday was last week, so now I have 23 years old.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

27- My parents decided to travel next year. Tomorrow will buy the tickets.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

28- Mary thinks that her teacher is as cold as her father.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

Lista 3

Classify the English sentences below according to their acceptability in the language: (1) *yes*, (2) *probably yes*, (3) *probably no* and (4) *no*. If you wish, correct the wrong sentences.

1-The next World Cup is going to take place in Brazil. That's amazing!

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

2- It was so noisy in the classroom. Seems that the kids are too energetic.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

3- It snowed so much that we didn't go to school.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

4- The children didn't want to eat anything when were sick.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

5- Mel can swim, but she is afraid of water.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

6- My sister bought a dress red and I would like to buy one too.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

7- The girl asked me to buy a new book.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

8- Yesterday rained a lot in this city.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

9- I love Vin Diesel; he is a man handsome.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

10- Mary looked at the map, but she couldn't find the street.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

11- I have lots of things to do. Seems that the day is going to be difficult.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

12- The doctor said that people shouldn't smoke in restaurants.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

13- Mike's girlfriend is the girl tall.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

14- Tom prepared a delicious meal when got home.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

15- Sandy seemed to be happy with her test scores.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

16- Julia need to study more for her tests.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

17- Peter was very happy yesterday because he got a ticket to Disney.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

18- During the entrance exam snowed very hard.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

19- I would like to live in Europe. There are beautiful places to visit there.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

20- I didn't go to the party yesterday because it was very cold.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

21- The teacher told us to study. Seems that tomorrow we are going to have a surprise test.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

22- My mother believes that Mike is as intelligent as Mary.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

23- She heard that beautiful girl playing the piano.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

24- Mary didn't remember where had bought that book.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

25- Mary thinks that her teacher is as cold as her father.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

26- My birthday was last week, so now I have 23 years old.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

27- Last week was very hot.

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*

28- It seems that Peter is sick

Is it correct?

yes *probably yes* *probably no* *no*